



Sociedade das Ciências Antigas

AS CURAS DE CRISTO

CONFERENCIAS SOBRE O EVANGELHO

POR

PAUL SEDIR



TRADUÇÃO FEITA A PARTIR DO ORIGINAL FRANCÊS

LES GUERISONS DU CHRIST
PARIS - 1926

SÃO PAULO - BRASIL
OUTUBRO - 2016

INTRODUÇÃO

“Bendito seja, meu Deus, que ofereces o sofrimento
como remédio divino as nossas impurezas,
como a melhor e mais pura essência
que prepara os fortes para os gozos santos
.....

“Eu bem sei que a dor é a única nobreza
a qual nem a terra, nem os infernos jamais alcançarão
e para trançar minha coroa mística
todas as épocas e todos os universos são necessários
.....

“Pois em verdade, Senhor, o melhor testemunho
que podemos dar à nossa dignidade,
é que este soluço ardente que roda o tempo
venha a morrer aos pés de Tua Eternidade”

Charles Baudelaire

As criaturas veem ao mundo para cumprir um trabalho. No entanto, como uma fraternidade íntima unem todas elas, como as pedras de um templo universal, não podem terminar os trabalhos uns sem os outros; aquelas que terminam primeiro ajudam as atrasadas, de forma que a grande obra coletiva só pode ser concluída por uma união perfeita de generosos esforços.

Todo ser leva em si o desejo de crescer e tenta satisfazê-lo sem se preocupar com os problemas do próximo; estes, levados pelo mesmo desejo, também não tem cuidado algum. O método para um desenvolvimento harmonioso e são é conhecido: a lei moral, porém pouco seguido. Desobediências à lei moral criam sofrimento; a obstinação humana confunde a origem do sofrimento com o Mal. Pelos aborrecimentos que causam uns aos outros, os homens aprendem a moderar o egoísmo. Deus não pode ter criado o mundo senão pelo bem do mundo, pois este mundo não Lhe é necessário. Deus só pode ser bondade; os males só são males para quem os sofrem e são apenas meios de evolução, pois nada, nem mesmo uma pedra, vive e cresce sem absorver parcelas vivas de debilidade e sofrer por isso.

Esta constatação, à princípio desoladora, se suaviza quando uma janela no mundo místico, onde reina a Providência, se abre. Então, as verdadeiras características da dor e seus resultados espirituais aparecem; o homem percebe que os anjos sabem quando devem cavar seus sulcos; vê com surpresa que as provas só são cruéis na medida em que as rejeitam. Se o homem aceita, assimila o ser permanente do Martírio perpétuo e Suas poderosas energias. A única parte que sofre no homem é o *Eu*; o corpo não é sensível mais que pelas virtudes da vida psíquica que o preenche; a alma fica como testemunho impassível. A alma é a chispa divina, não é pecadora. Sua roupagem sim, se é que podemos falar desta forma, o espírito, o *EU*, a personalidade é quem pode obedecer ou desobedecer. É o *EU* que sobe, desce, sofre e sobre o qual se exerce a verdadeira terapêutica. É preciso elevar o *EU*, tirá-lo do mundo onde os *eus* se digladiam entre si e transplantá-lo no mundo onde pode se transformar em Servidor. Este transplante é uma transmutação, cujo alquimista se chama Jesus.

O homem é espírito e matéria. Ou a matéria encarcera o espírito ou o espírito eleva a matéria, sempre há desagregação de um ou desorganização do outro e como consequência: sofrimento. Estas alternativas de dominação depuram o mal que transborda no homem. O sofrimento é redentor, um “flash” de Jesus.

Mas, por que Deus permite o mal, por que permite todos os horrores em meio aos quais nos

debateamos?

Milhares de pensadores tem tentado resolver este enigma. Nenhuma resposta filosófica pode deter a sinfonia comovente do choro universal; só as respostas religiosas acalmam os que padecem; apenas algumas almas sobre humanas tem vencido o temor de sofrer e encontraram, por esta vitória, uma felicidade permanente, deste a terra.

Os pensadores que não percebem na Natureza mais do que uma imensa batalha de forças divergentes e de interesses, pensam que a solução do problema está em um conhecimento mais profundo das leis étnicas, sociais, científicas e por uma aliança mais sábia entre as relações que unem o indivíduo à coletividade. Os positivistas acreditam que a evolução natural trará necessariamente estes resultados ao final de vários séculos. Os deístas, que admitem a hipótese de um Ser supremo, se repartem nos campos. Uns não veem no Universo mais que as emanções materiais deste primeiro motor; este não pode intervir no funcionamento das leis cósmicas posto que elas constituem sua própria biologia. Neste caso, tudo está regido por uma justiça matemática; a hipótese da pluralidade das existências se torna plausível e as criaturas são os únicos autores responsáveis por seus sofrimentos, os quais não tomam como penalidade, mas como reparações dos males anteriores dos quais os pacientes se tornaram culpáveis pela contravenção das implacáveis leis da Vida.

Outros espiritualistas admitem que a Causa primeira é independente de sua obra, a qual não tinha porque fazer. Não creem na emanação, mas sim na criação do mundo, porque se Deus não fosse livre, não seria Deus. Este sistema cuja forma mais perfeita se expressa nos primeiros versículos do Evangelho de São João e se desenvolve na teologia católica, ensina que Deus contém não somente todo o imaginável, mas muitas outras coisas que se encontram além dos limites de nossa inteligência e de nossa sensibilidade. Este Deus poderia ter feito o mundo de outra maneira ou não cria-lo ou criar outros até o infinito, e nada prova que não haja universos diferentes do nosso.

Em consequência, toda criatura se encontra sempre e eternamente sob a aprovação divina. Esta conclusão, por mais indemonstrável que pareça, é a única que reserva aos seres a possibilidade de desenvolvimentos infinitos, que afasta a desesperança, que os torna capazes de superar a si mesmos; por que Deus, a quem eu não sou necessário, teve o trabalho de formar a minha pessoa, senão para o meu próprio proveito, por bondade? Se Ele é bom, o é perfeitamente. Assim, encontrarei Nele todo auxílio, todos os poderes e todos os conhecimentos. As penas e as moléstias que encontro em meu caminho são as justas consequências de minhas extravagâncias; precedem aos efeitos injustos da maldade que me rodeia e me parecem essencialmente como trabalhos preparados para meu uso pessoal, pelos cuidados de um Mestre muito sábio que me ama. Deus perfeitamente bom, não Se irrita conosco, não nos castiga e não se vinga. Só nos deixa sofrer as reações dolorosas de nossas desobediências, todas as vezes que não queremos escutá-Lo.

Um aluno conhece os projetos que seu professor planeja para o futuro? O soldado é informado sobre os planos do general? No âmbito universal, onde governam o tempo, o espaço e as condições, todo movimento provoca seu contrário. Em toda a extensão deste imenso campo de batalha, criaturas em luta desenvolvem suas energias para seu crescimento pessoal, assim como o adolescente espera obter seu diploma. Mas o resultado real de sua aplicação será construir para si uma inteligência limpa, rica e flexível, mais útil que todos os diplomas. Inclusive, na escola do mundo, as criaturas constroem para si, sem saberem, estas faculdades maravilhosas que os autores religiosos nos fazem pressentir quando falam de virtudes; pelo exercício das virtudes a Natureza e a Sociedade se transformam lentamente, no sentido da harmonia permanente e da paz universal. Além disso, quanto aos sofrimentos que acreditamos injustos, será que assim nos parece por conta da impossibilidade que temos de definir sua causa primitiva? Admitindo que só esta terra seja habitada, onde encontraremos uma inteligência bastante aguda para seguir a cadeia dos movimentos determinantes de uma desgraça? Somente até a trigésima ou quadragésima ligação? E se, de acordo

com a multidão que acredita em um universo invisível e tenta investigar neste mundo oculto as forças misteriosas que produzem determinada catástrofe material, não deveria confessar imediatamente a minha incapacidade?

Além disso, se conheço os mistérios, se me exponho desobedecendo a Lei, fazendo o mal, minha sabedoria não seria um mero cálculo egoísta? Poderia me conduzir tão alto e tão longe como quero, onde sinto que tenho que chegar?

Deus me criou, é Dele de quem venho e é à Ele que retorno; a mesma força deve voltar à Ele que me colocou aqui neste ponto abaixo. Eu sei que esta força é o Amor e não o Conhecimento, o Amor e não o Poder, o Amor, pai de todo saber e de todo poder. Voltou-se toda a energia de meu ser a Ele que me enviou, subo a Ele e as nuvens se dissipam à medida em que subo.

Deus é o mestre, a força de minhas submissões, é por Ele que eu tenho a força. Mas, se estou pendurado por ai e me machuco ao atravessar uma vala, não posso culpar mais do que a mim mesmo. São Bernardo de Claraval, este grande conhecedor e transformador de homens disse: “Que a vontade própria cesse e não faça mais enfermos”. Palavras tão sinceras que é preciso meditar por um bom tempo para compreender sua profundidade. Sim, somos nós mesmos que provocamos o sofrimento, somos os executores, pois nenhum outro ser possui o poder ou o direito de nos prejudicar se não lhes damos os meios para isso. Dura constatação, sem dúvida, mas às vezes é útil dizer coisas duras.

A palavra “pecado” significa exatamente transgressão, infração da lei. A Lei moral é idêntica à lei divina e nossa experiência demonstra que esta última consiste simplesmente no conjunto das leis universais da vida. O pecado contém uma desobediência e uma infração, uma perversidade moral e uma torpeza material. Esta se repara mediante sofrimentos materiais, enfermidades ou desgraças, mas a outra exige um agente moral que se chama contrição. O hábito de ouvir a palavra pecado desde a infância a tornou insignificante; expressa, na verdade, um drama patético. A contrição começa com o remorso, se afirma com o arrependimento e alcança toda a sua intensidade com a penitência.

Contrição quer dizer ruptura; é a dura pedra do *Eu* que estala sob o ardor do arrependimento e corrói o ressentimento expiador das lágrimas. Como o sílex, o *Eu* leva em seu centro um fogo secreto, hoje imperceptível, mas capaz de incendiar o mundo e de engolir as forças mais devastadoras. É a chispa do Verbo, a semente de vida eterna, nossa alma. O arrependimento é sua primeira explosão e quanto mais curtido está o coração, mais violentamente se rompe, mais se abisma o remorso, mais se lança às reparações futuras. Assim, a alma apresenta ao *Eu* a feiura do mal e se o *Eu* se reconhece, o coração arrependido sobe até Deus. A contrição verdadeira nos evita a desesperança e nos leva à vida, em direção à atividade mais intensa. Os grandes realizadores, os empreendedores do impossível foram quase sempre antigos penitentes, mais do que simples ambiciosos. No arrependimento existe uma emoção contagiosa inconcebível. Às vezes vemos uma mãe enternecida pelo choro de seu filho, perdoar-lhe, tomada de ternura, dedicando-lhe novos tesouros de devoção. Vide a parábola do filho pródigo. O Céu faz mais e Se mostra ainda menos racional que a mãe mais amorosa. Lembre-se da história do pastor que busca a ovelha perdida e a de Maria Madalena. O Pai nos ama. Não é um Deus soberbo e distante. Nos ama ternamente, com adorável inquietude, tornando-se tão pequeno como poderia imaginar o afeto mais perfeito.

A necessidade de agir empurra o homem implacavelmente. Constitui a escola de sua liberdade, o método de seu crescimento total. A cada momento se apresenta diante dele uma forma de Bem e uma forma do Mal; esta forma do Mal é sedutora ou fascinante; a forma do Bem é silenciosa e oculta; pois o Mal não tem nenhum escrúpulo para conquistar seus seguidores, enquanto que o Bem sempre respeita o livre arbítrio. Se o homem apenas escutasse sua consciência com a convicção de que ela é infalível, poderia se aperfeiçoar sem sofrer. Mas o homem tem a cabeça dura; acredita ser

mais sábio que Deus e as mais penosas experiências apenas bastam para lhe convencer de que é o autor de seus próprios tormentos. Cada prova é uma chamada à ordem e um remédio; esculpe pacientemente a maravilhosa estátua que nos tornaremos um dia. Deus não quer nos fazer sofrer; não quer nos fazer trabalhar. Mas, escolhemos por malícia ou teimosia, o procedimento de trabalho que provoca o sofrimento, em lugar de realizar as mesmas obras e os mesmos progressos na serenidade e alegria. Tenhamos em mente as palavras de Jesus: “Venham a mim os que estão carregados e cansados e eu os aliviarei”. Deus jamais quer nos atormentar, Ele só deseja que nos aperfeiçoemos.

Todo ato arrojado no campo do mundo é uma semente, não só indestrutível, mas que se multiplica com fecundidade crescente. Tanto o bem como o mal, se tornam mais fortes à medida que passam os séculos; é normal que a reparação de uma falta se complique em proporção à sua antiguidade. Tentar explicar o problema do sofrimento pela teoria do pagamento de faltas cometidas em existência precedentes é uma hipótese indemonstrável e só atrasa a solução. Que não haja para a alma mais do que uma só encarnação sobre a terra, ou várias; transmigrações anteriores ou posteriores em outros planetas – hipótese que a Igreja nunca condenou; que sofra um só indivíduo ou em holocausto pelas faltas de alguns de nossos irmãos; que seja em reparação de nossas faltas pessoais ou que a Providência nos submeta a estas provas para desenvolver em nós faculdades desconhecidas; que a sorte individual esteja em função do destino coletivo da raça ou da pátria; nada muda o fundo do problema e como este consiste em feitos inacessíveis, deve ser resolvido sem que conheçamos nada, antes de chegarmos à mística elevada desde onde o mundo pode ser percebido.

As injustiças que nos preocupam podem ser só aparentes. Ninguém pode vangloriar-se de compreender todas as causas da ação mais simples. Quem disse que os malvados a quem tudo da certo, não são felizes em virtude de algum pacto insuspeitável de seu espírito com os deuses do plano temporal e que estes não virão mais tarde a acertar contas? E a aparência de felicidade? Quantas misérias normalmente não escondem? Quem disse que os bons, quase sempre desgraçados, assim não são para que desenvolvam a paciência, a resignação, a fé em um ideal? Ou que não sofrem no lugar do outro, cegos demais para tirar uma lição de sua prova? Ou que não gozam do privilégio de reparar imediatamente suas próprias faltas, ou de pagar suas dívidas espirituais no intervalo mais curto de tempo? Nosso eu imortal, antes de reconhecer à Deus e à Cristo, havia escolhido há muito tempo fazer o menor esforço e ficou para trás. Desde o momento em que vê a Luz, um desejo imperioso de recuperar o tempo perdido emerge no Eu; ele sabe o preço; entrevê os gloriosos horizontes de seu futuro espiritual; pode ser então que aceite, que peça um período de trabalho intensivo. O *EU* terrestre não sabe de nada destes dramas; sua ignorância, que nos parece cruel, lhe procura os melhores resultados, porque lhe obriga a sair de si mesmo, a adiantar-se, a evadir-se a este mundo livre do Espírito, onde reina a fé, onde toda inquietude morre, onde se respira a paz imutável e a energia invencível.

O maior otimista é o místico; o maior voluntarioso, o místico; o realizador mais poderoso, o verdadeiro místico, porque vive no eterno e somente ali aparece o sentido de todos os enigmas e o valor absoluto dos obstáculos.

Qualquer que seja a teoria que se adote é necessário aceitar o sofrimento. Nenhum devedor paga suas dívidas negando-as. Quanto menos pessoais forem os motivos de nossos esforços, mais nobres, puros e fecundos serão. Olhem o Cristo!

Por que restringir nossos conceitos? Os verdadeiros sábios não concedem à imaginação o papel mais fecundo no descobrimento destas hipóteses, que iluminam de uma só vez todo um conjunto de ações e permitem classifica-las? A imaginação é o espelho, quase sempre embaçado, onde se refletem as paisagens invisíveis. Por que limitar a vida a este pequeno globo? Por que os outros mundos não podem estar habitados? Da sua biologia só sabemos aquilo que a física e química

terrestre nos revela. Nada sabemos do meio interplanetário; ignoramos como se comporta a termodinâmica e a fotodinâmica no espaço zodiacal. A astronomia repousa sobre a hipótese de que tudo ocorre no cosmos como na terra, o que é bem pouco provável para o filósofo. Qualquer outra hipótese se faz permitida. Aceita-se ou não a teoria das existências múltiplas; admite ou não a habitabilidade de outros planetas por criaturas semelhantes ou diferentes à terrestre; é necessário concordar que cada um recebe, nos mais pequenos detalhes da vida, desde todos os pontos do universo, milhares e milhares de influências corporais e psíquicas das quais somente uma pequena parte emerge à superfície da consciência. O que é possível perceber deste jogo infinito? O que se pode prever das possíveis consequências de um só gesto, que a elasticidade dos imponderáveis meios fazem reverberar através dos espaços e que fatalmente voltará sobre nós através dos séculos? O universo intelectual e o universo moral são ainda mais sensíveis, mais impressionáveis que o universo material. Quanto tempo é necessário para reparar uma desordem? Todas estas complexidades não tornam mais difícil e mais longa a reparação de um dano? Não simplificaremos nosso futuro, inclusive o futuro mais próximo, se vivermos com um cuidado moral mais justo? Só é possível aplacar a dor ou escapar dela, temporalmente; escutemos os relatos dos viciados que buscaram a desintoxicação; observemos o deserto interior dos egoístas que petrificaram seu coração. A maior parte dos homens se conforma quando sofrem, alguns tentam escapar, outros buscam o sofrer. Consideremos a sabedoria média, a princípio os desgraçados se revoltam; em seguida aprendem como suportar seu destino pelo estoicismo, pela nobreza da alma; mais tarde se dão conta das perspectivas religiosas e os imensos benefícios das expiações livremente aceitas; ao final, a loucura da Cruz os levam até aos céus místicos do sacrifício voluntário.

Mas, para respirar tão alto, um longo treinamento se faz necessário; utilizemos primeiramente as lições progressivas que a jornada nos apresenta, inclusive as mais fáceis; todas contêm uma luz.

“O amor todo poderoso dá à criatura
o sentido de sua desgraça, que leva ao arrependimento
por um caminho lento e elevado, mas muito seguro.”

Verlaine

Contudo, que os entusiastas tenham cuidado com os excessos. Se alguém está doente, deve cuidar do corpo, tentar superar o mal-estar sempre; se não se alcança a cura, se as lágrimas caírem, a prova levará seus frutos espirituais, pois Jesus, compadecendo-se por antecipação de nossas debilidades, quis falar como se Ele também fosse débil; sem temor de escandalizar o orgulho estoico, disse ao Pai: “Se for possível, afasta de mim este cálice”. Realmente, é preciso mais coragem para aliviar o corpo e secar o pranto, se colocando nas mãos de Deus, do que para se entregar aos golpes fatídicos da prova.

Os espiritualistas se inclinam a crer que um sentimentalismo vago e geral basta para cumprir seus deveres. Engano. Justamente na via mística é onde a energia, a coragem, a vontade vigorosa são mais indispensáveis.

Quando uma dor nos derrota, não temos que desejar seu fim; devemos empregar os meios razoáveis para amenizá-la, porém é preciso sorrir para a dor. Sabemos se os outros sofrem o mesmo ou mais que nós? O Mestre, não sofreu? Não sofre ainda e não sofrerá até o fim do mundo, infinitamente mais?

Quanto melhor utilizarmos o presente, mais belo o futuro que nos espera. Se alcançarmos a aceitação perfeita, na paciência serena e alegre, receberemos em troca a inalterável paz da união silenciosa com o Mestre da Dor e da Beatitude.

O egoísmo tem raízes tão profundas no homem, até a medula de seus ossos, até o topo de seu espírito, que para arranca-las uma paciência quase que infinita se faz necessário.

Aprendamos primeiro a não nos queixar. Gemer é fraquejar; não se impacientar, não perder a calma, não mendigar consolos, não sair contando nossas penas. Se quisermos crescer, se quisermos que o forte remédio faça efeito, não busquemos socorro em nenhuma criatura. Busquemos refúgio unicamente no Médico sobrenatural; Se Ele os cura, é porque os ama. Ninguém no mundo nos ama como Ele que chora ao nos ver sofrer.

Quando a dor se tornar insuportável recolha-se na solidão chore, reze, gema por algumas horas ou dias se necessário; mas não apareça diante dos homens, seus irmãos, senão com um rosto tranquilo. Tal esforço parece impossível? Não, muitos já o fizeram. Parece inútil? Não, nenhum esforço é inútil, muito menos aqueles que se ajustam perfeitamente à dignidade de tua alma, com o preço de tuas lágrimas.

Em verdade, nossas lágrimas pertencem somente a Deus. Pertencem ao Pai, pois estão vivas; pertencem ao Verbo, porque nos salvam; pertencem ao Espírito porque evocam a paz; pertencem à Virgem, porque são fontes de humildade. Só devem expandir-se na cripta mais secreta do coração e na noite da vontade, porque algumas estrelas emanam e derramam esperanças nas desesperanças inesperadas.

O hábito do sofrimento procura a força, porque demonstra nossa debilidade; a condição para se tornar forte é saber que se é fraco. Transmuta em vigor sobrenatural nossa debilidade natural e em fé criadora o vampiro da dúvida. A dúvida é o veneno mortal da energia, os tentáculos equivocado da vontade. Construamos bem uma fé; qualquer uma é preferível ao ecletismo, ao diletantismo, ao asceticismo, ao contrário, encorajemos o mais elevado motivo de ação: a obediência por amor.

Armados com essa força nos converteremos em triunfadores definitivos. O ateu sofre mais, se compararmos as dores; seus tormentos conservam todas as virtudes dissolventes e a aridez psíquica que lhe vence e consome preciosas energias; o nada objetivo atrai o vácuo subjetivo da incredulidade, enquanto que o martírio de uma ideia, que nem precisa ser muito elevada, é sustentado por uma alegria secreta e seu sacrifício sempre fecunda o terreno baldio do mundo moral. O sofrimento sofrido por amor engendra uma expansão espiritual diante da qual se abrem todas as grandes portas da beatitude. Aqui começa o trabalho do apostolado.

Sejamos humildes porque não podemos cumprir nada sem uma ajuda secreta. Abandonemos as inquietudes, ou melhor, deixemos que passem como em um espetáculo. Não nos aferremos, custe o que custar, aos nossos gostos, nem aos nossos projetos; o bem que podem conter, se os colocamos “nas mãos do Pai”, o Filho encontrará muitos meios de não deixa-los estéreis. Façamos o que podemos fazer; as cadeias do possível são elásticas e se tudo nos abandona, abandonemos tudo à Deus.

Por outro lado tenhamos cuidado com o excesso de zelo. Buscar o sofrimento pelo prazer de vencê-lo pertence ao orgulho; o Cristo jamais disse: “Sofram para me agradar”, mas ao contrário: “Venham a mim os que estão cansados e carregados e eu vos aliviarei”; “carrega meu jugo e aprende de mim porque sou doce e humilde de coração e encontrareis repouso para vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve”. E mais: “Quem quiser salvar sua alma, perdê-la-á”. E a parábola para os impacientes: “Que rei partindo para guerrear contra outro rei, primeiro não se senta e examina se pode com dez mil homens ir ao encontro do adversário que vem com vinte mil?” não se trata, portanto de sofrer, mas sim de superar o sofrimento.

*

Da mesma forma que o grão exposto ao sol sofre pela ação dissolvente dos agentes físico-químicos, uma decomposição profunda antes de lançar raízes e galhos, de amadurecer e reproduzir ao

cêntuplo, o *Eu* também deve ser confiado à Terra, experimentar o sofrimento, ser desassociado pelo fogo da dor, pela água das lágrimas e pela neve das ingratidões, para que possa renascer transfigurado pelos raios do Astro sobrenatural.

Assim compreendido, o sofrimento leva a frutos maravilhosos; nenhum ascetismo, nenhuma contemplação, nenhuma vontade audaz, nenhum amplo intelectualismo procuram como ele o saber verdadeiro, a força, a maestria de si. O paciente perfeito se conquista, conquista o mundo e mais ainda, conquista a amizade de Cristo e a beatitude. Os purgatórios, quando se sofre, nos elevam tão alto quando nos há precipitado para baixo. Não tenha medo de nada, a Luz em nós é imortal; pode ser obscurecida, adulterada, certamente; aniquilada, jamais; É a vida, o sangue místico do mundo, a medicina universal. É o que une em um só organismo todo o gênero humano; pela virtude desta unidade misteriosa, cada indivíduo é alcançado pelo sofrimento de todos, que se dilui na massa e arrasta os gérmenes da compaixão, preparando a plenitude das rosas do Amor Crístico.

O sofrimento paciente purifica o corpo e o coração, desenvolve a humanidade, o otimismo, o espírito de oração. Mas não se surpreendam se os verdadeiros servidores de Deus resistirem mais. Quanto mais se deseja a Cristo, mais rápido avança o espírito pelo caminho estreito e no mesmo espaço de tempo, se encontram maior número de obstáculos espirituais, os quais se expressam no físico pelas provas. Não falo de cristãos platônicos que só oferecem à Cristo desejos piedosos, mas sim de cristãos ativos que querem atuar e atuam.

Cada dor é uma morte parcial, prelúdio de um renascimento. Todo defeito moral fisicamente localizado em um dos órgãos sujeito ao sofrimento, morre e renasce em virtude. Isso porque a capacidade de sofrer é a medida do vigor moral.

O progresso não é um avanço em linha reta, é uma liberação; se empurra um extremo em um sentido, depois no sentido oposto tão longe quanto for possível e com a força de excessos em todos os sentidos, o *ser* alcança seu equilíbrio. A desgraça leva à felicidade e as penas à alegria. E como se abusa da felicidade, como na alegria adormecemos, surgem outras provas, depois novas alegrias; sejamos flexíveis, adquiramos calma, porque o Bem, rosto da perfeição eterna, sempre supera finalmente o Mal. Experimentemos, pouco a pouco, as lacunas da inteligência, as debilidades da vontade; voltemo-nos para Deus docemente, mas com certeza, de que Ele é o único recurso, e em fim perceberemos o Redentor. Sim Cristo, o sofrimento nada mais é do que um pagamento. Com Cristo o sofrimento se torna uma força transfiguradora.

Pergunte às vozes mais elevadas que a Terra já ouviu; todas são unânimes em proclamar a nobreza do sacrifício. Existe fora de nós um Ideal objetivo, uma entidade representativa do altruísmo e da devoção. Este Deus de Luz parece, muitas vezes, mais frágil que o deus do egoísmo, mas como é próprio do Amor doar-se, este vencido é na verdade o vencedor.

O Cristo é a encarnação deste Amor; mesclado com todas as criaturas, informado de tudo que ocorre, pela rara delicadeza de Seu organismo espiritual, atento por sua mais terna compaixão a todas as penas e a todas as esperanças, Ele pode dizer com toda verdade que o que damos a um aflito, oferecemos a Ele próprio. Cada paciente, em qualquer lugar que se encontre na imensa Natureza, comunica-se com Cristo; quando mais sofre intimamente com resignação, com mais efetividade seus sofrimentos são liberados do egoísmo.

Em determinado ponto, quando os sofrimentos pessoais se esgotam, a preocupação pelos outros cresce e nosso espírito, “com suspiros inefáveis”, pede para tomar um pouco das provas que nos rodeiam. Adentramos ali na via do apostolado, nos preocupando cada vez menos com nossa própria sorte; desejamos cada vez mais levar ao mesmo Pastor que nos curou e confortou as ovelhas ainda errantes:

A dor cristã é imensa,

como o coração humano;
 Sofre, depois pensa e,
 tranquilo segue seu caminho;
 Está de pé sobre o Calvário,
 cheio de lágrimas, sem gritos:
 É como uma mãe,
 mas, que Mãe e que Filho!

Ao contrário do que professam os filósofos humanistas, a dor só é fatal aos covardes. Como todos os sentimentos, pede para ser podada; é preciso se tornar impassível aos sofrimentos feios, baixos ou fúteis, assim eles diminuirão em número e nos purificaremos nobremente. Nenhum ideal é verdadeiro se não é belo. As lágrimas são preciosas; cuidemos de não secar a fonte divina, derramando-a por motivos indignos. Sobre os corações assolados por grandes angústias passam por sopros refrescantes do Espírito e, só para eles, o sofrimento se torna exultante e regenerador.

Depois disso, o que podemos temer? A ciência contemporânea não ensina ao positivista a conservação de todas as energias? Que motivo mais imperioso para quem só acredita na matéria que superar todo sofrimento, posto que suas forças não morrerão com ele, ao contrário, aumentarão a herança imponderável de sua família, de sua raça, da humanidade inteira? Não sabe o crente que sua resistência à dor não só viverá em nele, mas também será reconhecida por Deus, o grande Mártir, transmutada e logo espargida em maravilhosas bênçãos sobre o mundo inteiro?

Façamos o exercício de olhar na cara dos inimigos de nossa felicidade aparente, não como inimigos, mas como adversários leais cuja força é proporcional à nossa e, desde que nos comprometemos na luta, se torna impossível que nos façam mal, pois o mal seria precisamente não lutar.

*

Um dos motivos mais comuns da dor é a doença. Vejam bem, segundo os médicos, todo mundo leva em si uma doença ou o germe de todas as doenças e já se reconhece que a causa das doenças são de ordem fisiológicas e de ordem hereditária; mais tarde se reconhecerá uma ordem moral e depois uma ordem espiritual.

Consideramos o problema da doença do ponto de vista mais interior e profundo. Examinando a marcha do mundo, verifica-se uma justiça imanente que cobra as criaturas de seus desvios mais significativos. Sem pararmos para explicar este fato, segundo a teoria católica de uma existência única na qual a doença é uma prova que desenvolve as energias com as quais se edifica nossa personalidade ou, segundo a teoria oriental de existências múltiplas nas quais os sofrimentos são as reações aos excessos cometidos nas vidas anteriores, veremos como a doença nos permite aperfeiçoar a parte imortal, ou seja, a alma ou o espírito.

Na doença existe uma utilidade física: aprende-se higiene, temperança, cuidados do corpo; uma utilidade moral: desenvolvem-se energias; uma utilidade espiritual: faz com que o homem enxergue mais longe.

Como o homem deve se comportar quando a doença lhe alcança? Primeiramente cuidar do corpo por todos os meios legítimos, pois é seu servo e um bom instrumento de trabalho, mas só devemos melhorar por empréstimo. Segundo, sofrer com resignação, contrariamente à moral de inaceitável rebeldia preconizada atualmente. Jesus disse: “Possuidores pela paciência”; o Evangelho é uma escola muito dura e muito severa aplicando este preceito. Cristo disse: “O Reino do Céu pertence aos violentos”, ou seja, aos que desenvolvem em si a energia verdadeira. Deste modo, quando a doença chega, sofrer sem se queixar e esperar a cura sem impaciência. Reconhecemos na chegada da doença que há uma injustiça imanente e que ninguém sofre injustamente; como consequência,

aceitamos e nos tratamos o melhor possível. Esta é a verdadeira atitude a ser tomada. Nossas forças espirituais se desenvolvem e nos aproximamos do Reino de Deus. Enfatizamos que o Céu frequentemente nos coloca na presença do impossível, do inevitável, para mostrar nossa debilidade e nossa impotência, cara a cara de Quem é o Poder todo e toda a Realidade. Todos os médicos já enfrentaram casos sem solução. Só um recurso nos resta: apelar para o socorro do Grande Médico, ou seja, orar. A doença nos conduz à escola da oração, que nos conduz finalmente ao Reino da Luz e da Paz.

Em seu sofrimento o doente é levado a examinar a si mesmo, a percorrer seu passado e descobrir quase sempre o ato culpável, causa inicial da doença; este exame o conduz ao arrependimento, a reconhecer o erro, a tornar-se humilde. A humildade é a condição indispensável de nosso progresso. Como nosso dever é progredir, devemos levar a humildade conosco de forma constante e cada vez mais profunda.

Não é sem razão que existem doenças incuráveis, pois há seres que só podem pagar suas dívidas com sofrimento físico, porque a qualidade do sofrimento é proporcional à qualidade de quem sofre. Há aqui uma justiça que podemos constatar, mas que não nos impede de fazer todo o possível para diminuir o mal. Por outro lado, nunca critiquem os doentes, que talvez tenha condições de trabalhar pelo seu entorno; nunca julgar o doente, uma vez que este julgamento pode atrair para nós o peso que sofre o próximo, e que talvez no lugar dele teríamos nos comportado ainda pior. A vida nos envia ao nosso pesar, a uma escola prática e fértil em resultados das experiências. Mas não podemos sofrer as provas ou pagar as dívidas sem ajuda. A doença nos faz voltar para Deus, em quem não pensamos nunca, pois na vida pensamos e acreditamos que os êxitos se devem às nossas qualidades, que no fundo não são mais do que dons e examinando a causa de nossos fracassos, constataremos que se devem, quase sempre, a demasiada boa opinião que temos de nós mesmos.

Agora, como cuidar dos doentes? É preciso considera-los como prefigurações de Cristo, que disse: “Tudo que fizeres a um miserável, é a mim que fareis”. Esta é uma realidade viva e sempre atual. Quando por comparação, o Pai enviou seu Filho para salvar os homens Ele quis que sofrera todas as formas de sofrimento sobre a terra e em todos os mundos. Jesus tomava para si quase todos os sofrimentos dos que curava. Sua presença entre nós é sempre real e nenhum homem sofre sem que o Cristo esteja perto dele e tome sobre Si uma parte deste sofrimento. Assim, tudo o que fazemos ao próximo, é a Jesus que fazemos.

O trabalho do homem é desenvolver a compaixão, é abrir o coração, pois é ele que nos dá o ao homem seu verdadeiro valor. Este é o caminho. Recebamos com a mesma cordialidade a todos os seres e a todas as coisas, porque todos e todas são obreiros de Deus. O trabalho mais urgente é abrir o coração a um trabalho de fraternidade real e prática que alguns de vocês já começaram e espero queiram realizar. Toda minha alegria é poder ser útil a este trabalho, não importa de que forma.

CAPÍTULO I

AS CURAS MÍSTICAS

Marcos 1,21;2,22

Lucas 4,33-44; 5,12-39

Mateus 8,2-4; 8, 14-17; 9, 1-17

Jesus e seus discípulos chegaram a Cafarnaum no dia de sábado, entrando na sinagoga, ensinava. Todos estavam maravilhados com seus ensinamentos, pois tinha autoridade, não era como os escribas. Havia ali um homem possuído por um espírito impuro, que gritando dizia: “*Quem está entre nós? Eres tu Jesus de Nazaré? Viestes para nos colocar em perdição? Sei quem és: o Santo*

de Deus”. Jesus, então, lhe exortou e ordenou: *“Cala-te e saia deste homem”!* Chacoalhando violentamente o possuído, o espírito impuro lhe atirou ao chão, no meio da assembleia e saiu dele sem lhe fazer nenhum mal, dando um forte grito. Todos os que assistiam ficaram aterrorizados e se perguntavam: *“O que é isso, um novo ensinamento? Ele manda nos espíritos impuros com autoridade e estes obedecem”*. O Nome de Jesus se difundiu imediatamente na Galileia e região.

*

Saindo da Sinagoga foram com Santiago e João à casa de Simão e André. A sogra de Simão estava de cama, com muita febre. Contaram a Jesus que chegando perto dela, tomou sua mão e a levantou. A febre desapareceu e a senhora passou a servi-los. Com a chegada da tarde, depois que o sol se pôs, levaram até Ele todos os doentes e endemoniados. Toda a cidade estava na porta. Impondo as mãos em cada um deles, Jesus os curava, para que se cumprissem as palavras do profeta Isaias: *“Tomou nossas deformidades e levou nossas enfermidades”*. Os demônios saíam também em grande quantidade gritando: *“Tu és o Filho de Deus”*. Mas Jesus os ameaçava e os proibia de falar assim, pois eles sabiam que era o Cristo. Na madrugada, antes de amanhecer, Jesus foi a um lugar isolado e ali rezava. Simão e os que O acompanhavam foram procura-Lo; chegando até Ele, o reteram, pois não queriam que Ele os abandonassem. Disseram: *“Todo o mundo Te busca”*. Jesus respondeu: *“Vamos a outro lugar, vamos pregar nas aldeias vizinhas, pois é para isto que eu vim”*. Foi então a pregar nas sinagogas e em toda Galileia, expulsando os demônios. Um leproso veio a Ele e de joelhos lhe rogava: *“Se quiseres pode limpar-me”*. Jesus, movido de compaixão, estendeu suas mão e lhe tocando disse: *“Eu quero, seja limpo”*. No mesmo instante a lepra desapareceu e o homem ficou limpo. Jesus se despediu firmemente dizendo: *“Não diga nada a ninguém, vá ao sacerdote e oferece por tua cura aquilo que Moisés prescreveu, para que sirva de testemunho”*. Mas, apenas partiu e o homem saiu falando a toda parte o que havia sucedido, de maneira que Jesus não podia entrar abertamente em uma cidade; multidões corriam para escutá-lo e para curar seus males. Mas Jesus se retirava a lugares solitários.

*

Alguns dias depois, retornou a Cafarnaum. Ficaram sabendo e foram até ele, já não cabia mais ninguém, nem na casa, nem diante da porta. Então quatro homens lhe levaram um paralítico. Como não tinham como chegar até Jesus por conta da multidão encontraram uma abertura no teto, onde se encontrava Jesus, e desceram a cama do paralítico. Jesus vendo a fé de todos eles disse ao paralítico: *“Filho, teus pecados estão perdoados”*. Havia ali alguns escribas sentados que se questionavam: *“Como pode este homem falar assim? Blasfêmia! Quem pode perdoar os pecados, senão Deus”?* Jesus viu prontamente em seu espírito, que se questionavam interiormente e disse: *“Por que fazeis tais questionamentos em vossos corações”?* *O que é mais fácil dizer ao paralítico: “Teus pecados te são perdoados” ou “Levanta-te, pega tua cama e vá”?* *Agora, a fim de saberem que o Filho do Homem tem sobre a terra o poder de perdoar os pecados, eu te ordeno (disse ao paralítico): “Levanta-te, pega tua cama e vá para casa”*. O homem se levantou imediatamente, pegou sua cama, na frente de todos e partiu. Todos estavam estupefatos e glorificaram a Deus, dizendo: *“Jamais vimos nada parecido”*. Então Jesus partiu novamente em direção ao mar. Toda a multidão o viu e ele lhes acenava”.

*

Pelo caminho Jesus viu Levi, filho de Alfeo, sentado na coletoria e disse: *“Segue-me”* e ele, deixando tudo se levantou e o seguiu. Levi fez uma grande festa na sua casa; um grande número de publicanos e outros comensais estavam à mesa. Começo aos fariseus e escribas que perguntaram aos discípulos: *“Por que seu mestre come com publicanos e pecadores”?* Jesus, tomando a palavra disse: *“Não são os sãos que necessitam de médico, mas sim os doentes. Não vim chamar os justos ao arrependimento, mas sim aos pecadores”*. E disseram mais: *“Os discípulos de João jejuavam*

frequentemente e rezavam os fariseus também, mas teus discípulos comem e bebem”. Jesus respondeu: “Podem jejuar os amigos do esposo enquanto o esposo está com eles? Virá o dia em que o esposo não estará, então jejuarão” E lhes conto também esta parábola: “Ninguém põe remendo novo em veste velha, porque o remendo tira parte da veste e fica maior a rotura. Nem se põe vinho novo em odres velhos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho e os odres se perdem; Mas põem-se vinho novo em odres novos e ambos se conservem. Ninguém, depois de beber o vinho velho, desejará vinho novo, pois dirá: o velho é melhor”.

AS CURAS MÍSTICAS

Para curar através da oração é necessário lealdade, calma, benevolência; é preciso, acima de tudo, uma união constante com Cristo, o médico sobrenatural. Esta última condição contém e completa as outras.

O curador deve ser leal, sobretudo, em sua relação com as mulheres. Ele é o que mais deve vigiar conter e romper os impulsos das forças obscuras do instinto animal, sempre vivo. Lembre-se que um simples olhar de cobiça equivale ao adultério efetivo. Os pobres doentes buscam o curador quando se encontram sem defesa, necessitam socorro, confiam, como a um ser superior; é preciso estar duas, três, sete vezes de guarda contra os transtornos magnéticos do curador e dos doentes. O mal que se cometeria usando erroneamente seu prestígio espiritual seria um desastre, muito vil, muito carregado de grandes e pesadas consequências. O curador precisa de uma calma imperturbável. Calma para si mesmo e calma para seus doentes. Mais do que outros métodos, a terapêutica pela oração arrasta ao Invisível o que emprega, às regiões mais secretas, mais inexoráveis do Invisível e, em consequência, as mais férteis em surpresas. A tensão da oração à qual o místico se obriga constantemente, eleva, afina e sensibiliza seu espírito: ele recebe mais do que os outros homens os contragolpes de acontecimentos múltiplos bons ou maus dos quais os mundos sutis são o teatro, e que vem a se fixar sobre a terra e seus habitantes. Quanto mais alto sobe o místico, mais se introduz nas profundidades e mais as forças que seu espírito respira e assimila são ativas e seu modo de atuar desconcertante. Para preservar o equilíbrio intelectual, anímico e corporal, o terapeuta místico só tem um recurso: o sangue frio, a presença de espírito, uma prudência insigne, uma perfeita posse de si mesmo.

Os doentes, por sua vez, estão mais sujeitos à penetração das influências invisíveis, ainda que pelas costas. O desequilíbrio fisiológico torna os doentes vulneráveis; seus sofrimentos morais e corporais são episódios das lutas contra esta invasão. Aquele que os assiste pela oração, deve se mostrar duplamente tranquilo e forte: por si e por eles, por tudo que lhes falta de resistência e equilíbrio. Sobretudo na época atual, não aceite o que alguns doentes dizem sobre magia ou que são vítimas de práticas ocultas; isto seria algo bastante raro e, em todo caso, mais vale tirar o doente destas preocupações. Se disser algumas palavras aos teus doentes, seja em público ou de forma privada, não fale jamais de ocultismo ou bruxaria, nem mesmo do ponto de vista teórico ou para proibi-los. Seja bom. Que o grande preceito indispensável do amor fraternal esteja constantemente em teu coração e em tua vontade; o amor fraternal e puro despojado do egoísmo familiar, do interesse intelectual e do prestígio sentimental; o amor do espírito. Tenha interesse por cada doente, como teria por si mesmo: busque as palavras que confortam, o gesto que alivia; trate dos doentes com doçura serena; ignore suas impaciências e desatinos; perdoe, esqueça a ingratidão que possam demonstrar; abandone tua comodidade para satisfazer seus pequenos despotismo. Não perca nenhuma oportunidade de orar por eles; a prática faz o mestre. Não discuta, não dispute, não deprecie. Não olhe se se trata de consequências do alcoolismo ou dos deslizos; veja somente a carne que sofre e um ser desolado.

Seja bom como o Pai é bom, para todos, em tudo, por toda parte. Nada de ruidosa jovialidade, nem de cara franzida. Sorria. Acolha a todos como convidados bem-vindos, pois lhe vão dar motivos

para trabalhar, ou seja, a oportunidade de ajudar nosso Mestre, que se alegra ao ver tua obediência, alegria, felicidade. Seja feliz. Mantenha-se na alegria dos escravos do Amor e a transmitirá sem esforço, transformando a desesperança ao teu redor.

Enfim, viva na unidade, permanece na união. Antes de levantar o dedo, de lançar um olhar, de dizer uma palavra, examina se tuas mãos, teus olhos e tua língua estão com Jesus. Nada de murmurar nenhuma blasfêmia, nem em alto tom; nada de palavras em vão; não fale sobre as contas dos ausentes, fale somente quando estiverem presente. Não fale mal dos animais, dos objetos, do tempo, de ninguém. Não pense mais do que em Cristo, viva só para Ele; obedeça a Sua voz em tua consciência; atua pelo melhor; nutra o teu *EU* com alimentos que te repugnam; ajuda a viver tudo o que vive; vá diante dos tímidos e dos pobres envergonhados. Jesus disse aos seus discípulos: “Nada temeis, eu estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos”.

Você verá os incuráveis serem curados: não se surpreenda, prosterne-se e agradeça. Verá males insignificantes resistirem às tuas orações e jejum espiritual: também não se surpreenda, prosterne-se igualmente. Quem sabe se serás conduzido a infernos terríveis ou os anjos o levarão aos êxtases inefáveis? Não estranhe, prostre-se e adora. Quem sabe se você se esgotará nos desertos da desesperança? É ali onde Deus estará mais perto, prostra-se e adora sempre.

PRECAUÇÕES NECESSÁRIAS

Os textos canônicos, os apócrifos, as palavras atribuídas ao nosso Mestre, espargidas nas obras religiosas dos primeiros séculos não relatam mais do que um pequeno número das curas feitas por Ele; não mencionam todas as curas que eram do conhecimento de seus contemporâneos, que nada disseram sobre os procedimentos especiais os quais Jesus utilizava às vezes.

Acreditar que Ele só empregava a oração seria formar uma imagem muito reduzida de Seu poder. Nós, miseráveis, só devemos, só podemos rezar; todo controle de uma força imaterial constituiria por nossa parte uma violência usurpadora. Na condição de verdadeiro cristão, não colheremos um fruto, não tomaremos um alimento, não começaremos nenhum trabalho sem primeiro pedir permissão e proteção ao Pai, pois todas as coisas lhe pertencem e por Ele temos tudo. Omitir isto tornaria todas as nossas obras ilegítimas.

Mas Jesus, um com o Pai, forma real do Pai no mundo da relatividade, Mestre e Senhor das criaturas, manda legitimamente; Ele tem direito; não tem que prestar contas, pois é por Ele que as criaturas possuem o *ser* e a *vida*, e qualquer que seja Sua ordem, teriam prejuízo ao não obedecer-Lhe. Por outro lado, tal como um filho respeitoso, que apesar da habilidade para cultivar o jardim familiar, nada faz sem primeiro pedir a autorização de seus pais, Jesus, mesmo podendo fazer com que obedeam desde o mar até à montanha, o demônio e a doença, os anjos e os homens, jamais realiza qualquer milagre, nem toma nenhuma iniciativa sem obter previamente o consentimento de seu Pai celestial; No momento adequado Ele executa a obra pelos meios conveniente, segundo seu julgamento.

Nós, ínfimos, não devemos imitar esta referência até nas coisas mais comuns? Até mesmo quando oferecemos uma xícara de chá a um doente, deveríamos rogar ao Pai que por bem a abençoasse, pois ignoramos o todo da virtude especial deste remédio, ignoramos que a planta é a matéria prima e que agentes podem modificar suas propriedades, onde ela floresce, pelas mãos que as toca. A química botânica não nos ensina que os sucos vegetais se modificam segundo o sol, a estação e as horas? A química biológica não nos ensina que nosso organismo produz reações diferentes segundo as paixões que nos agitam? Diante de um doente a impaciência atuará fisicamente de outra forma que a piedade, a humildade atuará de outra forma que a suficiência. Quanto mais apelarmos a Deus, mais eficazes se tornarão nossos cuidados.

Esta regra se aplica com mais rigor a terapias não materiais, as quais exige maior prudência. Vejamos o motivo: O feito que percebemos mais clara e completamente é o das formas de vida universal que estão diante de nossos sentidos e os quais a física, a química e a história natural se esforçam por descobrir seus segredos. Este feito indica que o mundo dos corpos constitui nosso domínio atual, que podemos nos servir de suas produções e devemos melhorar nossa atividade levando-a ao mundo do Espírito por nosso esforço em direção à santidade. Temos o direito de investigar nos três reinos todos os medicamentos possíveis, temos o dever de revelar nossas descobertas sem avareza e devolver a Deus a homenagem de reconhecimento que Lhe corresponde. O homem é insaciável. Não contente em explorar os recursos infinitos da Natureza física, antes mesmo de esgotá-los, já que cada um de seus três reinos (mineral – vegetal – animal) contém, por si só, remédio para todas as enfermidades, nos aventuramos temerariamente nos domínios desconhecidos. O magnetismo é um auxiliar maravilhoso, mas que necessita mãos puras para administrá-lo sem perigo; o espiritismo confunde nossos mortos e desequilibra os médiuns; as artes mágicas violentam aos invisíveis, os aprisionam, os deportam e os matam; o hipnotismo é brutal; a sugestão encadeia, ao invés de libertar, provoca a rebeldia ao invés de curar.

Contudo, os mais poderosos magnetizadores não conhecem o magnetismo como os mais fortes atletas não conhecem as leis neuromusculares. Existem também doenças que resistem aos médicos mais sábios. Ninguém pode dizer com certeza o que são os espíritos, os gênios, os deuses, nem que diferença há entre uma sugestão e uma ordem hipnótica ou entre uma concentração mental ou uma emissão de vontade. Sem dúvida que centos de livros falam de tudo isto, mas não podem ensinar a verdade, porque seus autores não estão mergulhados na Verdade, que está no Verbo. Nem mesmo eu. Se bem que não possuo este conhecimento perfeito, mas tenho a vantagem, como vocês, de saber que não sei nada. Porque nos damos conta de nossa ignorância, temos somente à Cristo e, de vez em quando, segundo as necessidades do momento, segundo nossa debilidade, Cristo nos mostra a Verdade sobre determinado ponto.

Não fale mais do que coisas gerais, porque por prudente que seja, por baixo que se possa descer na consciência do próprio nada, a tentação do Saber é sempre possível; uma queda é possível e a posse de um segredo requer sempre uma responsabilidade. Enquanto não cumpramos todos os deveres familiares, sociais, profissionais, que engendra nossa pequena ciência do mundo físico, Deus não nos revelará nenhum dos mistérios invisíveis, porque não saberíamos servir sem dano para os outros e para nós mesmos. Os discípulos a quem o Verbo revela algum segredo, só se preocupam em servir a seus irmãos, sem dizer nada, por medo de que qualquer imprudência e orgulho o segredo o abandone.

Hoje em dia se desenterram doutrinas que pretendem conduzir o controle destas forças desconhecidas. Todas estão no erro. As energias ocultas que estuda o esoterismo são apenas fluidos criados, ou seja, submissos às leis mecânicas da relatividade, cuja ação contém limites e a necessidade de condições precisas. O mesmo acontece com toda a Natureza, são reflexos invertidos de outras forças, absolutas, reais, incondicionadas. Estas pertencem ao Reino de Deus, ao mundo da Glória onde Jesus é o Chefe; elas são os agentes de Seus milagres; sua ação é intocável e perfeita, não estão ao alcance de quem vive fora de Cristo e, por outra parte, entre os que trabalham sob Sua lei, poucos são dignos de receber alguma. A teologia as conhece pelo nome de graças e dons do Espírito Santo.

Nunca há na terra mais do que três servidores de Cristo perfeitos o bastante para se tornarem instrumentos destas forças eternas. Nenhum deles se iguala a perfeição humana de Jesus e a mais perfeita criatura permanece para sempre infinitamente distante do esplendor divino de Cristo. O homem mais sábio não faz outra coisa senão recitar uma lição recebida pelo seu ser imortal; o taumaturgo mais poderoso se for cristão, só maneja um fogo emprestado pelo Céu ou, se não for cristão, um fogo roubado com violência ou por astúcia nas forjas secretas da Natureza. Só Jesus é

onipotente e onisciente; Só ele ensina com autoridade, só Ele ordena com pleno direito.

Vemos assim que a humildade é a primeira condição necessária para curar em nome de Deus; uma humildade constante e plena, uma humildade que contém o perdão das ofensas, seu esquecimento e que reduz o amor próprio a uma medida tão pequena que os adversários não encontram onde ferir; uma humildade que engloba todas as obediências e todas as renúncias, que engendra a confiança, a alegria inalterável, a doce paz, que difunde ao seu redor os suaves perfumes dos campos eternos. Não sabemos até que ponto tudo depende do Pai; os mais venerados de seus servidores, por mais surpreendentes que nos pareçam seus discursos, não viram até onde se estende, até onde descende esta dependência universal. O mundo vive de Deus; mais apertado que a urdida trama do infinitamente pequeno, a trama da Providência nos envolve e penetra por todas as partes. Até Satã, por maior que seja com sua formidável rebeldia, só chega a ampliar aqui e ali algumas malhas da rede viva do Amor. Enquanto isso as rebeldias humanas seriam de provocar risos se não fossem penosas. Não é o sentimento de nossa debilidade o que deveria nos tornar sábios, mas sim de nossa ingratidão; não são nossos pobres e pequenos atos o que ferem o coração paternal de Deus, senão seu princípio de perversidade.

A ORIGEM DA DOENÇA

Um grave compromisso tácito se inicia no momento em que o discípulo se apresenta diante de um doente. Ele está ali em nome de Cristo, sob Seu manto, empregando as forças que Seus sofrimentos criaram, tomando Seu lugar, por assim dizer. A inteligência terrestre do doente e os assistentes podem não ver esta formidável substituição; mas seu espírito vê os anjos e os invisíveis também. A cada segundo se arrisca em converter-se num usurpador. O ministério do taumaturgo místico é uma carga esmagadora; exige uma perseverança sobre humana, uma humildade sem fundo. Seria necessário recordar algumas coisas antes de seguir com nosso estudo. A ternura do Pai nos oculta Sua grandeza e, quanto a Cristo, o desejo que Lhe consome de nos salvar faz com que se torne tão parecido a nós que nos esquecemos de Seu poder e de Sua beleza indescritível. O gesto interior pelo qual voltamos nosso Espírito para Deus, nós, átomos, de frente ao Ser sem medida, é um gesto que, visto verdadeiramente como é, deveria parecer-nos como o mais temerário e só devíamos permiti-lo no tremer do temor sagrado. Mas, a força de ouvir dizer que Deus é bom, que Sua indulgência é infinita, que Seu amor nos permite tudo, perdemos o respeito e nossa relação com Ele se tornam de uma familiaridade insolente. Estejamos alerta reavivando de vez em quando estas noções elementares indispensáveis.

As prerrogativas supremas que Nosso Senhor, o Cristo, recebeu do Pai, Ele nos oferece perpetuamente. Para recebê-las o espírito deve entrar no palácio guardado por legiões de anjos; as chaves deste palácio se forjam nas obras mais simples do amor fraterno; nas mais difíceis também, como abster-se de falar e defender os ausentes atacados. Mas isso é somente visitar de vez em quando o palácio maravilhoso; é preciso ser capaz de habitá-lo, viver ali como se ali tivéssemos nascido, tomar suas maneiras, sua linguagem e sua mentalidade. Aplica sistematicamente a indulgência para os defeitos do próximo e o rigor para teus próprios defeitos; discrição na linguagem, impulso espontâneo para com os mais fracos. Estes são os sinais pelos quais se reconhece os corações que vivem na Luz.

Repita o mesmo esforço milhares de vezes antes que tua língua recuse pronunciar uma palavra má, mas em seguida serás amigo de Cristo e dos cidadãos do Céu. De tudo o que há ali: frutos, fontes, harmonias, energias, protótipos eternos das forças naturais que a ciência positiva e o ocultismo se esforçam em captar, poderás dispor. Poderás, em nome de Jesus, mandar na doença, na tempestade, na morte, nos animais selvagens, sem treinamento, sem contenção, sem fórmulas, sem ritos. É a maneira de falar que as Escrituras chamam de “dom das línguas”. O amigo de Deus pronunciará, por exemplo, um discurso em francês e os ouvintes de qualquer país compreenderão; poderão

questioná-lo em qualquer idioma e ele responderá perfeitamente; os animais inclusive, as plantas e as pedras podem conversar com o verdadeiro discípulo. Além do mais, tudo está no universo do Espírito; qualquer um de Seus inumeráveis poderes (só existem sete) procura a quem o receba com toda soma de Luz que seu ser possa conter. Mas este já é outro tema.

Para curar misticamente, ou seja, totalmente, toda a sucessão de órgãos afetados, desde o centro espiritual até o corpo material, desde a origem ancestral da doença até suas últimas consequências na descendência, se faz necessário viver uma vida dupla. É preciso ver, ouvir, pensar e atuar sobre a terra; é preciso ver igualmente os anjos e os espíritos imortais, falar com eles, trabalhar com eles, contemplar as paisagens celestes, escolher os objetivos divinos.

Eis as exigências dos homens livres.

Antes de chegar a este estado só podemos aliviar os doentes, ajudar os miseráveis e rezar por todos; não podemos mais do que isso, mas estas pequenas coisas constituem o mais rigoroso dos deveres. E quando o cumprimento destas obrigações capitais nos ocasione gastos, fadigas, desenganos, recolhemo-nos, pois estas penas sofridas por amor diminuirão as dívidas de nossos irmãos. Por mais amargas que sejam nossas decepções, algumas podem parecer injustificadas para nossa visão estreita, guardemos uma humilde e robusta confiança. Todavia, bastante distantes da função sublime de “soldado” que sofre em holocausto, vegetamos na prisão por dívidas; assim, nenhum sofrimento pode nos ocorrer sem que seja justo e suportável. O injusto, o insuportável, são fantasmas nascidos de nosso orgulho ou de nossa fraqueza. Nossas provas nunca excedem nossas forças. Muitas vezes, sem nos darmos conta, Deus pela intermediação de um de Seus servidores, prorroga o vencimento destas dívidas, nos evita uma doença, um acidente, um desgosto. Nosso Bom Pai toma como pretexto o pouco bem que fazemos para desviar de nosso caminho a trajetória fatal de um sofrimento engendrado antes por uma de nossas faltas e por causa de nosso esforço para o melhor, a misericórdia divina põe, a pesar de tudo, em nosso crédito esta dívida não paga.

O que concluir de tudo isso? Que uma cura é sempre um favor distinto. Os procedimentos ilícitos, a magia e a vontade não curam, só suspende por um tempo os efeitos físicos da doença; é como um ladrão que deixa de roubar enquanto está preso. A medicina comum cura o corpo, mas como não alcança o plano espiritual, se o doente liberado não obtém do Céu a anulação de sua falta, através de um arrependimento perfeito e uma vida melhor, o mal pode reaparecer mais tarde com grande violência. Se a cura chega pela oração, o paciente fica limpo, se é que não recai no mesmo pecado que engendrou seu mal. O doente deve compreender, que em todo caso, ele não recobra a saúde até que alguém carregue sua dívida. Com efeito, nada do que vive morre. A doença quando abandona uma de suas vítimas, não morre. Mas a resignação dos enfermos, sua coragem para curar-se, o arrependimento de suas possíveis faltas, sua confiança em Deus, suas orações suavizam progressivamente o rigor do vírus mórbido e um discípulo puro, um soldado de Cristo pode até, através de seu holocausto voluntário, transformar este veneno em bálsamo e este inferno em paraíso. Os procedimentos humanos ocultam, encadeiam e atenuam a doença; só o procedimento místico a transforma e regenera.

Ninguém, nem um soldado de Cristo, nem um simples crente tem o direito de tomar voluntariamente o mal de outro, porque ninguém é mestre do seu corpo. Os procedimentos de substituição, de transplante de uma árvore ou um animal, de encadeamento mágico, são proibidos pela lei de Cristo; são crimes e se pode dizer com justiça: o remédio é pior que a doença. O homem livre que cura a um doente, paga em seu lugar, mas por uma transposição de méritos, por uma transferência espiritual, e quando um médico cura um doente pelos procedimentos da terapêutica natural, se produz também um deslocamento de dívida, ainda que completamente diferente do primeiro; o remédio da um sobressalto de energia no organismo e o esforço deste para se defender lhe vale uma ajuda gratuita da misericórdia divina, mas só o corpo, neste caso, que é socorrido; a mancha espiritual permanece, pois só um homem livre pode suspendê-la e apagando-a, curar

completamente. Não é operativo alguém conhecer o mecanismo detalhado destes fenômenos. Roguemos para que sejamos os doentes ou os médicos ou os sinceros servidores de Cristo.

Um dia possuiremos o Espírito Santo, quero dizer que o Espírito Santo nos possuirá e Ele cumprirá, por nossa intermediação, tudo o que os homens inventam com seu cérebro, magnetismo e vontade. Nenhum ser resiste às ordens do Espírito, nem a pedra do caminho, nem os sóis da via láctea, quaisquer que seja as circunstâncias do momento. As curas de Cristo, inumeráveis e instantâneas, levam o selo do Espírito. Não esqueçamos que este poder soberano exercido pelos homens livres comporta a dolorosa contrapartida que acabo de ensinar: o martírio interior e perpétuo do Amor. O Espírito é Amor e repousa unicamente nos corações onde só vive o Amor. Mas não sejamos temerários; não tentemos imitar estas exigências excepcionais, contentemo-nos de aliviar nossos irmãos através dos pequenos meios que estão ao nosso poder. Nunca desprezar algum destes modestos esforços é uma tarefa bastante difícil.

AS DOENÇAS

As doenças são os resultados dolorosos de mistérios indecifráveis. Aqueles que podem penetrar as causas primitivas, as causas espirituais, são também incapazes de se impacientar diante das exigências de um doente, ainda que pareçam injustificadas; são incapazes de condenar ao próximo, mesmo que pareça responsável por sua desgraça. Se nos revelaram estas causas, a nós, que somos vãos, agressivos, felizes com nossas comodidades, teríamos o pretexto de desfazer-nos dos que sofrem; seríamos tão duros, impiedosos diante destes pobres seres que recairia sobre nós os mais cruéis destinos; os mesmos obstáculos, os mesmos inimigos que fizeram cair nossos irmãos, nos fariam cair também, de forma mais rápida e mais baixa, por causa de nosso orgulho; o número de doenças aumentaria e nasceriam doenças novas, como em épocas de juízos. A ignorância na qual o Céu nos mantém é boa e prudente.

Ao ver um pobre homem caído na calçada, vítima de uma crise, se pensar: “Pior para ele, não deveria beber mais”, neste momento mudo a direção de meu destino e meu ser se direciona a um acúmulo de circunstância que, mais cedo ou mais tarde, o deixará aflito pelas mesmas fraquezas e penas que levaram aquele homem ao alcoolismo. Resistirei melhor que ele? É provável que não, porque terei confiança demais em minhas forças. Mas se diante da mesma cena deixo de emitir o desprezo que surge do meu coração ruim, por medo de sofrer mais tarde uma tentação parecida, não sou caridoso, mas um hábil egoísta; O Destino me colocará qualquer dia destes, na mesma, com outros egoísmos calculadores.

Mas se percebo, nesta forma caída no chão, no meio do lixo, um corpo destruído pelo sofrimento, um espírito esgotado pela dor; se me esforço por acalmá-lo, reconforta-lo, talvez por não ter coragem de olhar as Trevas de onde geme este irmão desgraçado, Deus poderá despertar a Luz adormecida no fundo de seu coração e esta doença será curada. Para obter tais milagres necessitamos de amor fraternal e ativo, livre de cálculo, de indecisões e arrependimentos.

Como fazer para não julgar? Todos sabem que tal enfermidade tem tal vício por origem; sem dúvida é preciso dizer: “Eu não caí nesta armadilha, eu não cairei”. É preciso reconhecer que é muito fácil cair. Pois, em suma todos os membros da grande família humana levam em si as sementes de todos os males e de todos os bens e são sempre os mais altos ante Deus os que acreditam serem os menores. Ninguém pode condenar ninguém, mas ainda quando do mal a Providência faz sair um bem.

A sede de nos conhecer nos consome; para saciá-la nos lançamos na aventura ao invés de esperar que Deus nos ensine algo, se estivermos preparados. Tenho lhes mostrado exemplos de situações difíceis, que nos tiram a paciência. No entanto, nossos esforços de libertação, ainda que torpes,

desenvolvem nossas forças e nos faz avançar, apesar de quase sempre nos extraviamos. A terna solicitude divina utiliza nossos erros para o nosso próprio progresso.

Discípulos dóceis de Jesus, à oração basta para obter a cura dos doentes e a vossa caridade lhes trarão o alívio. A observância das máximas Evangélicas é o único método, o único treinamento que o Mestre nos propõe para renovar seus milagres. Quando Ele devolve a saúde a alguém, diz: “Tua fé te salvou” ou “Teus pecados lhe são perdoados”. Mas nós não temos o direito de exigir a fé daqueles a quem ajudamos; só podemos pedir por eles, para que a Misericórdia os salve, apoiando nossa petição com um sacrifício qualquer, com um jejum espiritual. Não podemos esquecer que alguns sofrem por motivos diferentes à sua expiação pessoal. No entanto, alguns casos são tão estranhos que algumas noções bastam para conservar intacta vossa confiança na bondade e na justiça divina e vossa certeza de que o Pai tudo vê, que nada ocorre sem Sua permissão.

Existem no ser humano dois fogos espirituais cuja chama arde em duas direções opostas, porque são de natureza contrária. Um é a vida natural, o *EU*, o egoísmo, o corpo e seus instintos; o outro é a vida sobrenatural, o amor puro, o espírito e suas aspirações. Aquilo que um busca, outro recusa; o bem de um, faz a dor do outro. Uma das metas da vida é unir estas chamas divergentes, fazer com que o espírito desça ao corpo, elevar a vida corporal à vida espiritual, reuni-las, uni-las, fazer com que vivam em harmonia.

Nosso *EU*, nosso livre arbítrio, ainda na infância, duvida entre estas tensões e distingue mal entre eles, o corpo ou o espírito exala os gemidos que lhe confundem. Como o corpo está mais perto, tendemos a pensar que será ele e dificilmente nos voltaremos às vozes do espírito, afugentando todos os recursos da Natureza para aliviá-lo, buscando inclusive nas regiões proibidas métodos de cura mais poderosos. A Oração e a purificação moral poderão por si só evitar este erro duplo: a rebelião contra o sofrimento e o emprego de meios ilícitos, proibidos por serem perigosos.

Aqui está a origem desta constante batalha cujo cenário é o nossa pessoa. Antes do Nascimento, o *EU*, que já existe, é informado por alguns anjos dos trabalhos que deverá cumprir durante a existência terrestre, prestes a lhe ser dada. Em alguns casos muito raros, é possível escolher entre vários trabalhos, mas esta escolha só é oferecida se a Luz que carrega é bastante forte para dar-lhe a coragem de tomar o caminho mais penoso, onde se purificará mais. Na imensa maioria de nascimentos, ao contrário, a escolha não é proposta; o sujeito só vê as tarefas que lhe esperam, mas, neste momento se encontra na Luz de seus guias; vê as coisas do ponto de vista do Céu, se julga capaz e, em geral, aceita as fadigas que lhe são mostradas.

Quando um incurável geme e se revolta em seu leito de dor, é o corpo que resiste; pode ser que o espírito luminoso deste mártir se regozije na exaltação do sacrifício aceito; o ser estendido diante de vós ignora este processo; ao contrário, os espíritos dos felizes, dos fortes que se aproveitam da vida e triunfam lamentam e sofrem nestas trevas mortais que são as alegrias deste mundo.

Portanto, não julguemos jamais; não queiramos que nossos doentes se curem a qualquer custo; que nossas humildes orações não se convertam em ordens voluntárias à doença; é um ponto fácil de escorregar.

FALSAS CURAS

Existem procedimentos de luta contra o sofrimento que o Céu não quer que usemos? O Céu exige que sofram? Respondo sim para a primeira questão e não para a segunda. O Pai, o Cristo, a Virgem, todos os habitantes do Céu sofrem com o sofrimento humano; sofrem ao ver sofrer a menor das criaturas. Eles nos dão os meios para que não sofram, meios eficazes e sem riscos, e se alguns remédios imateriais nos são proibidos, é porque nos trariam, depois do alívio temporal, um

mal mais grave e irreduzível.

Os modos de vida são muito numerosos no universo. Só temos consciência de alguns: o físico, o mental, o afetivo e ainda há outros físicos, intelectuais, além de outras formas de amar que não conhecemos. A consciência que o homem possui destes modos de vida gerais é sinal de que podem usá-los. É um jardim onde entra num momento preciso de sua evolução; ele deve cultivar o jardim, tem o direito de servir-se de suas plantas, frutos, flores cujo crescimento cuidou. Mas, não tem o direito de invadir outro jardim, por astúcia ou força, como um ladrão, e lá colher flores e frutos; isso poderia ser muito prejudicial, além de correr o risco de ser golpeado pelos guardas.

Assim, usar para sarar o corpo tudo o que os três reinos, mineral, vegetal e animal, nos oferecem é um direito e um dever. Mas, tomar o espírito de uma planta ou de um animal para um transplante à la Paracelso, unir uma doença a uma pedra ou árvore, como fazem os feiticeiros; cortar uma doença por meio dos espíritos elementares, como ensinam os magos; dar ordens a uma doença em nosso próprio nome, como permitem os sugestionadores são práticas reprovadas pelo Céu: isto é projetar um mal próprio sobre um ser inocente; é atentar contra a liberdade de uma criatura é desordenar o que a Providência ordenou. Estas práticas fazem do homem um deus orgulhoso, quando deve ser humilde e servidor de todos; por fim, estas práticas só curam temporariamente; Como diz a palavra do Evangelho: “o mal preso volta com outros 7 companheiros e o estado do paciente piora”. Feliz o curador temerário que paga sua imprudência de imediato, nesta vida e não na outra!

Os métodos permitidos como a medicina comum, o magnetismo, a intercessão dos santos, não curam, apenas fazem desaparecer o mal físico por certo período, mas não chegam à causa espiritual. Não moraliza o ladrão ou o bêbado aprisionado; assim que a cela ou a garrafa for aberta, ambos voltarão ao que é seu. O castigo apenas muda os corações, assim como o tratamento médico não toca mais do que o corpo; o tratamento magnético só toca a envoltura magnética; o santo invocado não pode mudar uma alma, pois o fiel não disse; “Grande Santo, peça a Deus que me cure”, mas sim: “Grande Santo, cura-me”.

A causa mais frequente da maioria das doenças é o pecado; é quando o coração espiritual é envenenado, sua corrupção avança cada vez mais pelos diversos corpos sutis dos homens, alcançando o corpo físico. Para que a cura definitiva ocorra, é necessário que o doente sofra a prova até o limite, sem se queixar, com arrependimento, com alegria ou que um enviado de Deus descubra a falta original e lave o espírito do doente como fazia o Cristo; Ou ainda que se faça uma oração pelo doente, humilde o bastante para alcançar a Misericórdia divina e permita que Deus mesmo cure, enviando um anjo.

Observemos esta última hipótese, pois nos será útil em nossas visitas aos doentes. Para curar, para mudar a força doentia em força curadora, é necessário um olhar que vá até o fundo dos corações, mãos puras, dignas de verter sobre as manchas da consciência a água das fontes eternas. Só o amor ao próximo tem este privilégio; não conquistamos este bem para nós mesmos, apenas somos capazes de recebê-lo; é preciso que seja um amor liberado de todo egoísmo, que a nossa caridade seja verdadeiramente caridade, ou seja, graças gratuitas. Por exemplo, dou uma ajuda útil a um desgraçado, movido por um sentimento espontâneo de compaixão. Pode ser que meu gesto seja apenas o pagamento de uma dívida espiritual contraída por mim em outro tempo com este pobre; aos olhos do Juiz justo, minha caridade não é então mais do que um ato de justiça, um ajuste de contas e não pode operar sobre o espírito deste pobre pela remissão dos pecados. Mas se eu sou livre na frente deste homem, se meu destino não deve nada ao seu destino, minha caridade para com ele é gratuita, muito melhor ainda se ele for meu devedor; neste caso, o sacrifício que faço dá poder à minha oração e o Céu pode conceder-me a cura real de seus sofrimentos.

Esta gratuidade se observa muito raramente e quase sempre no caso de um soldado do Céu que voltou aqui para cumprir uma missão. Amplie este exemplo ao infinito e verás à Cristo que

ensinava com autoridade e que dava ordem aos piores demônios sem elevar a voz.

O DEMÔNIO E A DOENÇA

Os evangelistas relatam a cura dos possuídos; a crítica moderna entende que os doentes curados por Cristo eram apenas pessoas neuróticas, sugestionáveis ou histéricas. Este é um ponto de vista muito parcial. No oriente, ainda hoje, existe a crença nos espíritos malvados, perseguidores dos homens e nos gênios, animadores de todos os seres e os fenômenos físicos. A igreja tem empregado todos os recursos da doutrina e a disciplina para extirpar esta opinião; assim, se mostra como uma mãe prudente, já que qualquer teoria abre as portas aos sonhos mais extravagantes e às práticas mais supersticiosas. No entanto, seus teólogos confirmam a existência de seres invisíveis; demônios, espíritos mistos, anjos e sua participação constante no movimento do mundo visível. Esta crença está de acordo com a realidade. Se nos comportarmos sabiamente, se o conhecimento das maravilhas ocultas da Natureza tem como único efeito nos precipitarmos na adoração diante de seu Autor supremo, se a pequena parte na qual exercitamos nossa influência não faz mais nada além de acrescentar nossa gratidão e nossa humildade, se as prerrogativas que o Céu confere ao nosso estado de seres humanos as usamos para nosso semelhantes, então esta Natureza misteriosa não teria segredos para nós e nos ofereceria seus tesouros sem condições.

Mas não somos sábios e por isso nossa impotência para lidar com as forças ocultas ser uma salvaguarda de nossa imprudência. Por outro lado, não temos necessidades destas forças; se nos empregamos de todo coração em servir à Deus e ao próximo, recebemos as forças do Céu, forças infinitamente mais preciosas e mais ativas.

Por que escutando a natureza dos demônios, dos gênios, dos espíritos nos lançamos a investigações perigosas e incertas, ao invés de estudar à fundo o que se encontra ao nosso alcance, ou seja, o mal que vive em nós mesmos? Nossos filhos não começam as aulas pela retórica. Aprendamos primeiro a conhecer nosso dever imediato e a melhorar o instrumento deste dever: nós mesmos. Analisemos o mal que escondemos. Quando estamos frente a nós mesmos, quando colocamos toda nossas Trevas à Luz, outros campos se abrirão à nossa investigação.

Nos evangelhos vemos os maus espíritos reconhecerem a luz soberana de Jesus. Entre os seres ocorre sempre um conhecimento intuitivo e imediato, antes do conhecimento racional e sucessivo, mas cuja noção fica mais ou menos obscura por causa da espessura corporal que cobre nosso organismo espiritual. A filosofia contemporânea se esforça para colocar em dia as engrenagens do inconsciente; descobre pouco a pouco que o cérebro não é indispensável para o pensamento ou que o conhecimento pode produzir a percepção sensível ou a abstração intelectual por métodos diferentes. Com efeito, não podemos concordar que os aparatos do telégrafo não sejam fluídos elétricos; os nervos, o encéfalo, são aparatos que a vida coloca em movimento; o cérebro é o aparato mental preparado pela terra e para nossa forma atual de inteligência; mas esta inteligência é, em si, um dos atributos da vida e as criaturas, pelo fato mesmo de viverem, podem sempre compreender-se com uma facilidade proporcional ao desprendimento da forma corporal da qual estão revestidas. A pessoa terrestre de Cristo velava o esplendor de Sua persona espiritual; os espectadores de Suas obras não compreendiam o sublime mais do que na medida em que eles viviam na Luz; mas os espíritos bons ou maus percebem melhor este esplendor invisível, radiante sobre seu reino; os ouvintes de Cris perceberam menos diretamente a qualidade de Filho de Deus que os discípulos, pois em seus corações já brilhava uma centelha da Eternidade, partícula do Verbo redentor. Também os demônios sabem que tem assuntos com o Santo de Deus, mas ignoram, em sua maior parte o que é essencialmente este Santo. Por que Deus criou estes espíritos malvados, por que o mal, o sofrimento e em última instância a criação? A inteligência humana não pode dar aqui nenhuma resposta satisfatória, por que não pode ver o outro lado destes problemas. Ninguém pode ser ao mesmo tempo o general e o soldado. Existem assim, na ordem religiosa, muitos enigmas

insolúveis, porque se encontram além da consciência psicológica; se diante de tais enigmas interrompemos nossas investigações e seguimos em frente por um ato de fé e de humildade, este ato revelará um dia em nós uma intuição, um contato com a distante e inexplicável realidade, então compreenderemos; a vida em nós falará com a vida fora de nós.

Deveríamos escutar melhor os murmúrios, os temores que provocam em nossos corações a cercania das criaturas; as sensações de simpatia ou antipatia, de pavor ou de confiança, por simples que nos pareçam podem indicar se o ser que a provoca pertence à Luz ou às Trevas. O encontro com um santo é mais proveitoso que a leitura de um livro, porque os livros são apenas uma refração de sua vida; ele daria força ao bem que há em nós e melhoraria o mal que também temos. Nossa perfeição é importante porque arrastra a perfeição do bem a outros seres que vivem unidos a nós. Ocupamos um lugar central no mundo espiritual, somos os pivôs; levamos conosco a direita e a esquerda, o alto e o baixo, uma multidão de criaturas sub alternas; é através de nós que os demônios podem ter benefícios; é através de nós que os feixes de Luz dos anjos podem tocar os objetos corporais.

Atribuindo as doenças à ação dos maus espíritos, os antigos não erram totalmente. O pecado é a causa primeira da desordem patológica e une ao nosso espírito um agente do mal que se torna causa segunda e a ação deste agente sobre nosso corpo fluídico leva às alterações funcionais que a medicina conhece. Seja uma desordem psíquica ou orgânica Jesus pode curar, expulsando o gênio próprio deste problema. Mas veja bem, este gênio atacou o doente somente porque a Justiça imanente permitiu, se o taumaturgo lhe tira sua presa, lhe deverá uma compensação; o doente deve ser purificado de seu mau espírito e o gênio deve ser provido de novos meios de vida. Para curar de verdade, é preciso, poder atuar de acordo com o plano central do invisível, onde estão todos os tipos essenciais das coisas e das criaturas, sob a vigilância imediata do Verbo.

CONDIÇÕES PARA AS CURAS MÍSTICAS

Os escribas judeus reconheciam que Deus curava perdoando os pecados. Negar este axioma seria heresia. No entanto, lhes faltou a coragem para seguir a lógica deste dogma, ou seja, que um homem para curar perdoando os pecados, só podia ser Filho de Deus e Deus próprio, ao contrário atrairia para si a ira do Espírito. Os escribas não queriam de forma alguma que Jesus fosse este Filho; a idolatria dos textos, os prejuízos de casta, turvava a Luz dentro deles. Instruir-se certamente é um dever, mas a inteligência, instrumento admirável, pode se tornar perigosa se não se mantém em seu lugar. O saber adquirido pelo estudo ou pela observação não é mais que uma escola separada do conhecimento vivo, um aprender a encaminhar-se em direção a um mundo de presenças atuais cujos jardins não tem barreiras, nem habitantes secretos. A Lei nos ordena a cultivar todas as nossas energias, as do corpo, as da alma, a mental, com os mesmos calorosos cuidados; pois, por mais débeis, escassas ou torpes que pareçam, são os gérmenes de futuros poderes cuja amplitude e vigor nos surpreenderia, caso pudéssemos imaginá-las agora. Para permanecer no horizonte atual o mesmo que o bosque exuberante origina-se de algumas plantas miseráveis perdidas no barro, o mesmo ocorre com o esplendor de grandes cérebros que conduzem a humanidade só com as sementes rudimentares de organismos ricos, de fogos incandescentes com os quais mais tarde se formará nosso aparato cerebral.

Jesus, Verbo encarnado, estava em posse do poder intelectual mais ativo, do qual o homem perfeito pode suportar sua força e penetração. Tal qual um simples soldado não esclarece das ordens do general mais que dois ou três de cem dos motivos que lhe foi inspirado, nosso cérebro não vislumbra, em suas investigações mais profundas, mais que a milésima parte das perspectivas que consideram, em um só momento de atenção, o intelecto de Jesus. Não podemos compreendê-Lo; as maiores inteligências, quando se aplicam ao estudo do Evangelho, não fazem mais do que apequenar suas perspectivas ou apontar suas repercussões. Os atos de Cristo nos parecem desconexos, ilógicos, contraditórios e, se no relato evangélico, os exegetas (pessoas que interpretam

textos, geralmente a Bíblia) descobrem uma ordem qualquer, arbitrariamente, é por conta do efeito simplificador de seu racionalismo, é porque ignoram e negam a existência dos inumeráveis elos invisíveis através dos quais os seres são enlaçados em todos os sentidos do espaço, em todas as formas do tempo.

Jesus, olhando uma criatura, um homem, um animal, uma árvore, uma colina, uma casa, um aspecto, percebia de um só lance a ascendência anterior, as relações atuais, a descendência posterior desta criatura. Havia inclusive uma enorme probabilidade de que Ele não tratasse estes seres como nós trataríamos. Ele chama as multidões, vai até elas; depois as esquiva, lhes ordena a não falar dele, se oculta em suas montanhas; atrai a atenção de seus amigos mais poderosos; depois desaparece como assustado; pacífico, fala de guerra, de incêndio e faz gestos violentos; sendo todo poderoso, treme; sendo doce, interpela com termos mordazes. Como compreender estas contradições? Primeiro é preciso reconhecer que não são contradições e lembrar que os seres divinos vivem, ao contrário dos racionais humanos, pois toda a Natureza é a imagem invertida do Reino Eterno. Os homens de elite acreditam que devem se situar na primeira fila, num pedestal e se colocar diante dos olhos dos demais súditos, isso porque tem uma excelente opinião de si mesmo ou que desta forma são mais úteis à massa. Os servos do Céu, ao contrário, se ocultam; buscam o anonimato, qualquer obscuridade onde a ignorância, o ódio ou a ingratidão lhes situem, já que é nas Trevas exteriores onde a Luz interior resplandece com mais força. Por outro lado, é necessário também que a Luz se afirme diante das vãs magnificências do poder político, da riqueza social, do saber racional, com o fim dos falsos deuses, o dia do Juízo, não poderão dizer que nunca viram a Verdade.

Já que as vias do Espírito são inatingíveis, nossa atitude deve ser humilde, não somente diante delas, mas ante tudo, pois não podemos discernir sem um exame, entre tudo que vem a nós, se pertencem ao Espírito de Deus ou ao Espírito deste mundo. Estabeleçamos a humildade em toda nossa pessoa. Humildade em nosso coração pelo arrependimento, o arrependimento vivido com a reparação do estrago que causamos ao nosso irmão. Supondo que eu roubei, antes de me curar, antes que o Céu queira me curar, antes que Ele possa curar-me, devo restituir o capital e os interesses; nenhuma casuística suavizará esta necessidade. Humildade em nosso coração pela consciência de todo mal que temos feito, por todo o bem omitido: “Jamais fiz mal a ninguém!”, grita o doente impaciente; palavras funestas que detém imediatamente a Misericórdia e corta a ajuda divina. Humildade em nossas opiniões; doentes normalmente se queixam da indiferença de seus médicos, da sua ignorância, acusando-os de cobiça, de dureza. No entanto, escolhemos os médicos só aparentemente; temos o médico que merecemos ter, ao julgá-lo nos colocamos contra à inspiração do Céu. Humildade em nosso amor próprio, pelo perdão, pelo esquecimento das ofensas. Um doente que pede cura ao Céu e ao mesmo tempo não para com suas disputas, não lança ao fogo suas opiniões sobre seus desafortunados devedores, pode até ser aliviado pelo médico, mas não será salvo pelo Céu, nem ele, nem os que amam. Humildade em nosso tormento físico, porque nossa doença, por mais repugnante que seja, é sempre o que merecemos e que melhor purificará nosso coração. Não é sem motivo que a Igreja pede conosco ao Senhor: “Livrai-nos da morte repentina”.

As doenças lentas são belas doenças: com elas aprendemos a ser pequenos, há tempo de arrepender-se e orar; o remorso é o efeito cicatrizante da Luz em nossas úlceras invisíveis; não há necessidade de afastar este ferro em brasa, ao contrário, devemos aceita-lo, chama-lo, sofre-lo com alegria; assim evitamos desgraças além da morte. Humildade na busca de remédios e na impaciência de uma doença longa, o dinheiro que se dá ao farmacêutico, ao médico, ao cirurgião, é a força e a vida que circulam e arrastam pouco a pouco nossos males; viver empobrecido é sempre preferível a morrer rico. Neste caso se dirá: por que tantos pobres morrem miseravelmente depois de longos martírios? Por muitas razões, eu responderia, e conheço algumas, mas não atrevo a revela-las; não saberíamos impedir o julgamento de cada doente e atrairíamos responsabilidades esmagadoras. A lei que preside a origem das doenças é uma das mais simples; por sorte a ignoramos, já que condenaríamos nossos irmãos. Outras leis, no entanto, como o impacto de volta às reações espirituais se exercem

inexoravelmente. Assim, se um doente torturado pelo câncer, quiser que lhe troque os curativos várias vezes ao dia, e eu lhe mostro minha irritação, ou lhe digo, rejeitando suas exigências antes de escutá-las, isto bastaria para me situar no caminho do câncer, com a finalidade de experimentar a incansável resignação que necessita um canceroso para não exceder-se com seu entorno. Humildade enfim até no corpo e no espírito vital de nossos órgãos. Para que a cura médica possa ocorrer, o órgão doente deve desejar o remédio; para que a cura real e definitiva seja possível é preciso, mais que nada, que o órgão doente, recebendo a Graça e a Luz, alcance o arrependimento e a resignação e chegue a esquecer de seu mal, assim como nosso coração esquece as penas pela força da confiança.

Deste modo, a possibilidade de nossa saúde corporal reside em nosso coração; é necessário que este coração seja talhado, martelado, forjado até se tornar um tabernáculo da Luz. Os sofrimentos de todos os tipos são os duros operários deste trabalho, e não podemos escapar por mais astuto que sejamos. Rejeitar o sofrimento só torna o trabalho mais penoso; é melhor se submeter rapidamente e de boa vontade. Ademais, o Céu tem necessidade de nossa boa vontade; raramente vemos Jesus mudar um coração perverso; é assim porque nossa orientação mística, para ser viável, deve proceder de uma decisão livre; o homem não faz nada, neste domínio, mais que sua própria vontade; Deus nos espera, não nos toma contra nossa vontade. O Céu garante que para sermos curados só precisamos de uma mudança de méritos, graças à qual a interrupção de nossa prova poderá ser compensada: abnegação, abstenção de reclamar, recordação viva de Jesus que outrora, curou pessoas do mesmo mal; aceitação de um novo trabalho, equivalente ao que a doença nos procurou: adoção de crianças, perdão das dívidas, fim de reivindicações, boas obras, mediar para ajudar ao próximo. Assim, nosso espírito será retirado do caminho da doença e situado no caminho dos anjos curadores. Pode ocorrer que alguma criatura carregue o nosso fardo: alguém do nosso entorno, um soldado do Céu, alguém longe que não conheçamos, até um animal, quem sabe nosso cachorro? Tudo é possível, ignoramos tantas coisas!

Os procedimentos humanos afastam, debilitam, aliviam a doença, mas não curam para sempre; a doença pode continuar até mesmo depois da morte. Para que os medicamentos atuem bem deveriam sempre ser preparados com o socorro da oração e tomando-se certas precauções. Os remédios provenientes do reino mineral são melhores. Preparados em um laboratório subterrâneo onde não recebam os raios solares ou lunares. Os provenientes do reino vegetal ou animal deveriam ser recolhidos antes da saída do sol e em oração. Quanto à cirurgia, esta certamente impede a morte, mas não cura, pois é apenas uma ação fisiológica. No entanto, se o paciente sofre a cirurgia com perfeita paciência e coragem, pode ocorrer do Céu se contentar com esta resignação e apagar seu pecado; a arte cirúrgica não intervém em nada para o resultado místico. Lembrem-se de que tudo está vivo; o órgão amputado continua vivo, ainda que seja uma vida diminuída; continua estando unido ao corpo do qual formava parte e esta união subsiste até a consumação dos séculos. Este corpo permitirá, no dia do Juízo, a ressurreição da carne. Os órgãos amputados devem ser enterrados cuidadosamente, abrigados do sol e preservados de qualquer alcance. E quanto ao hipnotismo que dá ordens, o Céu nunca autoriza seu emprego. O magnetismo é permitido quando precedido da oração e se pratica com mãos totalmente puras. Esta última condição normalmente é muito difícil de se cumprir, pois ninguém está livre de sofrer tentações, homens e mulheres, por mais digna e leal que tenha sido sua existência. Cristo diz que mesmo a ideia mais fugaz, mesmo que a interrompemos equivale ao fazer; É preciso se habituar então à maior limpeza em nossas relações mútuas. Tomando estas precauções, o magnetismo pode ser um auxiliar maravilhoso; permite, por exemplo, operar a distância, inclusive sobre doentes desconhecidos. Porém, não daria mais explicações, o orgulho é muito curioso para conhecer os mistérios; não se pode lhe dar corda, já que os corromperia. Enfim, o método mais elevado para curar é a oração simples. É suficiente dizer a Deus o nome do doente, acrescentando: “Cure-o, ó Pai se for da sua vontade”. É inútil pressionar o espírito, buscar reconhecer o mal ou ver o doente ausente, sentir o passo de forças curativas; não devemos tentar nada disso, experimentaremos se Deus quiser. Ao contrário, devemos ter todo o cuidado, toda nossa energia, nosso ardor em viver segundo o Evangelho. Na oração, não é

tanto a sua intensidade o que importa, senão sua preparação. Consagrar quinze minutos por dia para dizer o nome dos doentes; consagrar as vinte e três horas e quarenta e cinco minutos que restam a viver de acordo com o Céu, como discípulo perfeito; desta forma, meu espírito estará mais perto de Jesus e me bastará expor à Ele meus desejos sinceramente, espontaneamente, sem necessidade de estados extraordinários.

Tais petições são transmitidas imediatamente, através dos anjos, de hierarquia em hierarquia; é muito raro que o Verbo as ouça diretamente; no entanto, é a Ele unicamente ou à Virgem a quem nos dirigimos e nunca a seus anjos, nem a seus santos; é somente pelos méritos da Mãe única e do Filho único que temos que interceder ao Pai. Espero que agora vocês compreendam que para curar em nome de Deus, para que nossos olhos possam ler na frente do doente e em seu coração a origem de seu mal, no mínimo desde seu nascimento e para que nossos lábios possam dizer: “Vê, teus pecados te são perdoados”, não é poder, nem inteligência o que precisamos, mas sim de devoção, humildade e prudência. O mal treme diante de quem não é nada e se retira. Estas palavras estão escritas na Luz. A regra é que o homem use todas as ajudas legítimas que a arte e a natureza podem oferecer, pois é necessário que a medicina alcance sua perfeição relativa e também que o homem só se coloque na mão de Deus, porque a medicina deverá desaparecer um dia diante dos milagres imediatos do Espírito.

Por que viver na quietude? Somos filhos de um Pai justo e bom. Quando o sofrimento vem, isto indica que o Pai nos quer bem, pois só o sofrimento espiritualiza e é nas grandes adversidades que o socorro milagroso chega; basta que não lhe cortemos a passagem com nossa covardia.

A HUMILDADE

Devemos considerar algumas questões de higiene coletiva como as vacinações; é preciso conformar-se com as leis civis ou militares reconhecendo que, se tal é nosso destino, nenhum soro nos preservará da tifoide ou da varíola e que, se Deus quer, podemos atravessar sem risco as epidemias e contágios, mesmo sem ter recebido vacina alguma. Bem entendido, permanecemos humildes; não negociemos com Deus; quem se esquiva da incômoda injeção para si ou para seu filho acreditando que o Céu lhe preservará, se engana; quem se aproxima dos coléricos sem ter tomado a injeção preventiva não deve crer que, necessariamente, o Céu lhe dará imunidade; se o Céu julga bom que morra cumprindo seu dever, será uma bela morte, seu passado e seu futuro poderão ser aliviados; se o Céu o preserva é uma graça, pois nós somos mais que servidores inúteis. Inclusive, depois de ter contato com um contagiado é preciso fazer assepsia das mãos e roupas. Que eu não tema o contágio é assunto meu, mas não devo jamais expor outras pessoas ao risco, carregando os germens patogênicos. Se for contagiado por uma doença infecciosa, não tenho o direito de deixar que os demais cheguem perto para se contaminarem; enquanto minhas forças permitirem, cuidarei da roupa branca e dos utensílios que utilizo; sou responsável pelos acidentes causados por minha negligência. Sou responsável pelas quedas bruscas ou incêndios que possam causar.

De maneira geral cada um deve sofrer todas as formas de sofrimento, porque nosso coração é tão duro que nunca compreendemos as dores de nossos irmãos, nem nos compadecemos, a menos que os experimentemos. Quando pudermos escolher entre correr um risco ou evitá-lo, o primeiro é mais puro: comporta uma forte confiança em Deus e mais, posto que devemos amar ao próximo como a nós mesmos, temos que pensar que se este acidente é tomado por nós, não oprimirá a um de nossos irmãos; assim é como nos habituamos ao amor divino, sofrendo no lugar do outro. Se bem que estas coisas são duras de compreender pelo sentido comum; não é mais que uma indicação para a perfeição e excelente para aqueles que estão definitivamente devotados ao serviço do Céu, com humildade profunda e uma coragem que as provas exaltam em lugar de abater.

Certas confusões entre as relações entre homem espiritual, homem fluídico e homem corporal podem engendrar transtornos patológicos graves como a epilepsia, apoplexia e a maior parte das doenças mentais. Portanto, não forcem uma criança que tem medo do escuro a dormir sem uma lamparina; a criança pode ver ou sentir presenças que os adultos já não percebem; há formas semi-materiais que uma luz afasta; os terrores noturnos podem determinar na criança crises nervosas e até tumores. Nunca desperte bruscamente uma pessoa que dorme placidamente, nem a um sonâmbulo. Não é necessário trazer repentinamente à realidade um indivíduo profundamente absorvido em suas reflexões. Os casos de morte súbita já são bem numerosos sem necessidade de que os multipliquemos com gestos imprudentes. Os aneurismas têm causas fisiológicas conhecidas dos médicos, mas também causas hiperfísicas; se o espírito de um homem segue errante nos espaços interiores e é atraído ao seu corpo de forma muito brusca, se produz um afluxo de sangue ao coração, ao cérebro ou cerebelo, numa violência que os vasos devem resistir, sem produzir a morte. Não temos que enviar nossos pensamentos aos que estão longe com o objetivo de submeter o pensamento de outra pessoa, mesmo que a intenção seja honesta. Pois, meu pensamento, errante no espaço em busca de outro pensamento, pode sofrer os ataques de seres hostis ou colher germens mórbidos atravessando regiões mal sanas de forma aventureira ou perder seu caminho ou provocar pavor no indivíduo que visita. Pode, sem querer, trazer-lhe uma doença. Pode fazer sair o espírito da pessoa visitada, tornando-a louca. Ou ainda, certos seres, aproveitando-se de meu afastamento, podem invadir minha pessoa e neste caso, eu que enlouqueço. As diversas formas de alienação mental tem quase sempre sua origem em uma crise do inconsciente. Um espírito humano, que sai de seu corpo, pode entrar, à força ou espontaneamente em outro corpo; a um espírito humano que quer subjugar a outro, a Justiça o condenará lá na frente, provavelmente, a tornar-se escravo de algum tirano invisível; um espírito humano que busca obstinadamente os mistérios proibidos perde seu controle e desorganiza seu cérebro; existem muitas causas de doenças mentais que escapam da investigação do psiquiatra. Muitas ações malvadas provocam ligaduras em nossos órgãos, que a habilidade do médico não chega a descobrir; uma paralisia local, um tumor, uma deformação, um reumatismo podem às vezes não ser outra coisa que os signos fisiológicos de uma possessão parcial. Terminarei estas breves indicações lembrando uma vez mais que as ofereço unicamente como pequenos exemplos das complexidades dos fenômenos vitais e da gravidade de nossos atos. Todo o desconhecido que descobrimos a cada passo, deve fazer nascer em nossos corações o humilde sentimento de nossa ignorância e a viva noção de nossas responsabilidades. Não devemos nunca usar as luzes que o Cristo nos deixa perceber para buscar as causas primitivas das doenças, nem para julgar nossos irmãos. Devemos utilizá-la para diminuir nosso próprio egoísmo, nosso orgulho e preguiça. É preciso ser indulgente com os outros e sempre rigoroso com nós mesmos. Para aqueles que se dedicam à oração aos doentes, são indispensáveis a humildade, a mansidão, a prudência. Para si mesmo, a severidade. Para curar misticamente não necessitamos outra coisa que compreender o próprio nada, não precisamos de outra energia mais do que a força de contrariar o *EU*. É preciso vigiar permanentemente esta vontade própria, tão viva, tão persistente, tão flexível, que se desliza em nossos mais puros desejos. É uma verdadeira serpente de cem cabeças, encarcerada aqui, se recupera ao nosso lado; reduzida por um gesto de forte abnegação, reaparece alguns minutos ou semana mais tarde. Certamente a grande obra moral é o trabalho mais formidável; porém, saibamos que quanto mais avançamos, mais aumentam as dificuldades e abundam os auxílios; este incremento harmônico cresce até o nascimento do homem livre, ser perfeito que o Espírito Santo constrói combinando nossa pessoa, nossos tentadores convertidos por nós e nossos colaboradores com Seu sopro regenerador.

A humildade é tão indispensável nas relações místicas do Céu com o homem, que Deus às vezes oculta de Seus servidores os feitos cujo conhecimento seria suscetível de despertar sentimentos de glória muito difíceis de reduzir. Assim ocorreu com os Apóstolos, que durante a vida terrestre ignoraram a dignidade de sua origem espiritual. Hoje mesmo, nos círculo dos iluminados, encontramos pessoas que dizem ser a reencarnação de personagens célebres como Joana D'Arc, Maria Madalena, Virgem Maria, Napoleão, Carlos Magno. Não vamos rir desta ingenuidade; ignoramos as fontes secretas do inconsciente e estamos pouco livres de vaidades mais ou menos

ridículas. O que importa é guardar a boa fé do buscador. Nenhum enviado de Deus conhece sua própria identidade espiritual. Desde o momento em que algum homem se mostra como a reencarnação de um apóstolo, por exemplo, sabemos que é um impostor ou um alucinado. Lutemos, com todas as nossas forças, em permanecer humildes; lembremos que Judas era o mais avançado dos apóstolos e que caiu por orgulho. Podemos ver aqui porque o evangelho conta, depois de relatar Suas curas, como os pensadores judeus se surpreendiam de ver Jesus viver com gente pobre e como Seus discípulos deviam viver na alegria; neste momento do relato, justamente, conta a parábola do vestido novo e do vinho novo.

Existem outras doenças fora das desordens fisiológicas. A ignorância é uma doença, a grosseria é uma doença, os preconceitos são uma doença tão graves como o câncer ou a tuberculose; Jesus acalmava todos estes transtornos com Sua presença; Seu olhar e Sua voz dissipavam os vícios da inteligência e dos costumes. Podemos ver como que o sol e o ar preenchem nosso corpo de alegria física; o sol perfeito que é o Cristo beatifica infinitamente mais a totalidade de nossos ser. Sua lei não é rigor, nem penitência, é alívio e doçura; dissipa as nuvens, rompem as cadeias, suaviza o cansaço. Nós que aspiramos ser como discípulos, precisamos levar muito presente a figura do Mestre para nos banharmos em seu lampejo pacífico, para que Sua alegria soberana ilumine nossos rostos e chegue a nossos irmãos a felicidade das certezas eternas. Mas, o tecido novo arrastra o trapo velho e o vinho novo rompe o velho barril. É o que fazem os mestres não cristãos da vida espiritual. Não podem renovar integralmente a seus discípulos; segundo seu poder, costuram aqui e ali, fazem remendos, colocam um licor forte demais em uma inteligência muito formal, em uma sensibilidade gasta. Só Jesus que nos conhece de cima a baixo, pode nos regenerar no mesmo sentido.

Quando as almas vierem a vós, sejam prudentes; ajude-as com seu exemplo, mais do que com seus discursos; com teus sacrifícios secretos mais do que com repreensões; com tuas orações, mais do que com teus ensinamentos; Só o Cristo pode nos apresentar o vinho antigo da Sabedoria eterna. A sabedoria temporal só dá vinhos novos. Esta parábola faz alusão também ao excesso de poder, do qual alguns iniciados que buscam a imortalidade terrestre são culpáveis, empregando a alquimia, a magia ou a vontade. Trata-se sempre de casar o espírito de um homem que habita um corpo jovem e vigoroso, para instalar-se neste corpo. Eles se tornam culpáveis, a pesar da sublimidade aparente de seus motivos, de um assassinato mais covarde que de um criminoso comum. Mas, por sorte não conheceremos estes estados de consciência.

CAPÍTULO II

CORRESPONDÊNCIAS ESPIRITUAIS

**Marcos 3,13-19; Lucas 6,12-16; Mateus 10, 1-4/ Mateus 12, 1-21;
Marcos 2, 23-3, 35; Lucas 6, 1-11/Mateus 12, 22-32; Marcos 3, 22-30;
Lucas 11, 14-23; 12, 10/Mateus 12, 36-37/Marcos 3,31-35; Lucas 8, 19-21;
Mateus 12, 46-50/Lucas 11, 24-28; Mateus 12, 43-45**

Depois, subiu ao monte e passou a noite orando. Ao amanhecer chamou os que quis. E foram a ele. Designou doze dentre eles para ficar em sua companhia, dando-lhes nomes de apóstolos.

Ele os enviaria a pregar, com o poder de expulsar os demônios e de curar toda doença e deformidade.

Escolheu estes doze: Simão, a quem pôs o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu e João, seu irmão, aos quais pôs o nome de Boanerges, que quer dizer Filhos do Trovão.

Ele escolheu também André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu; Tadeu, Simão, o Zelador; e Judas Iscariotes, que o traiu.

*

Depois, entrou em uma casa e o cansaço era tão grande que mal podia comer. Seus parentes, percebendo isso, foram ao seu encontro. Eles diziam que de fato, haviam perdido seu espírito.

*

Em um dia de sábado, o Senhor caminhava pelos campos e seus discípulos, andando, começaram a colher espigas.

Os fariseus observaram-lhe: "Vede! Por que fazem eles no sábado o que não é permitido?" Jesus respondeu-lhes:

“Nunca lestes o que fez Davi, quando se achou em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?”

Ele entrou na casa de Deus, sendo Abiatar príncipe dos sacerdotes e comeu os pães da proposição, dos quais só aos sacerdotes era permitido comer, e os deu aos seus companheiros.

E dizia-lhes: "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; e, para dizer tudo, o Filho do homem é senhor também do sábado”.

*

²² Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via.

²³ E toda a multidão se admirava, dizendo: “Não é este o Filho de Davi?”

²⁴ Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: “Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios”.

²⁵ Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: “Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda a cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá”.

²⁶ E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?

²⁷ E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam então vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes.

²⁸ Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus.

²⁹ Ou, como pode alguém entrar na casa do homem valente, e furtar os seus bens, se primeiro não maniatar o valente, saqueando então a sua casa?

³⁰ Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.

³¹ Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoado.

³² E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.

*

Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via.

E toda a multidão se admirava e dizia: “Não é este o Filho de Davi?”

Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: “Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios”.

Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: “Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda a cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá”.

E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?

E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam então vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes.

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. Ou, como pode alguém entrar na casa do homem valente, e furtar os seus bens, se primeiro não manietar o valente, saqueando então a sua casa?

Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.

Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens.

E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.

*

E estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e maravilhou-se a multidão.

Mas alguns deles diziam: “Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios”.

E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu.

Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: “Todo o reino, dividido contra si mesmo, será assolado; e a casa, dividida contra si mesma, cairá”.

E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu.

E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Eles, pois, serão os vossos juízes.

Mas, se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus. Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem; Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos.

Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.

NOSSA INTEGRIDADE

Ao ler estes comentários, sem dúvida que os considerarão desconexos, mas não poderia ser de outra forma. Dificilmente os horizontes revelados pelos Evangelhos se apresentam de forma didática. Estas falas se parecem um pouco às explicações de um guia, que encima de uma montanha enumera aos viajantes dois montes à esquerda, um pequeno vale atrás, um rio à direita, um planalto ali, um bosque acolá. O homem bravo não sabe argumentar, mas os habitantes instruídos da cidade que ouvem ao guia coordenaram seus ensinamentos e estabelecem rapidamente a topografia do panorama que têm a seus pés. Faça como os excursionistas, contentem-se com as noções dispersas que possam lhe dar e faça o melhor com elas.

Dito isto, voltemos ao estudo dos poderes espirituais. O teorema destas noções é que o espírito governa a matéria; o centro de gravidade e equilíbrio biológico depende das boas relações que a matéria mantém com o espírito. Esta lei se verifica no ser coletivo, como acabamos de ver, e também no ser individual. Quanto a este, é possível se referir à parábola da casa invadida durante a ausência do proprietário. A casa significa, entre outras coisas, o corpo e as faculdades físicas, que constituem a residência de nosso espírito, que é prudente em guarda-la. Ao abandonar a casa, o ladrão pode aproveitar: são as doenças mentais; se nos referimos aos germens mórbidos seriam as doenças físicas. Lembre-se que todo desejo, toda busca intelectual é uma saída do espírito, mais ou menos longa, mais ou menos consciente.

VOCAÇÃO DOS DOZE

Volte-se para si mesmo, a fim de estabelecer o plano de uma empresa industrial, para elaborar os elementos de uma obra de arte, para encontrar colaboradores, para fixar uma linha de conduta, para construir um sistema do mundo, para qualquer recapitulação ou preparação, não se fará nada de valor se não nos retiramos à montanha, passando as noites orando à Deus.

Existem outras montanhas além das geográficas, outras noites além das astronômicas, outras solidões que não o isolamento físico, tão verdadeiras como nossos Alpes, nossas trevas físicas ou nossos retiros. Ademais, nenhuma das manifestações de nosso ser consciente exige uma preparação e, toda ação é uma cópia distante de qualquer gesto. Daquele que se chama o puro Ato, toda preparação só pode imitar, mais ou menos torpemente os misteriosos retiros do Verbo revestido de natureza humana. Mas, preparar-se para qualquer coisa é muito difícil quando se quer fazer um fundo; tudo é tão complexo, tudo é tão confuso e incerto, a não ser que tenhamos uma inteligência curta ou estejamos possuídos pelo fogo do gênio. Vamos tentar analisar.

Primeiramente, parecer-se o máximo possível ao Modelo perfeito, o Cristo em Quem se reúne a sublimidade contemplativa e o vigor ativo. Para isso, minha existência deve ser uma preparação contínua para o arrependimento, a humildade, as boas obras, o desejo de melhorar, pela disciplina nas intensões e palavras, pela inocência dos sentimentos.

Depois examinarei os motivos de minha atividade. Se me parece justa, pedirei ao Céu que Se sirva de mim para realizá-la, só assim julgar adequado. Por fim, estabelecerei meu plano, com todos os detalhes que comporta, mediante todos meus conhecimentos e experiências. Feito este trabalho, na solidão dos montes interiores, me voltarei à inacessível Perfeição, a qual eu desconheço e me convencerei que ante ela meus esforços não valem nada. Constatação tão simples que não deve, de maneira alguma, abalar minha confiança. Assim, deste nada, minha oração se levantará ingênua, direta, segura de obter resposta. Na grande solidão de minha noite, a graça descera, sob a forma de intuição ou força, conforme a natureza de meus projetos.

Então, abandonando minha montanha, voltarei à vida exterior e escolherei meus métodos, meus planos, minhas ideias, meus impulsos, como fez Jesus para designar Seus apóstolos.

No entanto, isso não é mais que um exemplo, não do todo, conforme seu modelo e que só pretende mostrar-nos uma pequena utilização das lições inseridas nos feitos de Jesus. Observem bem o fato que nos é proposto. É desta forma que o concebo.

A encarnação do Verbo estava prevista desde a origem dos tempos, com todos os detalhes, todos os acontecimentos, todas as consequências. Desde a origem, as almas dos apóstolos estavam escolhidas com seus itinerários cósmicos e seus trabalhos individuais. Por que então Jesus, no momento de leva-los com Ele, se retira ao monte para meditar sobre Sua eleição, parece que para pedir uma inspiração que, a toda hora e em todo lugar, Lhe era segura e constante?

Primeiramente nos damos conta que, olhando para o próximo só vemos aparências ou imagens deformadas; imaginamos que os motivos pelos quais o próximo atua são os mesmos que os nossos, diante dos mesmos feitos. Isso não é sempre justo, sobretudo quando o ser que observamos é um ser superior; se os atos de Cristo engendram milhares de resultados entre os quais nossa curta visão não discerne mais do que três ou quatro, os movimentos de Cristo são na realidade muito mais numerosos do que nossas análises podem descobrir. Ademais, e aqui temos o terrível problema da predestinação (digo terrível por causa dos mortais in-folios que surgiram) – a presença divina não implica a escravidão das criaturas. Nossos filósofos sempre creem que Deus não possui, como eles, mais que recursos limitados. Um grão de areia basta para parar as máquinas mais engenhosas e o cérebro mais fértil não encontra, frente ao imprevisto, mais do que um número muito pequeno de argumentos. Mas o Pai possui, ante qualquer circunstância, um número infinito de soluções para um número infinito de problemas. Quando Ele escolhe um mundo, um povo ou um homem para uma obra, se em qualquer momento esta criatura se rebela, não pode escolher outra rapidamente para esta obra, não importa qual, fornecendo as faculdades necessárias? Sua previsão e Sua Providência são perfeitas, nenhum acidente do relativo lhes surpreenderia.

Não saberíamos ser modestos! Não podemos esquecer que nossos melhores dons são dons, assim como nossas virtudes mais belas. Assim, está longa meditação noturna de Jesus com Seus Apóstolos poderia ser uma revisão dos planos providenciais, uma reparação de falhas desconhecidas, uma preparação para novas eventualidades e milhares de possibilidades desconhecidas de nós.

Os doze, certamente, eram espíritos muito velhos, ricos em experiências, maduros pela realização de longos trabalhos, flexíveis por terem passado por muitas provas. Algo neles provinha dos velhos profetas da Antiga Lei que havia anunciado a chegada do Messias; mas esse passado tão pleno, em vista de sua missão crística, valia unicamente como a massa de argila com a qual o gênio do escultor fará uma estátua sublime. Por maiores que fossem, por mais veneráveis, sábios, graças à relação com outros espíritos humanos, Para que a Sabedoria eterna pudesse se servir deles, era necessário uma revolução total de sua pequena grandeza e sabedoria humana. A noite de Jesus no monte Tiberiades foi empregada para uma nova fundição.

Este é um dos motivos pelos quais o Pai subtrai em Seus embaixadores a noção de sua identidade espiritual e a memória de seu passado.

Naquela noite desconcertante, conservar uma fé alegre seria o primeiro dom com o qual o apóstolo conta. Normalmente se esquece, mas já se sabe que a Luz vem ou vai de maneira quase sempre ilógica; de repente estala sem ligação aparente com nosso cansaço, tristezas ou misérias. O servidor de Cristo sabe disso e sorri pacificamente ao raiar do dia, assim como as trevas espantosas; ainda que seja capaz de cair, sua serenidade constitui já um raro privilégio. Não confundir com a impassibilidade búdica ou estoica, assim como a ignorância cristã não se parece com o ascetismo filosófico.

Analisando nossas certezas e dúvidas, chegamos ao axioma que se deriva uma das outras; imaginando um axioma contrário poderíamos deduzir uma série divergente de raciocínios, tão lógicos como o primeiro. Este exercício dialético, que os hindus praticaram antes dos gregos e dos latinos, nos leva a esta conclusão plausível e possível, mas incerta.

Diletantes e ecléticos se enganam. A indecisão entre a tese e a antítese significa que não souberam encontrar o terceiro ponto de vista conciliador, a síntese. O filósofo cristão utiliza esta busca para estabelecer-se na pobreza mística do intelecto. Por exercícios análogos o servidor de Deus chega à pobreza mística do coração. Tanto um, como outro, podem dizer com sinceridade: “Não sou nada ou Não posso nada, a Luz descende, mais ou menos pura, segundo a profundidade da ignorância ou o vazio da própria vontade”. Eis aqui o caráter fundamental do soldado de Cristo. O apostolado é apenas uma de suas funções; ficam ainda grandes sacrifícios para realizar, pesados fadigas para sofrer, antes de receber um grau no exercito da Luz; e outros trabalhos ainda antes de se tornar um homem livre. Mas não vamos classificar os membros da falange mística; basta conhecer a hierarquia geral com a finalidade de não nos tomarmos por quem não somos.

*

Existe uma oposição entre as grandezas da Terra e os poderes do Céu. Os arautos de Deus vão sempre aos pequenos, pobres, frustrados, ao que chamam povo ou má sociedade. Mas isso não é para encontrar seguidores com mais facilidade, como acreditam os sociólogos. É porque os pequenos são mais dignos de interesse do que os das classes dirigentes; têm o coração mais livre de ambição e avariza, são mais acessíveis à verdade; têm menos altivez; ajudam uns aos outros com facilidade; têm menos tempo que os ricos para instruírem-se; pois a vida é dura para eles e são explorados por todos, em maior ou menor grau.

Todos os apóstolos eram pobres. O que melhor posição tinha dentre eles era Mateus, o cobrador de impostos, emprego desprezado universalmente. No entanto, todos tinham alma velha, suportaram numerosas encarnações, perceberam a Glória do Senhor, O acompanharam em Sua longa descida através das órbitas dos planetas. Não julgaram ninguém. Sua simples e imediata obediência à primeira chamada do Mestre mostra que eram escolhidos. Quem o empregado de hoje que abandonaria seu posto, seu salário e sua aposentadoria para seguir um homem mal visto e ignorado pela “elite pensante”, como era Jesus naquele momento?

Mas isso não é nada. É possível que num determinado momento, agora ou daqui a um século, na rua ou em qualquer outro lugar Jesus ou um de seus amigos passe diante de ti e diga: “Segue-me”. Acredito que neste instante todas as realidades da Terra se desvanecerão. Você seguirá, sem duvidar, pois a Luz em nós reconhece a Luz fora de nós. Mas, se queremos que isso ocorra não se pode acreditar que se está são; é preciso se dar conta das doenças que se tem e se esforçar para curá-las. O médico virá, para que nem os deformes, nem os pecadores sejam oferecidos em holocausto à Justiça. Seu medicamento é a Misericórdia. Os que acreditam ser justo ou santo não tem necessidade Dele, até o dia que reconheçam seu erro.

O duodenário dos discípulos imediatos se encontra em todas as antigas iniciações: lamaísmo, brahmanismo, mazdeísmo, judaísmo, orfismo, no Perú, na China, na Tracia, na Noruega.

Entre os homens João era o mais jovem e a tradição o chama virgem e bem-amado. Segundo os gnósticos, representa a caridade, assim como Tiago representa a esperança e Pedro, a fé.

Bartolomeu é o mesmo que Natanael; seu nome significa Diosdado; era o irmão gêmeo de Tomé. Tadeu o Lebeo, quer dizer amante. Tiago e Simão o Zelote eram irmãos de Cristo. Escariotes, seu nome pode vir de Sakar (salário), de Iscara (estrangulação) ou de Iscoreti (Cinturão de pele).

Estes doze representam também, no mundo, os raios do Verbo e no homem, as faculdades que atuam na vida mística do regenerado. Os apóstolos eram, quer dizer, são seres muito elevados, pois seus espíritos vivem sempre ao redor do Mestre. No entanto, nunca haviam entrado no Céu. Foram, na profundidade dos séculos, homens que evoluíram com fadiga (esforço físico e mental), como todos nós, que pagaram sua dívida à Natureza, que falaram aos outros de Deus e que receberam a morte como recompensa. Porém, quando voltaram há dois mil anos, ignoravam tudo.

Que lição para nossa pretendida Ciência!

Um pouco depois, os evangelistas dão os verdadeiros princípios da associação. “Todo reino dividido contra si mesmo perecerá”. A unidade espiritual é indispensável para a vitalidade de um movimento coletivo. Quando os homens amassam dinheiro, acumulam erudição ou se reúnem em grande número, na realidade estão dando ao Tempo a oportunidade de exercer seu poder de dissolução. Além disso, para que um grupo viva não é necessário que seus membros se conheçam, nem que haja um chefe visível. É suficiente que cada uma de suas unidades realize, sem esmaecimento, o princípio espiritual que é a alma da fundação.

O exemplo principal de tal associação é o que os Rosacruzes chamam de A Igreja do Santo Espírito, o que outros místicos ou alguns Padres da Igreja chamam de Igreja Interior.

Não dedique suas forças a reunir camaradas, discutir estatutos, regulamentar procedimentos, enviar circulares. O mais alto ideal que puedes evocar é o Cristo. Que cada um faça Sua vontade, na medida de sua capacidade. Aqueles que tiverem o mesmo entusiasmo que o teu, terminarão um dia por te encontrar e estarão todos unidos na harmonia de vosso amor por Ele.

SOBRE A CONDUTA DOS MISSIONÁRIOS

Este é um ponto para o qual acredito ser importante atrair a atenção dos místicos. Vemos em várias partes do Evangelho, que Cristo autoriza a Seus apóstolos a oferecer alimento aos sábados e a recebê-los daqueles que levam a Luz. Não esqueçamos que se trata dos apóstolos, ou seja, seres excepcionais comprometidos em um ofício de Luz, não por vontade própria, senão pela vontade do Céu. Não pensemos que somos parecidos à eles. Entusiasmarmos com a concepção poética de um servo de Deus errante através do mundo e esperar que aqueles aos quais se dirige o provenha de todas suas necessidades, seria quase que um abuso de confiança. Segundo as palavras do Senhor, São Paulo, mesmo dando aos que anunciavam o Evangelho o direito de viver do evangelho, se submetia a um trabalho manual para, como declara expressamente, não ser uma carga para ninguém. No entanto pessoas como São Paulo são raras.

Quando sentimos pena de alguém acreditamos estar servindo ao Cristo. Seria preciso ver a vida interior dos soldados de Cristo para dar-se conta da intensidade de seus esforços; os mais próximos deles não enxergam estas fadigas, pois “ninguém é profeta em sua terra”. Está escrito: “Quando jejuares unge teu cabelo e perfuma teu rosto” e “o mistério da oração exige um jejum espiritual constante”, podemos imaginar que nenhum chefe temporal, nenhum homem de Estado está carregado de tanta inquietude como o cristão obscuro que leva uma vida de aparência burguesa, mas a quem, Deus confiou, secretamente, um trabalho qualquer para fazer avançar seus irmãos. Por maiores que sejam nossas esperanças e por mais ardente o nosso desejo de bem, a humilde sabedoria que nos deve servir de regra fará com que fiquemos no lugar que a Providencia nos escolheu. Aceitemos de bom coração os trabalhos mais monótonos, pois estes também precisam receber a Luz de nosso exemplo. Se o Céu quer outra coisa de nós, saberá inclinar as circunstâncias e nos fará conhecer Sua vontade de uma forma tão simples e tão certa como um chefe de fábrica, por exemplo, nos daria suas ordens.

Portanto, ore pelos doentes, ajude os pobres, console os aflitos, ore pelas necessidades públicas, dê sua opinião de cristão quando pedirem, mas guarda tua profissão e ganha o pão de tua família com teu trabalho até que Deus decida outra coisa. O Filho de Deus está fora de toda lei, porque se tornou Filho de Deus depois de ter obedecido todas as leis e porque seu coração vive no mundo do qual saem todas as leis. Sirva ao seu Senhor; no entanto, o serviço do Senhor é unicamente a caridade. Como consequência, todo costume e toda regra se anula ante as exigências da caridade. Mas o homem comum tem o dever de ser prudente; não deve impor fadigas excessivas ao seu corpo, nem privações aos membros da família, a menos que eles consentam, pois nada lhe pertence; o homem é apenas um gerente, o administrador de sua casa, de seus filhos, empregados, animais domésticos e todo excesso de trabalho que impuseres a um e a outros, estaria sob tua responsabilidade. “A imprudência só se permite ao Soldado”.

Jesus mesmo seguia esta regra de prudência e oportunidade. Na maioria das vezes, quando alguma criatura O reconhecia, lhe ordenava o silêncio. Nada é mais grave, na verdade, do que o reconhecimento da identidade espiritual encerrada em uma forma corporal, por uma criatura. Podemos nos enganar; podemos ter uma irradiação magnética ou mental por uma Luz pura, segundo vivamos no plano magnético ou no mental. Devemos ser humildes para ver a Luz. Hoje, muitos sábios estão infectando a Europa e a América com teorias que se dizem cristãs; são apenas os adiantados de sábios mais numerosos e fascinantes que a tentadora Ásia tem de reserva em seus templos, no fundo de seus desertos, no alto de suas montanhas sagradas. A maior parte deles sabe quem é Cristo, mas são escravos de seus sistemas, ainda que acreditem serem livres e o amor próprio os impeça de reconhecê-Lo publicamente. Outrora os demônios gritavam diante de Jesus, pela boca de seus possuídos: “Tú és o Filho de Deus!” O esplendor de Sua virtude era insuportável para estes espíritos obscuros, o que lhes arrancava este testemunho. Mas os adeptos são homens, são mais livres que os demônios; a liberdade do homem é outra; ele possui o terrível privilégio de poder discutir com seus pares, de poder fechar os olhos a evidência.

Que a cegueira dos homens não nos escandalize. Muitos de nós não nos comportamos assim. Frequentemente vemos o prestígio no lugar do milagre e o maravilhoso onde só atua o divino. Muito dos contemporâneos de Jesus viam Nele um curandeiro, um mago, um agitador, um cabalista. Fiquemos atentos para estar entre aqueles que encontraram sobre esta terra uma imagem corporal do Senhor e já não a reconhecerão até o dia do Juízo, quando pedirem contas do tesouro que receberam em depósito.

Por outro lado, a bondade do Pai é tal que oculta toda chama que pudesse ferir nossos olhos doentes. É por conta de Sua solicitação que Jesus não quer que se publique Seu título de Filho de Deus; só quer aparecer entre todos como o servidor do Pai, sem que se suspeite da sua posição entre todos estes servidores. Quer parecer um homem que o Pai escolheu entre outros, amado por Ele e cheio de Seus dons; não quer ser visto como o primeiro de todos os Seus servidores, Seu príncipe, Sua força, o Eleito por excelência, o Bem-amado antes de todos os outros; aquele que é capaz de receber infinitamente todas as complacências do Pai, porque tem a mesma natureza Infinita; que é o único entre todos os servidores que pode receber a plenitude do Espírito porque é igual ao Espírito; se todos os servidores devem julgar alguma parte do mundo, algum dia, ou seja, reorganizando, só Ele, Jesus, julgará o universo inteiro e o conjunto das nações.

O texto de Isaias citado no Evangelho nos mostra este cuidado e sua indulgente tolerância. Com efeito, o Eleito do Senhor é o bem-amado, porque é o único que cumpre perfeitamente a vontade de Deus; é por isto que possui a plenitude da vida celestial. Ele não disputa, sabe muito bem que as discussões não servem para nada além de azedar o amor próprio e que a Verdade se afirma em nós depois de nossos esforços de bondade, não depois de nossas buscas intelectuais. O Eleito do Senhor não grita nas praças públicas, não busca a popularidade, a Luz entra no coração do homem em silêncio e por dentro. O Eleito do Senhor cuida com atenção os ramos meio quebrados de nossas faculdades debilitadas e volta a acender, com paciência, o fogo sempre disposto a apagar-se de

nossos corações agonizantes. O homem só se aperfeiçoa através de seu esforço livre, compreende unicamente o que experimenta, só aprecia o valor das coisas depois de ter provado suas cinzas; os conselhos e advertências não lhe servem de grande coisa, acredita só na metade. É assim com o Eleito do Senhor, antes que nos dirigisse à esta terra Suas emocionantes palavras, teve o cuidado de nos dar primeiramente o exemplo pelo tremendo sacrifício de Sua descida até aqui e de Seu martírio.

Assim, nos esforcemos para atuar segundo o bem, mais do que a dar discursos, nosso exemplo será a melhor propaganda, nossa ação a mais doce e mais sã e os frutos de nosso apostolado mais numerosos.

A OPINIÃO E AS COISAS DIVINAS

Os provérbios, assim como as superstições, às vezes colocam sem razão, observações particulares na categoria de verdades gerais. Raramente a voz do povo é a voz de Deus. Para que esta frase seja verdadeira, seria necessário estabelecer uma diferença entre o povo e a massa de gente. Nesta, se poderia dizer, se mesclam todas as classes da sociedade, sob o império de qualquer embriaguez, por seus instintos inferiores; enquanto que “povo” tem um sentido mais sã, mais vivo, mais profundo, sinônimo, mais ou menos, do que chamamos de classe de trabalhadores. O povo seria o conjunto dos que dão vida à nação: primeiramente trabalhadores manuais, sem dúvida, mas também os trabalhadores administrativos e intelectuais. Tanto o operário, como o campesino, geralmente dizem que os homens de mãos brancas são preguiçosos; esquecem que há muitos funcionários, engenheiros, médicos, patrões, eruditos, artistas, cuja jornada tem dezesseis horas, não oito, e que se esgotam tanto quanto um mineiro ou ferroviário. Certamente, a fadiga muscular é penosa, mas a fadiga nervosa não cansa menos; além do mais, no fundo, todo trabalho confere uma nobreza mística e atrai sobre nós a luz do Real.

Também porque vive com força e propaga a vida, o povo reconhece os portadores de luz; a multidão, ao contrário, os deprecia porque obstaculizam seus caprichos; quanto mais entusiastas são as aclamações populares, pelo brilho mais puro e mais generoso da Luz, tanto mais furiosas são as vaias da massa. Jesus, singular entre todos estes arautos, sempre provocará as oposições extremas: filho de Deus para uns, filho de Belzebu para outros, louco para seus parentes, removeu todas as coisas antes de reorganizá-las.

O povo, todos os que se preocupam do dever familiar e social, do trabalho e da nação, sabe discernir a Luz porque leva em si faculdades sanas: primeiro a energia, a coragem de não cercear esforços; o bom sentido, o sentido do real e do vivo. Isto é justo, pois para receber novas forças, primeiro é preciso gastar as que se possui, pois a retidão vivida dá uma visão reta das coisas e das pessoas. Jesus fica do lado do povo; Ele sempre opõe o bom sentido diante da sutileza dos argumentos fariseus. Quando O acusam de expulsar os demônios por intermédio do príncipe dos demônios, replica: “Satã pode se converter em seu próprio inimigo? Não vês como o inferno foge? Então, é o Céu que desce até vós”.

Desta maneira, somos conduzidos a uma grande simplicidade que libera a inteligência cheia de racionalizações e aumenta a força de atuação. Deus ou o diabo, o bem ou o mal: estas divisões necessárias bastam para nos guiar; existem mau compromisso, má indecisão e maus cuidado. Só há dois campos e entre eles um intervalo vazio. Se não se está ao lado de Cristo, estamos nos enrolando do outro; assim seria para qualquer um que não se entrega explicita e completamente a Cristo e qualquer um que trabalhe com outro objetivo que não seja servir ao Cristo; por mais belos e numerosos que sejam os frutos do trabalho daqueles que não servem ao Cristo, se putrefarão.

Eis aqui uma das razões práticas pela qual é tão importante a fé em Cristo, Deus e homem. No conjunto dos inumeráveis movimentos que constituem a existência universal, a qualidade é mais importante que a quantidade. Mas vejam bem, as coisas não podem ter mais que duas qualidades: podem ser divinas ou naturais; como são as intenções o que qualificam nossos atos, todo ato que não tenha o Cristo como objetivo, morre ao final de algum tempo, porque só o Verbo confere a sobrenaturalidade. Se fosse possível ver este mesmo conjunto de atos no seu futuro, se veria como a maior parte dos frutos se dispersam ao capricho das circunstâncias exteriores. Só alguns, muito raros, combinam seus resultados, os coordenam, os organizam e se perpetuam ao longo do futuro, porque foram expressados em nome de Cristo e para seu Serviço.

Todos aqueles que seguem esta disciplina nas intenções, confessam que é tão dura quanto importante. A energia, a perseverança, a vigilância não são suficientes. Raramente estamos de acordo com nós mesmos; várias vontades se debatem em nós, boas e más; se revezam e às vezes atuam ao mesmo tempo e nos agitamos nas contradições. Nossos atos não diferem de nossas palavras? Estas juram e blasfemam; ainda bem que a cólera não chega aos punhos; outras vezes oferecem os mais belos discursos, mas se cometem mil mesquinhas. Não somos nem totalmente bons, nem totalmente maus, flutuamos. No entanto, Deus não ama a pusilanimidade, nem a habilidade, devemos ser homogêneos.

Jesus conhece bem as taras humanas, causa tanto da miséria atual como da grandeza futura. Ele deseja ajudar-nos a reconstruir nossa unidade, estabelecendo em nós este céu unitário evocador do Reino eterno onde todos são um, neles mesmos e entre eles. Não faltam oportunidades para aprendermos a simplificar, a reduzir os gestos de nossa vida interior sob a obediência do mesmo princípio, por um só método, em direção ao mesmo objetivo. Assim, depois de ter levantado, como vimos, as grandes antinomias universais, depois de ter demonstrado que a realização de nossa unidade própria se fará unindo-nos à Ele, a unidade absoluta corporizada, nos leva à conquista da unidade psicológica por meio de duas lições, aparentemente estranhas à este objetivo: uma sobre a importância da palavra, outra sobre os parentescos espirituais. Harmonia de nós mesmos com nós mesmos, com nossos semelhantes, meta dupla à qual nosso Mestre nos encaminha indiretamente. Ele sabe que somos vãos e indóceis. Sua ternura quer nos evitar a revolta e o desânimo e nos fazer ganhar os pequenos méritos da busca de algo maior: a grande rota é mais fácil que o atalho.

Antes de posicionar-se frente a uma forma qualquer do Absoluto, o homem deve esquecer todo o relativo, fazer de seu cérebro uma página em branco e de seu coração um coração de criança. Também, antes de empreender as duas lições anteriores, Jesus salva primeiro nossa desesperança anunciando-nos o perdão de todos os pecados, de todas as blasfêmias, com exceção do pecado contra o Espírito. Esta exceção não deve nos assustar, pois tal pecado não é impossível de cometer: o Espírito permanece inacessível a toda criatura não regenerada. Entre as pessoas divinas, o Cristo é o que se encontra mais perto e, no entanto, ninguém o Conhece e ninguém o conhecerá antes do dia em que as portas do Céu se abram. O Pai torna-se ainda mais incognoscível e o Espírito mais ainda, se é que posso falar de maneira tão pobre. Quem atacar o Espírito só pode atacar-Lhe porque O conhece e só O conhece quem viu o todo, aprendeu o todo e experimentou o todo. Seu ataque seria como o suicídio de seu ser inteiro, que se lançaria ao nada. Na realidade, tudo o que os mais sublimes contemplativos dizem sobre o Espírito não vale nada. Limitemo-nos a nos inquietarmos pelas faltas que se pode cometer: destas somos plenamente responsáveis.

Vamos com Deus ou com o Diabo, compreendamos isso; somos responsáveis. Se atacarmos a Cristo, sabemos o que fazemos, somos responsáveis. Expressar nossos verdadeiros sentimentos ou mentir; falar mal dos demais, falar por falar, temos plena consciência disso, somos plenamente responsáveis. Este anúncio de condenação não contradiz o anúncio do perdão, dito anteriormente. Para perdoar, com efeito, não é necessário ter sofrido a ofensa? O Pai não se ofende com nossas rebeldias; nos deixa provar por um tempo as consequências dolorosas; depois, quando percebe um arrependimento verdadeiro e a vontade de atuar melhor, Ele perdoa, ou seja, lava nosso coração e restabelece todas as desordens que nossa falta havia engendrado em nosso interior, em nossos corpos, ao nosso redor, tanto no visível, como no invisível. Ter recebido o perdão do Céu é um favor maravilhoso e grave; fiquemos atentos para não perde-lo, vigiemos nossas ideias, nossas palavras e nossos atos. O controle de nossos gestos é relativamente fácil; o controle de nossos pensamentos, que surgem espontaneamente de nossos corações, é quase impossível; se queremos nos esforçar um pouco, tentemos o controle das palavras, por esta disciplina secreta conseguiremos, pouco a pouco, que as pessoas ao nosso redor insultem menos aquilo que não compreendem.

A PALAVRA

Não nos damos conta do valor de um ano, nem de um mês, nem de um simples dia, mas quando formos levados ao país dos mortos, o tempo terrestre, que gastamos muito mal, nos parecerá de um valor inestimável. Insisto sempre no esforço voluntário; aquele que segue uma disciplina estrita não tem nada a temer; que se esgotem as fontes do entusiasmo e da inspiração; por mais gigantescos que sejam os trabalhos que se possa cumprir com a conquista de si mesmo, o menor sopro do Espírito

descendo sobre nós os excede infinitamente. Portanto, coloquem as mãos à obra com todas as forças, submetendo ao Evangelho as faculdades físicas, morais e intelectuais.

Entre estas faculdades há uma da qual quase todo mundo abusa, que pertence propriamente ao homem terrestre: a palavra. As criaturas têm outros meios de se expressar, em outros planos, mas aqui embaixo a palavra ocupa uma posição central no mecanismo da vida. Por isso a Lei promulga: “Por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras, condenado”. No estado em que o homem se encontra, efetivamente, ele é menos responsável por seus atos do que por suas palavras e ainda menos por suas ideias, sobre as quais mal tem controle.

Os pensamentos surgem do coração, mesmo que sem querer. O que se pode fazer com relação aos maus pensamentos é não se deter a eles. É possível refletir sobre seus atos, uma vez que o homem necessita um tempo antes de leva-los a cabo; às vezes ocorre que, querendo fazer um bem, se faz um mal. Fazer algo, bom ou mau, exige a colaboração de um grande número de energias das quais não temos uma consciência clara. O homem desconhece a si mesmo, ignora o que seus antepassados lhes legaram; ele não é mestre de sua vida corporal; quase nada sabe desta vida secreta. Mas, o homem sabe sim o que diz, pode governar sua língua bem melhor que os milhares de movimentos obscuros do resto do corpo; estas palavras, tão rapidamente formadas, brotam, em suma, do coração; estão vivas, são imortais, infelizmente, pois a maioria é malévola ou ociosa. É preciso saber que a palavra, em sua origem, foi dada ao homem para criar à imagem do Pai. Não me atrevo a dizer todas as maravilhas que a palavra poderia ter produzido se não a tivesse sido desvirtuada pelo homem!

Quantas palavras más, quantas palavras inúteis. O homem não deveria injuriar nenhuma criatura, nem ao tempo, nem ao barro, nem a um animal irritante, nem a uma ferramenta que se maneje de forma errada, com muito mais razão, a nenhum de seus irmãos. Em respeito às teorias, limitemo-nos a dizer o que nos parece, de acordo com o que percebemos ou não da Verdade; e quanto aos criminosos e malfeitores perdoemos. Cristo estigmatizou os fariseus, os comerciantes do Templo, os hipócritas, mas nós não somos o Cristo.

Perto de cada um existe sempre um anjo bom e um anjo mau, que enxergam e ouvem tudo o que fazemos e tudo o que dizemos. Os anjos bons estão sempre juntos; os maus estão quase sempre separados. Quando falamos mal de um ser que não pode se defender, seja porque está ausente, seja porque pertence a outro reino distinto ao dos homens, seu anjo está ali, nos vê e nos escuta. Se não fosse pouco, três anjos de Luz são testemunhos de nossa maledicência, o que nos separa deles, já que a maledicência intercepta a Luz; mesmo que quisessem nos ajudar não poderiam; cada reclamação junta uma pedra ao muro que erguemos entre nós e os anjos de Luz. Nós nos separamos do Céu, nos condenamos. Depois abandonamos nossos interlocutores e assim temos três, quatro ou mais pares que estão divididos e que poderiam estar juntos. Para que a harmonia seja restabelecida é preciso esperar que o jogo das circunstâncias possa voltar a nos colocar na presença destas mesmas pessoas e que o ofendido ofereça seu perdão ao caluniador.

Quanto às palavras ociosas, estas nos condenam porque é um verdadeiro desperdício. Brincar para animar uma pessoa desanimada é útil; falar com cortesia é justo, pois o discípulo deve se considerar inferior a qualquer um. Mas, falar para fazer barulho atrofia o poder de atenção e nos torna, pouco a pouco, incapazes de seguir os pensamentos.

AS FAMÍLIAS ESPIRITUAIS

Todos os seres se relacionam uns com os outros, qualquer que seja sua forma. Um homem tem relação com os planetas, um deus tem relação com alguma das formas de nossa matéria. A ciência de uma parte destas correspondências constitui o Ocultismo antigo.

A Cabala, por exemplo, enunciava a anatomia filosófica de um dos deuses da atual criação, o Adão Kadmon. Os rabinos acreditavam que este ser preenchia o mundo, ainda que efetivamente só fosse um de seus aspectos.

Os Brahmas, por outra parte, ensinavam a embriologia do Universo, ponto de vista mais rico em desenvolvimentos.

Os antigos iniciados chineses, intelectuais puros, ensinavam a matemática cósmica, a geometria psíquica, a mecânica divina.

Conhecer os métodos mentais dos antigos Sábios é válido. Isso se cada um tiver a presença de espírito necessária para não deixar-se fascinar por seu resplendor, às vezes enganoso; pode ser uma excelente ginástica que torna possível um ligeiro avanço.

Mas podemos muito bem nos contentar com as seguintes noções:

Cada ser humano pertence a uma família invisível que deveria corresponder-se com a família visível na qual nasce. Cada grupo está composto de indivíduos parecidos, ou seja, providos dos mesmos instrumentos de trabalho, porque tem a mesma tarefa ou, se preferirem, porque têm a mesma rota. Partem do mesmo lugar de evolução e se dirigem à mesma meta temporal. O primeiro de cada grupo, o maior, prepara os outros.

Esta é a base das ciências divinatórias, mas lembrem-se quais são as restrições de seu exemplo.

No entanto, em uma família, é possível que algum de seus membros tome a dianteira e se os outros não podem alcançar-lhe, acaba se reunindo com um grupo mais avançado. Também é possível que encontre um atalho pelo qual seus pais não podem seguir, ganhando tempo. Também pode se encontrar com alguns caminhantes. Uma família não é fixa e, sobre tudo, não é hoje o que foi no começo.

As rotas espirituais são como as rotas terrestres. As rotas que unem grandes cidades (onde a vida parece ampla e o dinheiro abundante) são planas, muito frequentadas, com terrenos cheios de obstáculos. Mas se queremos evitar os rodeios, explorar um país desconhecido ou tentar um esforço maior, a rota se torna mais solitária, mais dura e mais penosa.

O mesmo acontece no invisível. Na medida em que nos afastamos dos confins do mundo e nos aproximamos de seu centro, os caminhos se tornam cada vez menos cômodos e os viajantes mais raros. Todos os caminhos estão traçados, pois se percorrem com dificuldades por causa dos matagais, tormentas, nevoeiros, ladrões e feras.

A coragem que o viajante precisa ter para abandonar o caminho trilhado é, misticamente, a chamada do Verbo. Cada passo, cada esforço do homem ousado é realizado pela força indizível desta voz. Pouco a pouco ele vai deixando o bastão, os sapatos, a roupa que usava ao caminhar; os ares dos países desconhecidos os quais atravessa muda, inclusive, a qualidade de seu sangue; as subidas, as descidas, os passos rápidos multiplicam suas forças; a atenção ao perigo aguça seus sentidos, o mesmo que o trabalho material feito com intensão pura da saúde e atrai, para a existência seguinte, um corpo normal e vigoroso. Esta lenta alquimia que transforma o ser inteiro, pouco a pouco, é o crescimento do Cristo interior. Desta forma, aquele que faz a vontade do Céu é o irmão menor de Jesus, uma vez que O imita; é a mãe de Jesus, porque cada dor, cada esforço, cada célula morta no trabalho, cada sacrifício transmuta um pouco Sua materialidade tenebrosa, aumentando a Luz central que é o Verbo.

QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?

É possível representar o mundo como um bosque onde se encontra todo tipo de plantas, árvores e arbustos em uma aparente confusão inextricável. No entanto, uma ordem oculta dirige este caos; a natureza do terreno, sua inclinação, o regime das águas, dos ventos, da luz, favorecem ou contrariam a germinação dos grãos e seu crescimento. O mesmo vale para o gênero humano, com a particularidade de que somos plantas duplas, ao mesmo tempo terrestres e celestes, aprofundando suas raízes abaixo no físico, no humos do Destino; pelo alto, descendendo do espiritual, produzindo dois tipos de flores na claridade do dia. Desta maneira, qualquer que seja o trabalho ao qual nos dedicamos ofício manual ou metafísico, arte ou ciência, realização ou especulação, seus frutos participam do Céu e da Terra. Nós mesmos, construídos com elementos anteriores da evolução, do atavismo, da herança, nos vemos atualmente dando o último toque em meio a uma descida dupla. As forças cósmicas superiores vêm ao berço de cada criança e, uma luz sobrenatural, uma graça divina lhe é oferecida pelo ministério de seu Anjo.

Para toda criatura existe três fatores: as forças evolutivas do passado, a força presente do indivíduo, e as forças involutivas dos mundos supra-terrestres; e quando se trata do homem, um quarto fator: o dom divino que o Cristo nos apresenta, mas que nós nem sempre aceitamos.

Assim, perto de cada berço se reúnem duas grandes linhas de parentes: uma linha segundo a carne, outra segundo o espírito. Se a máquina do mundo não tivesse sido falsificada pelas inúmeras desobediências de nossa raça estas duas linhas coincidiriam. Tal harmonia é rara; é comum encontrarmos incompatibilidades de caráter, ódios e diferença de valores entre os membros de uma família.

Este é o caso geral, há casos excepcionais. Uma nação pode precisar de um estímulo, uma ajuda; pode merecer um iniciador ou um carcereiro. Em uma família cujos membros apresentam as propriedades e as faculdades convenientes para o trabalho que deverá cumprir chega ou um espírito humano muito avançado que retorna sobre seus passos para dar coragem aos atrasados, ou alguma criatura extra-humana, um gênio talvez, um deus ou um demônio, que aporta uma ciência nova, um grande progresso social, uma forma de arte desconhecida ou alguém que, ao contrário, infunde nas pessoas as duras lições do sofrimento.

Deixe-me pedir agora duas coisas rápidas. Primeiro, jamais aplicar a vanglória de ser uma destas exceções, nem à você, nem a vossos filhos. Repito que a alma mais velha, o espírito que nos mundos superiores governa tais funções ou que, nos mundos inferiores provoca tais cóleras, quando toma um corpo aqui embaixo esquece pouco a pouco seu estado anterior. Esta é uma lei rígida; ninguém pode, pelo uso da razão, levantar o véu que separa as existências e os mundos; nenhuma vidência, nenhuma arte oculta pode fazer reaparecer o que fomos. Seja para nos preservar das tentações do orgulho ou das maldades pesadas demais para nossa debilidade, seja para que cresça em nós a fé sobrenatural, seja para evitarmos a desesperança; o Céu não quer que conheçamos nosso passado ou nosso futuro, isso com certeza. Portanto, não busquemos saber quem somos, ou que é tal herói ou tal gênio; não precisamos julgar.

Caso queiram, podem aceitar a teoria das existências múltiplas ou rejeitá-la, não importa. O Cristão não deve se preocupar com o futuro, mas apenas com o dia presente, cuja perfeição consagra todas as forças. O mais simples é não se ocupar com a reencarnação, não pregá-la, não escutar os mistérios. Esta teoria, de fato, não oferece nenhuma precisão. Poderia ser diferente? Não sabemos do que estamos constituídos, de onde vêm nossas energias; não conhecemos o invisível, temos esquecido nossos antepassados, ignoramos nossos descendentes, não vemos os nossos guias. Ademais, nossos caminhos não são individuais e sim coletivos; andamos e vivemos em grupos, em famílias espirituais; os mais velhos nos treinam e nós treinamos os menores; o chefe do grupo, o

mais velho da família, pode mudar as funções de cada um dos membros, mudar seu lugar, modificar suas cargas.

Suponhamos um homem que morre; o conjunto de sua personalidade comporta várias séries de elementos que se poderiam repartir em duas grandes classes: os elementos momentâneos, que a morte restitui ao seu meio de origem, como o corpo, as noções automáticas, as energias superficiais; e os elementos permanentes, as aquisições profundas que aumentam o eu imortal, porque são de natureza extraterrestre. No entanto, está escrito: “Aquele que não tem até o que tem lhe será tirado”. Se o anjo condutor da família espiritual vê que qualquer aquisição torna seu possuidor orgulhoso ou avarento, pode leva-la toda ou em parte e entrega-la a outro indivíduo desta família. É por isso que o sujeito que reencarna, quase nunca é idêntico a si mesmo; entre a morte e o renascimento pode ser diminuído em algumas qualidades e ampliado em outras. Em um corpo jamais pode haver dois *Eus*, mas em tudo o que rodeia estes *Eus* pode haver as repartições mais variadas. Estas aparentes anomalias tem como resultado moral, desenvolver em nós o indispensável sentimento de fraternidade, pois cada um contém um pouco das partículas físicas ou fluídas que, em grande quantidade, tornam possível estas semelhanças. As simpatias e as antipatias espontâneas não têm outra causa.

Por outro lado, já que isto pertence à ordem natural, segundo a ordem sobre natural, o fruto de uma existência, à luz de todas as boas ações, cumpridas na humildade se reencontra, ou melhor, se une ao Eu de maneira permanente. Mas, se um dia este Eu cede ao orgulho e passa a acreditar que esta luz lhe pertence, o Céu a retira quase toda e a dá a outro mais humilde; aqui também “a quem nada tem, ainda lhe será tirado”.

Estas são as linhas gerais segundo as quais se operam as “revoluções das almas”, mas temos o caso singular por excelência que Cristo aporta a este plano primitivo, pelo qual Ele confere a seus discípulos perfeitos, a possível renovação por um privilégio excepcional dependente do Espírito Santo.

Em meio a uma reunião popular, informado de que Sua mãe e Seus irmãos O chamam, Jesus replica: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos”? Palavras muito duras para o sentimento humano, mas, devo dizer, conforme a realidade dos feitos.

Não gostamos de controvérsias; não buscaremos saber se estes irmãos eram irmãos ou primos. Os católicos afirmam que a santa mãe de Cristo jamais teve outro filho e que sua virgindade foi perpétua; os protestantes, ao contrário, dizem que teve vários filhos de seu esposo. Quem decidirá entre os méritos da virgindade e os méritos da maternidade? A recomendação de São Paulo que se manifestou sempre a favor da primeira versão me parece, se me atrevo a dizer, uma derrota, pois ninguém está seguro de que se tendo triunfado sobre dez mil tentações, não se cairá diante da milésima primeira. Se todas as mulheres reusaram a maternidade, como os espíritos que, às portas da terra esperam com impaciência para vir purificar-se pela dor, efetuariam a sua evolução? Por outro lado, é certo que a castidade corporal economiza certas forças e permite transformá-las em obras psíquicas: toda a sabedoria pré-cristã está de acordo quanto a isso com a sabedoria católica. Mas estas mudanças de dinamismos nervosos em dinamismos fluídos não vão mais além do magnetismo ou o mental não chega ao sobrenatural, são hiperfísicos e não divinos. Ademais, quem julgará se as dores da maternidade, as vigílias e as angústias de uma mãe, frequentemente fora de proporção com as alegrias do amor conjugal, valem mais ou menos que as renúncias da virgindade monástica, com suas lutas e rigorosas penitências?

Voltemos ao nosso tema. Se Jesus é Deus, se Seu corpo terrestre foi formado no seio de Sua mãe, por uma ação especial do Espírito Santo e se devemos acreditar nisso contra toda razão fisiológica, Jesus não teria, evidentemente, nada em comum com seus parentes terrestres.

Por que então escolher a via comum ao vir a este mundo? Para renová-la, para santificá-la, para divinizar-la. Não seria conveniente expor estes mistérios; só os conheceremos quando formos um com outros amigos indefectíveis. Contudo, os esposos cristãos podem saber que o estado do matrimônio encerra possibilidades milagrosas. O Cristo não teme fazer alusão, proclamando que Sua mãe e Seus irmãos são aqueles que praticam a palavra de Deus Entendida em sua plenitude, esta frase expressa o segredo da verdadeira regeneração;

Imagina, efetivamente, um discípulo perfeito, homem ou mulher. Só o que lhe importa é o serviço a Deus; não se permite nem um pensamento, palavra ou ação que não seja para o próximo e pelo amor de Deus. Não contente em cumprir os trabalhos que se lhe apresenta, escolherá sempre, entre as fadigas, as mais pesadas para o egoísmo; em fim, quando nenhum trabalho o chama, se coloca a inventar, e assim leva esta existência de sacrifícios perpétuos e pouco a pouco se regenera e se recria. Suas faculdades mentais, seus poderes anímicos, suas forças corporais e até o último glóbulo do seu sangue e a medula de seus ossos, tudo é limpo das manchas ancestrais e pecados pessoais. O Espírito lhe outorga uma vida nova. Divina; O Verbo nasce no centro deste ser, tornando-se o pai e a mãe, o irmão e a irmã de Cristo, porque tomam de Cristo todas as suas virtudes, assim como o broto novo toma sua substância e suas qualidades da muda antiga, na qual foi enxertada.

Espero que não vejam nestas curtas explicações o materialismo que perceberiam certos metafísicos. O Evangelho não é nem uma física, nem uma metafísica, isto todos compreendem. Contudo, me atrevo a dizer que não é mais um espiritualismo do que um materialismo. Todos estes pontos de vista são de análise humana. O Evangelho é um olhar divino sobre as coisas, um realismo. É um, é completo e contém todos os sistemas conhecidos e ainda muitos outros. Lembra sempre que Deus não é somente tudo isso ou tudo aquilo ou isso combinado com aquilo, mas sim uma infinidade de modos inconcebíveis. O Evangelho é a Palavra de Deus.

Quando o Cristo diz algo, tudo se encontra ali: pensamento, sentimento, ação, princípio, lei e realização; tese, antítese, síntese. Assimilemos Seu ensinamento como um alimento triplo, comunhão com o Verbo pelo intelecto, pelo amor, pela ação e assim veremos o lugar feliz onde estes grandes ternários desaparecerão; onde compreender, amar e atuar não serão para nós mais do que um só gesto.

O ESPÍRITO IMPURO

É notável que justo depois de termos falado de nossa verdadeira filiação espiritual; depois de termos ensinado de que fazendo a vontade de Deus, entramos na família do Verbo, Jesus nos revela os costumes dos espíritos impuros; costumes estes que se situam ao inverso dos costumes dos espíritos puros. Os espíritos puros buscam o trabalho e a fadiga; espíritos impuros buscam o descanso, empregando cada vez mais a astúcia e a violência. Os primeiros se oferecem, sem se impor, eles dão, enquanto os impuros tomam. Para estes a pessoa humana, a nação, a época, tudo é uma casa onde vivem como parasitas. Para os espíritos puros tudo é uma casa a ser ordenada e ornada, a fim de que o Mestre nela descenda.

Dessa forma, caçar o inimigo uma vez não assegura nossas vitórias; é preciso fazer isso duas, três, sete vezes e as últimas lutas se tornam mais duras que as primeiras. Caso me fosse permitido expor a constituição do homem, veríamos claramente o quão justas são estas máximas dos Evangelhos que prescrevem os trabalhos mais simples e cotidianos; veríamos que estes exercícios simples despertam nossas energias mais profundas sem perturbar o funcionamento sadio do organismo. Talvez seja preferível que não conheçamos estes segredos? Se possuíssemos a chave dos enigmas, não teria nenhum mérito viver segundo a Lei; nossa santidade seria somente um egoísmo inteligente e por outro lado, transgrediríamos as ordens, a culpabilidade seria total e nosso perdão impossível.

Não explicarei o sentido individual da passagem citada; seria preciso descrever todo um mundo que lhes pareceria fantástico, do qual não vale à pena abrir as portas, pois a Providência as mantém fechadas para a maior parte de nossos semelhantes. No entanto, tudo se corresponde, um mesmo plano preside todos os modos de vida e curvas análogas guiam os diversos desenvolvimentos. Tentemos aplicar ao nosso século o que Jesus nos ensina sobre os costumes dos espíritos impuros, o espírito que geralmente o anima, sua filosofia, sua estética.

As características predominantes da mentalidade contemporânea provocam mais inquietude do que esperança: a cultura está mais rara; os homens apenas se reencontram nas ideias gerais, cada um se especializa, seja pela imensa variedade de profissões, seja pela minuciosidade das investigações teóricas, seja pela qualidade das inteligências, certamente agudas, mas frequentemente estreitas. Observe a multidão no cinema, estádios, na correria e verão perfis violentos, maxilares duros, bocas pesadas, olhos astutos, ainda mais nas mulheres do que nos homens. O predomínio do instinto e da passionalidade se afirma por todos os lados, até nos cabelos e no modo de vestir; a moda acusa a forma do corpo, a mandíbula, a boca, as formas e o modo de andar se tornaram brutais; os braços balançam, os ombros cabeceiam; já não se vigia mais estes gestos impulsivos que os bons modos se esforçavam até então por harmonizar. Sabe-se correr, saltar obstáculos, lançar a bola, o disco e o dardo, sabe-se dar golpes; já não se sabe andar pela calçada, nem se comportar em uma casa.

Estes estigmas físicos se encontram também nas opiniões políticas, artísticas e literárias. Escuta os homens, lê suas obras; quase sempre um erro inicial é tomado como verdade; nenhuma disciplina de trabalho, de pensamento ou de vida é admitida, sobre tudo, cada um crê cegamente em seu si próprio. Nenhuma novela que se possa considerar uma obra prima, nenhuma banalidade que não se apresente como uma originalidade inédita, nenhuma tese de êxito que não seja um sofisma. Os mais nobres pretextos são apresentados para justificar qualquer disparate. A França está invadida por saqueadores do mundo e os mais loucos destes selvagens são os que mais barulho fazem, se instalam nos melhores lugares, difamam os países onde vivem sem vergonha, no material e no espiritual e perseguem com ódio tudo o que subsiste da alma de nossa raça.

Sei bem que a França, acolhendo a estes hóspedes mal educados, ajudando estes famintos a sobreviverem, obedece à sua missão de iluminadora. Qualquer um que respire o ar de nossa pátria recebe, mesmo inconscientemente, uma graça sutil que o espiritualiza. Repartir estes tesouros entre os que cobiçam, deixar-se assaltar e devorar, escolher a ingratidão e o ódio dos parasitas que a vampirizam, é o Papel da França, é seu destino imprescritível. Os próprios franceses colaboram para isso, seja pela excessiva admiração pelas produções estrangeiras, seja pelos jogos paradoxos demasiadamente sutis de seus intelectuais. Se fossemos falar dos detalhes não terminaríamos nunca, mas tudo o que nos entusiasma do estrangeiro, desde as invenções industriais até as formas de arte e as especulações espirituais, são ideias francesas, desconhecidas de nós, e que outro povo nos apresenta sob um novo nome. Nossa claridade de alma se parece às vezes à inocência. Os exemplos deste ilusionismo abundam e golpeiam, sobretudo no terreno das letras. Os críticos eruditos têm mostrado como a Alemanha e o Oriente invadem desde há um século o pensamento francês. É um fenômeno normal, pois sobre a terra, as revoluções de forças, desde as magnéticas até as metafísicas, seguem a marcha do sol, do oriente ao ocidente. Mas o Cristo veio um dia para colocar abaixo o que estava acima e acima o que estava abaixo. No social, França, situada no ocidente do mundo, cumpre este gesto cristico, pois, segundo a marcha natural das coisas, deveria ter recebido sempre, mas tem sempre é dado. Sempre deu e dará cada vez mais. Nossa tarefa, verdadeiros franceses e verdadeiros cristãos, parece ser prevenir as invasões intelectuais que ameaçam sua missão.

Entre os pensadores que tem moldado os jovens cérebros de hoje citamos Chateaubriand, Stendhal, Proudhon, Balzac, Michelet, Vitor Hugo, Renan e mais recentemente: Anatole France, Maurice Barrès, Charles Péguy, A.Gide, R.Rolland. Quantos mais? Vejam bem, quase todos são anticristãos, ao mesmo tempo anti-franceses, apesar de seu patriotismo ou sua religiosidade. Os mais perigosos

possuem a maestria de estilo que cai no erro do encanto da verdade, como a roupa da melhor costureira torna sedutora a mulher mais indigna. Todos fazem do diletantismo o código de sua existência, mas cada um utiliza um procedimento próprio para esgotar as fontes do entusiasmo e a energia.

Um extrai dos sentimentos e das ações a parte um pouco ridícula que se encontra geralmente nelas e que as esteriliza; descobre o vício pelo qual se realizam as ações heroicas em aparência, e com uma jogada desleal, acha em qualquer função social mesquinhas assinaladas na casa de seus representantes, identificando como insuficiência de um ministro a instituição que não pode mudar. O funcionário é indigno porque o regime é criminal: este é o silogismo que o talento prestigioso do sofista trama com a liberdade de pensamento, independência de caráter e imparcialidade crítica. A confusão dos erros com verdades, a negação de realidades de sentido comum, a conversão em sistema de um ecletismo confortável, a aceitação de utopias com o pacifismo ou o internacionalismo, são os resultados de tais demolições.

Outro diletante nascido artista cético, irônico e desencantado, egoísta, se tornou, em sua idade madura, tradicionalista, patriota e católico, jamais por desgraça! Por uma generosa conversão, mas por motivos estéticos. Já não sentindo a vigor necessária para atingir o poder, renovou as atitudes do conde de Chateaubriant. Crer em Deus tontamente é bom para os eleitores; isto não se grita, nem se nega a dar a mão em um salão a um canalha comprovado. O grande escritor tem uma sensibilidade nobre e rica, além de uma ampla inteligência, mas lhe falta lógica. Posto que deprecia a maioria de seus contemporâneos, o amor perfeito por seu país e sua religião lhe resulta impossível; desdenhar é não compreender. No entanto, a qualidade de seu estilo e a distinção de suas ideias tem conquistado todo um público de jovens também para os quais, por desgraça, as realidades do Céu e da Pátria não são mais que símbolos.

Temos outro pior ainda. Um grande prosista, nutrido de Grécia e Roma que se tornou doutrinário de um partido agressivo. Até seus inimigos reconhecem seu enorme talento. Enquanto que seus discípulos o igualam aos maiores homens do Estado. No entanto, vive uma grande confusão de valores com a maior serenidade. Chefe de um partido político que combate para o trono e para o altar, este escritor nos mostra diariamente que um rei não é indispensável e ao mesmo tempo semeia suas alegações de sentenças anti-cristãs e de máximas em que o agnosticismo beira o ateísmo. Um domênico, P. Laberthonnière reuniu um grosso livro de citações heréticas tomadas deste defensor do catolicismo.

Temos também um grande doente sutilmente perigoso, pois seduz ao mesmo tempo que evita os entusiasmos que provoca. O demônio da perversidade o possui, aliás sempre fala dele. Filho de uma linha de protestantes conscientizados, as disciplinas lhe exasperam, ainda que reconheça suas virtudes. Quer se sentir livre para atuar, chegaria até ao assassinato se não percebesse que o ato consumado lhe provocaria a prisão, passa a vida precipitando-se, logo parando, oferecendo-se para depois recusar. Este homem miserável, a pesar de toda sua inteligência e da excelente opinião que tem de si mesmo, não vê que a busca da confusão, do perverso, dos estados de ânimo arriscados o encadeiam mais que as violências realizadas, pois o converte em escravos de seu triste orgulho. Não pode ver seres normais sem tenta-los, agitando ante eles mil fantasmas coloridos; vê o bem e o mal, mas o bem lhe parece sem graça, demasiado são e simples; só as riquezas do mal o atraem. “A hipocrisia é uma das condições da arte”, diz ele, e este gosto pelo artificial, pela mentira o leva a inverter o sentido dos textos evangélicos. Como Oscar Wild, um de seus irmãos espirituais, toma Jesus por um artista e as palavras por contos maravilhosos; como a santidade atrai os demônios, o divino atrai estes literários, que gostam de perverter um pouco.

Muitos dos grandes pensadores estrangeiros são de espírito falso: Edgar A. Poe, Emerson, Carlyle o são algumas vezes; W.Blake, Nietzsche, Schopenhauer, Hegel, Kant, Dostoiévsky, Tolstói o são no

próprio centro de seus gênios e tem seguidores na França. Renan é um dos mais célebres; por sua vez, falsificou toda uma plêiade de escritores dos quais já citei os mais influentes.

No entanto, há um entre eles que não tem uma atitude orgulhosa: Charles Péguy. Certamente acredita em sua missão, conhece sua força e inteligência, mas não acredita ser um super-homem; não declara como Stendhal e outros, escrever para os séculos futuros, trabalha para o presente, porque sabe que “o dia de amanhã cuidará quem for de direito”. Syendhal tem percebido as mais altas realidades humanas e sobre-humanas da França e de Cristo com imagens exatas e sendo universitário em humanidades, nos faz compreender melhor que muitos sociólogos, a dignidade do trabalho; melhor que os eclesiásticos, o caráter humano da santidade; melhor que muitos extáticos, o comércio da graça e a intimidade das pessoas divinas. Mas ninguém é profeta em sua terra.

Os falsos grandes homens, cuja autossuficiência, amor próprio e orgulho se ofendem com as barreiras que lhe opõem o gênio da raça, se revoltam, buscam com rancor pretextos para uma independência que acreditam ser sublime, mas que é apenas infantil e por uma hipocrisia quase tão inconsciente como profunda; estes não temem defender as poderosas e funestas individualidades que, em toda parte do mundo, assaltam o bom sentido, a verdade, o bem, a Luz.

Quanto mais célebres são, mais prejudiciais se tornam. Tais pensadores servem, sem o saber, a certos propósitos do Adversário. Não nos desesperemos com isso; sem dúvida que servem também aos propósitos da Providência. Pois, as pessoas são enviadas à Existência para aprender, conhecer, vencer todas as seduções, burlar as armadilhas. Para realizar bem este trabalho há dois métodos: um consiste em fechar os olhos, tapar os ouvidos e recusar tudo o que não é a Lei do Céu; este é o método mais rápido e mais seguro, pois seguido até o final, procura a visão real, o conhecimento exato de todos os fantasmas tentadores que testam o caminho. O outro, geralmente o mais seguido, experimenta, ensaia, gosta de todos os frutos e por conta de experiências mais ou menos dolorosas, a sabedoria vem pouco a pouco.

Eu prefiro o primeiro método e o recomendo. Assim, o sofrimento é reduzido e a viagem bastante encurtada. Certamente há beleza em julgar a Faustos, Manfredos, Zaratustras e Imoralistas, mas este é um jogo enganoso, pois termina sempre por confundir. Os falsos heróis pretendem ser os únicos a mostrar energia; não se dão conta que nos momentos em que mais se esforçam pela independência, o orgulho o está encadeando com tríplice voltas. Aquele que quer se fazer livre, se torna escravo.

É para convidá-los ao primeiro método que me abstenho de comunicar alguns mistérios aos quais o Evangelho faz alusão. Posso compreender mal, em relação à vossa compreensão, pode ser que não me façam entender. Pode ser que leiam ou ouçam algo diferente do que digo, posso aplicar alguns relatos que não se dirigem a vocês. Desconfiemos desta forma de inveja que se chama curiosidade. Há vinte e cinco anos que vos digo e Ernest Hello disse primeiro. Desconfia de tudo o que vem do Oriente. Desconfia do pensamento alemão e de seus amigos, não somente dos mortos: Kant, Hegel e Nietzsche, mas também dos vivos: O. Spengler, Keyserling, Rudolf Steiner e de qualquer um que pretenda “se colocar acima das pessoas”; desconfia do encanto eslavo e do falso cristianismo; desconfia dos maravilhosos Tagore e Gandhi, pois confundem Jesus com Buda, a obediência à Deus com o abandono dos instintos e o amor fraternal com os remendos desordenados do fanatismo demagogo.

Todos elogiam o Cristo e o Evangelho, mas os explicam confundindo os conceitos ou separando as proposições. Certamente, o Reino dos Céus só está aberto aos pobres de espírito, mas não àqueles pobres que estão atados à riqueza. O menor empregado que acumula seu salário irrisório, é rico; Pasteur, que sabia não saber nada, era pobre. Os escritores que pregam o abandono ao momento presente, a vaidade do esforço e o vazio de toda certeza, que permanecem invencivelmente persuadidos de seu próprio gênio, são ricos que se tornam inacessíveis aos Céus da Verdade e da Beleza.

Pelo menos, o sentido crítico dos franceses é bastante rápido para identificar os sofismas e vencer as seduções da forma. Mas existem aqueles estrangeiros que marcham ao fundo: americanos, suíços, dinamarqueses, suecos, checos que, de boa fé, aceitam os paradoxos e admiram os rodeios dos jogos estético-filosóficos. Como os livros fazem, estragos! Quantos véus não teceram diante do Real! O que precisamos é nos olhar, a sós, conosco mesmos, sem teorias, sem poses, sem parcialidade.

Nossos “maus pastores” falam muito de “olhar para si mesmo”, mas o que chamam “sinceridade” é se render a todos os instintos; dizem que se os instintos estão em nós é porque são bons! É a aquiescência a qualquer desejo e, sobretudo aos maus desejos. A sinceridade não é saber que os pretextos que damos para pensar mal, sentir mal e fazer mal são hipócritas? O que chamam de “liberdade” é a falsa coragem de cumprir a própria mesquinhez como se fossem nobres, enquanto que ao realiza-las se encadeia. O que chamam “beleza” é a idolatria complacente do *eu* artificial que com grande trabalho se compôs, enquanto que a beleza divina é o esplendor do real. Ao final, chamam eles mesmos de Deus: “Deus, disse R Rolland, é nosso eu superior, encarnado em nós, nesta hora de sua vida milenar... Pensa nas coisas eternas e tu serás eterno” Que confusão! Humanizam, naturalizam e o Evangelho, subjetivam.

Pobres artistas, pobres homens com imenso talento, é preciso ter piedade! Os homens podem tê-los como possuídos do Evangelho: Alguém há dois mil anos, expulsou entre nós o espírito impuro; mas o intruso chamou as sete cúmplices que tentam reinstalarem-se todos juntos na velha e confortável casa. Queira o Céu que a próxima geração resista a estes incessantes assaltos!

CAPÍTULO III

RECEPÇÃO DA GRAÇA

**Mateus 8,5-13; Lucas 7, 1-10/Lucas 7, 11-17/ Lucas 7, 18-30;
Mateus 11,2-15?Lucas 7,31-35; Mateus 11, 16-19/ João 4, 43-54**

Entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião que rogou: “Senhor, o meu criado jaz em casa, paralisado e violentamente atormentado”. Jesus respondeu: “Eu irei e lhe restituirei a saúde”. O centurião respondendo, disse: “Senhor, não sou digno que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e meu criado será salvo. Pois também eu sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu criado: Faze isto, e ele o faz. E maravilhou-se Jesus, ouvindo isto, e disse aos que o seguiam: “Em verdade vos digo, nem mesmo em Israel encontrei tanta fé! Muitos virão do oriente e do ocidente e assentarem-se-ão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus; E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes”. Então disse Jesus ao centurião: “Vai, e como creste te seja feito”. E naquela mesma hora o seu criado foi curado.

*

Logo depois, Jesus foi a uma cidade chamada Naim; com ele iam os discípulos e uma grande multidão. Ao se aproximarem da porta da cidade viram o enterro do filho único de uma viúva; uma grande multidão da cidade estava com ela. Ao vê-la, o Senhor se compadeceu e disse: “Não chore”. Depois, aproximou-se e tocou no caixão; os que o carregavam pararam. Jesus disse: “Jovem, eu lhe digo, levante-se!” O jovem se levantou, sentou-se e começou a conversar, Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram cheios de temor e louvavam a Deus. “Um grande profeta se levantou entre

nós", diziam eles. "Deus interveio em favor do seu povo". Essas notícias sobre Jesus espalharam-se por toda a Judéia e regiões circunvizinhas.

*

Os discípulos de João contaram-lhe todas essas coisas. Dirigindo-se a Jesus, aqueles homens disseram: "João Batista nos enviou para te perguntar: És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?" Naquele momento Jesus curou muitos que tinham males, doenças graves e espíritos malignos e concedeu visão a muitos que eram cegos. Então ele respondeu aos mensageiros: "Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos vêem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são pregadas aos pobres; feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa". Depois que os mensageiros de João foram embora, Jesus começou a falar à multidão a respeito de João: "O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que foram ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas esplêndidas e se entregam ao luxo estão nos palácios. Afinal, o que foram ver? Um profeta? Sim, eu lhes digo, e mais que profeta. Este é aquele a respeito de quem está escrito: "Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti. Eu lhes digo que entre os que nasceram de mulher não há ninguém maior do que João; todavia, o menor no Reino de Deus é maior do que ele". Todo o povo, até os publicanos, ouvindo as palavras de Jesus, reconheceram que o caminho de Deus era justo, sendo batizados por João. Mas os fariseus e os peritos na lei rejeitaram o propósito de Deus para eles, não sendo batizados por João.

*

"A que posso, pois, comparar os homens desta geração?" prosseguiu Jesus. "Com que se parecem? São como crianças que ficam sentadas na praça e gritam umas às outras: 'Nós lhes tocamos flauta, mas vocês não dançaram; cantamos um lamento, mas vocês não choraram'. Pois veio João Batista, que jejuava e não bebe vinho e vocês dizem: 'Ele tem demônio'. Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e vocês dizem: 'Aí está um comilão e beberrão, amigo de publicanos e "pecadores" '. Mas a sabedoria é comprovada por todos os seus discípulos".

*

"E dois dias depois partiu dali, foi para a Galiléia. Porque Jesus mesmo testemunhou que um profeta não tem honra na sua própria pátria. Chegando à Galiléia, os galileus o receberam, vistas todas as coisas que fizera em Jerusalém, no dia da festa; porque também eles tinham ido à festa. Segunda vez foi Jesus a Canã da Galiléia, onde da água fizera vinho. E havia ali um nobre, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum. Ouvindo este que Jesus vinha da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele, e rogou-lhe que descesse, e curasse o seu filho, porque já estava à morte. Então Jesus lhe disse: "Se não virdes sinais e milagres, não creereis". Disse-lhe o nobre: "Senhor, desce, antes que meu filho morra". Disse-lhe Jesus: "Vai, o teu filho vive". E o homem acreditou na palavra que Jesus lhe disse e partiu; seus servos correram ao seu encontro e anunciaram: "teu filho vive". O senhor perguntou aos seus servos: "A que horas melhorou?" E disseram-lhe: "Ontem às sete horas a febre o deixou". Com isso o pai entendeu que era a mesma hora em que Jesus lhe disse: "Teu filho vive" ele acreditou e toda a sua casa. Jesus fez este segundo milagre, quando ia da Judéia para a Galiléia.

Creio que a história do Centurião de Cafarnaúm indica todas as condições necessárias para obter as graças do Céu. Este homem deseja que seu fiel servo fique são, assim como nós desejamos que nossos servos fiéis, nossos corpos, nossas faculdades não sofram. É um homem de bem, ajuda as pessoas de onde vive, assim como nós devemos ajudar aqueles que nos rodeiam. É humilde, não se sente digno de apresentar-se diante do Senhor, nem de receber a visita salvadora. Só pede uma palavra: sabe que a distância não existe para o Todo-poderoso e por mais longe que seja o lugar de onde O chamamos, Sua presença é sempre imediata. Eis aqui sete exemplos a imitar. Tal fé é verdadeiramente admirável e nos consideramos muito felizes se se eleva em nós espontaneamente. Para obter esta fé é preciso fazer como o centurião: nosso dever, com toda simplicidade. A mentalidade que nos mostra primeiro as coisas sob um aspecto complexo é útil, certo e liberta nosso cérebro; no entanto, não é mais do que uma escola, uma aprendizagem. Quem tem a Luz, vê a complexidade do mundo, mas não se enreda aí; o vínculo vivo que lhe ata à Unidade lhe mostra como ajustar cada detalhe ao conjunto e nenhum imprevisto lhe desconcerta.

Foi desta forma que de longe o centurião viu a Cristo, como um chefe que dá as ordens a seus numerosos servos e soldados, ordens que executam com uma inteligência e uma prontidão mais que perfeitas, mais ainda que aquelas executadas pelos subalternos do oficial romano, ainda que admiráveis. Este homem não se perdeu na floresta das teorias esotéricas e religiosas; à primeira vista se deu conta que as doenças são seres, que sua cura é um ato espiritual, que no mundo do Espírito, o espaço e o tempo desaparecem que a palavra de Deus é a própria vida e ato puro.

Tudo o que se possa fazer para obter a verdadeira fé viva e prática, se resume em adquirir o hábito de conversar permanente com Deus: falar com Deus como a um interlocutor presente. Pratiquemos isto: cinco minutos de manhã e cinco minutos à tarde não são suficientes. Do mesmo modo que um adolescente vigia sua linguagem e seu comportamento, igualmente cada um dos segundos que, vinte vezes ao dia, separam nossas diversas ocupações deve ser preenchido com um retorno rápido a Cristo, com um impulso de nossa coragem, com uma reativação do nosso interior. Sem dúvida trata-se de uma grande disciplina, mas a aquisição de qualquer maestria, inclusive a mais material, não exige igualmente uma obrigação perseverante? Já nos foi dito há muitos anos que “sorrir aos inimigos é o começo do caminho que leva à fé”. Semelhante serenidade só pode realizar-se por um intercâmbio perpétuo com Deus, a força de elevar nossos corações acima das pequenas e pobres vicissitudes terrestres, a força de solicitar o milagre, a força de saborear nosso nada.

A humildade constitui a terra. Os filhos do Reino, destinados pela Providência a acolher aqui embaixo ao Deus vivente, se são lançados às trevas exteriores é por causa do orgulho que sentiram ao se reconhecer como nação eleita. O Pai admira as celebrações das nações estrangeiras procedentes do Oriente e do Ocidente, por causa de sua humildade.

Desta forma, o que faz crescer a fé é o simples cumprimento de nossos deveres, uma verdadeira humildade, o pensamento vivo de nosso Pai. A fé, por sua vez, nos permitirá estender ao nosso redor os milagres da bondade divina. Então vamos, não? Vamos colocar as mãos à obra. Frequentemente percebo em vós certa inquietude, certa timidez ansiosa, dúvida enfim; isto esteriliza todas as vossas penas. Voltar a tomar alimento, nos dá segurança e nos acalma; e a obra? O que há a temer? A fadiga? Já a tens vencido por tantas vezes. O fracasso? Serve a um excelente mestre que olhará vossas penas antes de vossos êxitos. Serve ao mestre mais sábio; quando Ele não vos faz conseguir uma vitória brilhante, é que a derrota aparente é melhor para vós e vossos adversários.

O FILHO DA VIÚVA

Em geral nos falta a plenitude interior, este sentimento de alegria tranquila e radiante que reconforta a alma do asceta como a euforia enche o corpo do esportista. No entanto, esta plenitude é o resultado de exercitar-se nas realidades espirituais.

Tomemos um exemplo aproximado: a ressurreição do filho da viúva de Naín; O Evangelho conta este feito extraordinário em doze ou quatorze linhas, mas cada um das palavras quantas explicações não dariam se fosse extraído todo o sentido que implicam? O nome das cidades, os discípulos, a multidão, o morto que é levado, filho único e de uma viúva, os assistentes, a compaixão de Jesus, Seu apóstrofo: “Não chores mais”; Sua intervenção quando ninguém Lhe pediu nada; Ele se aproxima, toca o ataúde, os transportadores param; cada uma das palavras da ordem taumatúrgica, Jesus, que “o devolve à sua mãe”, o temor dos espectadores e todo o resto.

Aplica cada um destes detalhes ao homem espiritual, ao homem moral, ao homem intelectual, aos fluídos, ao homem corporal, à sua vida cotidiana, ao plano social, à matéria, ao conhecimento, à terra, o que dizer então? A mãe viúva do ressuscitado pode ser tomada pela criação, separada de seu Senhor pelo pecado, pela Igreja, por um povo, pela alma extraviada. Na alquimia, na psicologia mística, na economia nacional, podemos imaginar as aplicações deste episódio. Mas estas investigações, ainda que não se tratem totalmente de jogos simbólicos, só satisfazem a curiosidade intelectual. Para alimentar nosso coração, só valem as instituições das diversas ordens de realidades contidas em tal palavra ou tal gesto de Cristo, instituições que surgem espontaneamente das profundidades de nosso ser, quando nossa vontade se une à vontade divina e converte à ela todos os poderes conscientes de nossa pessoa.

Há em Jesus uma unidade que engloba e supera o Universo. Tudo o que Ele faz e tudo o que Ele diz sacode de uma só vez as formas do espaço e do tempo. Ressuscitar um morto não é um ato simples. A cada ser humano estão unidos centenas de criaturas terrestres ou extraterrestres, visíveis ou invisíveis; com ele morrem estas criaturas, com ele nasceram; fazer reviver um morto exige fazer reviver todos estes acompanhantes e auxiliares, é provocar enormes sobressaltos, é determinar mais dores do que alegrias. As ressurreições magnéticas e mágicas ou ignoram esta complexidade ou não dão atenção à ela. Mas a mística sim, se preocupa e por isso só se permite pedir ao Céu.

Contudo, para que suas demandas sejam escutadas e logo atendidas é preciso viver ao mesmo tempo no Céu e na terra, não ir de um ao outro, senão estar acima e abaixo, respirar as duas atmosferas, ver as duas realidades; isto é possível, fácil na verdade para o Cristo, as duas não são mais que uma.

Torne tua visão cada vez mais penetrante; que as criaturas com as quais vive tornem-se translúcidas; que a trama das circunstâncias não vos oculte as linhas da força divina; que encontres a cada minuto e em cada lugar o ponto secreto por onde cada força divina se une ao infinito e cada uma destas criaturas ao eterno. Pelo momento, vossa regeneração não está complicada, apenas começa; a Luz só habita um lugar muito pequeno de vossa pessoa, não possui a plenitude mais que em um território mínimo. É preciso superar docemente todo o resto de irrealidades que o ocupam sem preenchê-lo. Assim, podereis ver neste momento, pela crise da mudança francesa: há uma multidão de compatriotas que acreditaram na realidade da questão de mudança. No entanto, a moeda é apenas um signo e a mudança, signo de um signo. Nos períodos incertos, como o nosso,

acaba por não corresponder em nada à riqueza real de uma nação. Os franceses se deixaram tomar por um símbolo, por uma imagem, uma sombra. Se ouvessem ignorado voluntariamente as manobras das finanças internacionais, não teria tido repercussões nas nossas bolsas, nem nos movimentos de Amsterdam ou outras partes; o ataque ao franco só encontraria o vazio e teria se dissolvido. O mesmo ocorre na ordem espiritual. Comportamos-nos como se as coisas passageiras fossem toda-poderosas capazes de fazer de nós seus escravos. Façam o contrário, tomem as coisas divinas como as únicas coisas reais e o próprio Deus os tornarão todo-poderosos. Ele cumprirá teus desejos, como um padre contempla, com alegria, a seu filho obediente de recompensas e presentes. Os homens religiosos mais inteligentes e cultos não chegam apenas a conceber estes absolutos de plenitude e união; acreditam que seja necessária a fé nos socorros humanos para regenerar o mundo temporal, pois que existem mais doutores e administradores que verdadeiros místicos. Pensava recentemente nestas particularidades ao ler um livro de Henri Massis. Este espírito desperto, erudito, ajuizado, de um sentido católico bastante são, declara que a simples realização por cada fiel das máximas do Evangelho não bastaria para renovar o estado social, nem para devolver à nação sua prosperidade, nem para retificar os erros de seus filósofos e de seus artistas. Ainda que o Sr. Massis nunca tenha sentido o poder do Verbo de Jesus, é intelectual demais para receber a simplicidade do espírito. Alimenta-se de alimentos vazios, sua fé apoia-se primeiramente nas ideias de comentaristas e só estuda o texto divino através das experiências dos Padres e cânons dos concílios.

Não atuamos melhor que isso nas atividades diárias. Colocamos intermediários entre nós e Deus, não nos decidimos ir direto à Ele, tentamos o propósito, não ousamos realizar o propósito, de modo que quando o Cristo vem à nós, é Ele quem faz todo o caminho; como os amigos e a mãe do jovem de Naín, que se lamentavam sem pensar que o Mestre da Vida passava perto deles. É a compaixão de Cristo o que nos ajuda quando nos vê desesperado, enquanto que, se vivemos com Ele, estaria feliz de dar aos nossos gestos o poder e a perfeita beleza de Sua cooperação.

Chama o Cristo, aspira à Ele, inspira Seu luminoso Espírito. O exercício respiratório recomenda primeiro esvaziar os pulmões ao fundo, antes de enchê-los de ar puro. Primeiro nos limpar de tudo o que seja EU. Não digo de tudo o que seja terra, pois a terra e as criaturas são obras de Deus e contêm Seus reflexos, mas sim da cobiça, da possessividade, da avareza vital que tudo corrompe. Em seguida encher os pulmões das plenitudes eternas e tudo o que em nós estava para a morte, será devolvido à vida, como o joven Naín.

ONDE ESTÁ O CRISTO?

Quantos espíritos inquietos se fazem esta mesma pergunta: Este taumaturgo, este pensador, é o Mestre, é Quem deve vir? João Batista, o maior dos homens se interroga como homem instruído e circunspecto, sabendo que o milagre material nem sempre prova a legitimidade espiritual do taumaturgo. No entanto, a resposta de Jesus é uma resposta simples que, concordando com os feitos, tem um valor muito grande como prova. Por quê? Porque a simplicidade de Jesus vai além do sentido crítico dos psicólogos, enquanto que a simplicidade dos ignorantes é uma simplicidade parcial, negativa e superficial, não superando o conhecimento racional; a simplicidade do discípulo, ao contrário, tem por trás a autoridade do intelecto.

Qualquer um que deprecie o trabalho cerebral e as diversas formas de trabalho humano, testemunha que nunca experimentou nenhum interesse com paixão. Aqueles que debutam nas vias espirituais

tem a tendência de considerar com desdém os pesquisadores de laboratório, os intelectuais, os observadores das regras morais ou religiosas. Um escritor sério, o Barão Seillière, nos mostra com uma série de profundos estudos, os estragos cujas causas tiveram origem na indisciplina das emoções durante os séculos XVIII e XIX e como confundimos os termos de romantismo e misticismo. Seus críticos não assinalam esta confusão e, desta forma, o público segue repetindo o velho erro que faz de um místico um imaginativo e um impulsivo. No entanto, não há misticismo verdadeiro sem regra rigorosa, sem ascetismo.

O homem não é um corpo, não é um espírito, não é uma alma. O homem é estas três substâncias mescladas, ou melhor, combinadas. É uma substância única que não se parece a nenhuma das três substâncias mães, mas que não existiria sem a participação das três. Todas as análises não passam de um artifício para compreender o Real, dissociando-o e tudo o que se refere a Cristo é unicamente realidade e vida. Não considerem nenhuma palavra dos Evangelhos como expressões de fatos, sentimentos ou de ideias, mas sim realidades, como coisas vivas, seres vivos. Por isso Jesus responde aos enviados de João Batista: “Ide e dizei a João o que vistes e ouvistes”. Estes mensageiros deveriam ter encontrado este sentido do real, esta apreensão imediata da vida particular de cada fato e cada ser, dos quais recebemos os gérmenes antes de descender nos ciclos da existência, mas dos quais só possuímos a plenitude depois de ter percorrido todos os caminhos e ter reintegrado o reino do Absoluto. Esta atitude, por sua vez acolhedora e discreta, este olhar que passa sobre os seres, limpo de toda névoa personalista, esta compreensão nutrida de experiência, mais do que indulgente, fraternal e humana, humilde e cheia de dignidade é o que precisamos adquirir para receber o raio de Luz eterna do qual cada criatura, cada circunstância é o tabernáculo certo. O que vocês encontrarem nas obras de Claude Bernard, Henri Poincaré ou Duhem sobre o estado de espírito científico, aplicado a todos os estados do espírito humano, permitirá que compreendam o que deve ser seu dever na vida. Desfazer-se dos particularismos é o trabalho mais difícil. Vemos constantemente a homens de elite fechar-se entre quatro paredes e, o que é pior, não dar-se conta que estão encerrados. Vejam o Anjo da Escola, Santo Tomás de Aquino; é um cérebro único, mas não se move da plataforma aristotélica. Vejam Napoleão I, o modelo de instrumento do Invisível; para ele só conta a razão, o sangue frio, a vontade, as coisas terrestres, as mais tangíveis. Os escritores religiosos que comentam o Evangelho só descobrem nele máximas morais ou tesis dogmáticas, segundo sua mentalidade do momento, nada mais. Qualquer um que obtenha do Evangelho uma adaptação, não combinada, aos seus olhos, se converte em um visionário, um ocultista ou um teosofista. Tal é o poder prestigioso da mágica Inteligência. Certamente seu papel de intérprete da Vida é importante e indispensável, mas ela não se contenta com isso e pelas aparentes satisfações que oferece à nossa imperiosa necessidade de certezas imediatas, faz desaparecer pouco a pouco esta Vida, única Realidade, por trás das imagens que nos ajuda a formar. A atitude do intelectualista se pareceria a de um engenheiro que esquecendo a realidade da locomotiva para acreditar unicamente em suas ideias e equações. A verdade é que a Vida essencial se reflete sobre espelhos diversos: o do pensamento lógico, o da sensibilidade estética, o do caráter moral, o da sensibilidade corporal; grandes imagens, porém disassociadas em inúmeros reflexos pelas inumeráveis facetas de suas grandes lentes.

O erro dos esoterismos não é acreditar na preeminência das ações hiperfísicas sobre os conceitos conscientes, mas sim buscar ações primordiais partindo da matéria. O Evangelho nos coloca na presença destas ações, as quais nos introduzem no Reino de Deus, estância do Verbo, onde tudo palpita desde a vida mais real; apresenta-nos os fenômenos deste mundo central e permanente, como os princípios de nossas metafísicas, teologias, morais e ciências; nos aclimatam à Unidade divina pela busca de nossa unidade pessoal. O Evangelho nos coloca junto à Deus pelo centro; os

ocultismos não pode nos dirigir até Ele senão pelo exterior, com alguns riscos!

Gostaria que refletissem sobre estes pontos, a fim de terem uma boa resposta quando nos acusarem de unir em traje de Arlequin os diversos disparates de doutrinas heterogêneas. Santa Francisca Romana, Santa Hildegarda, Catherine Emmerich e muitos outros tem descrito de forma fria os lugares ocultos do Invisível; nem por isso se intitularam ocultistas ou teósofos. São José de Cupertino tem realizado muitos outros fenômenos assim como os mais ilustres médiuns; nunca disse ser espírita, sabendo muito bem que uma ação material pode ter mil causas espirituais diferentes. Os teólogos que nos criticam deveriam mostrar imparcialidade também. Não levemos nossos interlocutores ao confeccionário pela força: isto não quer dizer que sejamos protestantes; recomendamos uma disciplina ascética ou o recurso à Virgem: o Sr. Wilfred Monot nos tem catalogado por estes motivos como católicos especiais. Quanto mais envelhecerem, mais reconhecerão quanto a imparcialidade, a independências e o bom sentido são raros. Jesus nos recomenda fortemente a não julgar. Parece-nos como ao fogaço Arthur Meyer, falando de pintura. Fazer abstração de nossos gostos ao ver as coisas, apreciá-las fora de nossos interesses, compará-las sem seguir nossas paixões, é difícil, extremamente difícil e merece tota a nossa atenção.

Procuremos atravessar o nevoeiro, esta seria o resumo das exortações de Cristo. Aos nossos cinco sentidos, memória, lógica e ao nosso juízo, Ele responde: “Veja, e diga ao vosso mestre (o coração) o que vistes”.

Perdoem minha preocupação em poupá-los ao máximo de alguns passos em falso. Que vosso progresso para a liberdade de espírito não vos dê um orgulho ridículo. Contempla a Jesus de Nazaré; está ali, atormentado por centos de miseráveis e impedidos que gritam debaixo do sol quente, entre o povo, as moscas e o forte odor da multidão. Curar a um doente de corpo e alma não é tão fácil como dizer a um motorista: “Leve-me ao bulevar dos Capuchinos”. Por mais poderoso que era o Cristo, precisou de todo modo, considerar a cada um destes miseráveis, examiná-lo a fundo, desde o defeito físico atual até o defeito moral antigo, longe e profundo; por mais poderoso que foi, era necessário que Seu gesto salvador, que Sua palavra milagrosa alcance os centros desconhecidos do inválido, dominando até o mais distante de seus resultados visíveis e invisíveis. Para o discípulo não é tão difícil curar. Ele se impõe algum desconforto, pede ao Céu e o Céu lhe concede. Mas Jesus, homem-Deus, implora e ortoga; que tensão, que atividade inimaginável! No entanto, com toda esta preocupação Ele acolhe tranquilamente aos mensageiros de João Batista, dirigindo-lhes algumas palavras e continua Seu trabalho. Assim, que nada vos confunda. Também vocês, façam seu trabalho, responde a todos, mas somente o que é necessário; guarda tua suave serenidade; guarda com vocês, longe do tumulto, a eterna Presença, causa pela qual tantas criaturas os chamam bem-aventurados. Com isso, todos os problemas que enfrentamos se resolverão com uma certeza total e perfeita.

AS FORÇAS VIVAS

Consideremos a forma como Jesus enumera Sua obra redentora.

Com os mensageiros de João, cita os cegos, alejados, leprosos, surdos, ignorantes, os mortos; Ele os cura e proclama como centro desta estrela a felicidade dos que aceitam Sua palavra.

Antes de ser enviado ao mundo, o homem recebe do Pai seis chispas que as existências farão

crescer:

1. A faculdade de perceber as formas das criaturas;
2. A faculdade de atuar e trabalhar no mundo, no lugar onde estiver, o que equivale ao avanço do Eu ao longo do caminho onde se encontra o Pai;
3. A faculdade orgânica pela qual nossas funções vitais se equilibram e nos dão a tripla saúde.
4. A faculdade de escutar a linguagem das criaturas, o que na terra seria o conjunto de nossas faculdades mentais.
5. A faculdade criadora pela qual se desenvolve e se embeleza a vida ao redor de si; poder tão diferente da simples atividade vital como a caridade o é do egoísmo;
6. A faculdade de nascer para uma vida nova, de receber as energias renovadoras capazes de criar-se pela segunda vez no Absoluto, depois de se ter sido criado primitivamente no Relativo. A recepção plena no corpo, alma e espírito de verdades vivas do Evangelho determinam este renascimento.

Estas seis faculdades se correspondem duas a duas. A primeira e a sexta pertencem à Cruz, mais particularmente ao Espírito Santo; a segunda e a quinta vão juntas, pois não poder avançar, como os alejados é no Invisível do Verbo, não viver; pertencem ao Filho, o Caminho e a Vida; a terceira e a quarta são do Pai e dependentes entre si, pois a corrupção fisiológica máxima leva à incapacidade intelectual.

No entanto, cada uma destas forças vivas do ser humano lhes é dada por um sol, pois existe no universo, sete sois e não um só. O que nos ilumina é o amarelo, mas existem outros seis cujas cores correspondem mais ou menos a cada uma das cores do prisma; estão igualmente dispostos aos pares no espaço, nos focos de três elipses cósmicas cujo traçado permanecerá desconhecido ainda por algum tempo. Todos os astros que os astrônomos já classificaram são aqueles cuja radiação é sensível aos nossos olhos; existem outros muitos mundos, todos tão reais como esta terra, uns mais densos, outros menos, todos se influem, quase todos habitados, todos receberam ou vão receber a visita do Verbo redentor.

O par de sois mais perto de nós é nosso sol amarelo visível e o sol que os hindus chamam de sol negro ou sol dos mortos. Este último exerce sobre toda a vida terrestre uma ação tão importante como a do sol visível. Atualmente, alguns discípulos podem percebê-lo em certas horas. Para que nossos olhos adquiram esta sensibilidade, só é necessário a resignação diante das provas e o amor ao próximo.

Estas noções não podem apenas nos servir, na prática; seria um erro grande usar estas noções para benefício próprio, ao contrário, devem alimentar a esperança e oferecer pontos de apoio à humanidade. Numa época em que há tantos de nossos irmãos, felizmente dotados, que se estenuam para conquistar algum tesouro inacessível, é útil dizer sempre que os únicos domínios em que um cristão tem o dever de impregar suas forças e o direito de gastá-las até a morte, são a luta contra seus próprios defeitos e sobre toda oferenda ao próximo de suas comodidades, de suas riquezas e de sua própria felicidade. Seria necessário que nós também salvássemos, como nosso Mestre, aos cegos, alejados, doentes, surdos, mortos e ignorantes. Isto é possível, pois Ele anuncia que podemos fazer milagres maiores do que os Seus. Só não fazemos porque não nos aplicamos. Graças a Deus percebemos alguns de nossos defeitos; tenhamos a certeza de que só vemos os menos graves. A caridade agudiza o olhar, uma caridade que se estende a toda criatura, a todo objeto, a todo estado de alma ou de espírito, a todo acontecimento, como se aplica à miséria física. Se perguntarmos

àqueles que levam no coração a ferida do sofrimento universal, se ela nunca será arrancada da triste humanidade, responderão que a ferida permanecerá enquanto um só homem ainda desfrutar da vida sem se preocupar se um só de seus irmãos não disfruta com ele. Compreendeis que a fortuna, a felicidade, o poder e inclusive a inteligência são venenos para o coração espiritual, venenos não por si mesmos, senão pela possessividade que engendram naqueles que recorrem a estes temíveis tesouros. Compreendam isso: Jesus não veio tirar a dor do mundo, como um cirurgião que extirpa um câncer, esta miséria magnífica, terrível e lamentável; Ele veio para nos ensinar a curar o terrível câncer, não a operá-lo, mas a curá-lo por esta transformação profunda e total de todo nosso ser, que se opera obedecendo a Lei, ou seja, aceitando tudo no mundo e sacrificando-se por todo o mundo.

OS MENSAGEIROS

Assim, não nos queixemos por viver em uma época que, em tantos aspectos, se parece à que viveu o Cristo. Nem o mau humor, nem a crítica edificam. Só podem destruir. Qualquer coisa, inclusive a mais cruel e espantosa contém uma Luz; busca a chispa ao invés de maldizer a cinza suja. Se não conseguem deixar de ver os defeitos de nosso tempo, de nossos contemporâneos, políticos, artistas, sábios e tantos outros, pelo menos não os espalhem. Estas pessoas cínicas, ávidas, sem elegância, sem cultura são instrumentos; Deus os dirige, enquanto pensam que são livres; Se Deus permite que ofusquem os dias com suas vilezas é porque nossas perfeições são muito fracas e suas pálidas radiações deixam subsistir os germens perniciosos que ensurdecem os lugares baixos. Vejam nos imensos campos da Criação, onde as cidades são sistemas planetários, onde os rios são oceanos de fogo, onde nosso mundo não é mais que um fruto rodando pelo caminho, como está a multidão, como está o Percursor, seus Mensageiros e como está Jesus. Diante disso o que são as pequenas convulsões de nossos contemporâneos? Mas questionareis: o que são nossos miseráveis esforços? Esqueça-os. Nossos miseráveis esforços não são mais que poeira, mas se tornam formidáveis se deixarmos que Jesus os cumpra em nós. Dentro de nós também se encontra a multidão ruidosa, vulgar e cínica; está também o Percursor em algum quarto desprovido de nosso espírito; estão seus mensageiros e quando os mensageiros abandonam o recinto de nossa consciência, Jesus se levanta e fala. Faça com que os Mensageiros partam em cada um de vós.

UMA OPORTUNIDADE PARA CAIR

A desgraça dos homens é que não querem escutar a Voz sobrenatural.

As consequências das opiniões humanas são graves na medida da gravidade de seus objetos. Esta é uma observação evidente para as coisas ordinárias que pertencem quase sempre à ordem prática, considerada como o único real e, no entanto, é uma observação mais verdadeira para as coisas espirituais, em particular para os juízos que fazemos de Jesus.

Penso nisso ao ler a crítica de um drama intitulado “Jesus de Nazaré”, recentemente apresentado no “Odeón”. Como de costume, as críticas produzem um monte de bobagens, mas se excede quando o tema lhe supera. Evitamos os políticos e os estrategistas de café, no entanto, quando as mesmas cabeças anêmicas discutem sobre questões religiosas, infinitamente mais complexas e mais distantes dos hábitos mentais das pessoas, todo mundo acha isso muito natural. A liberdade de exame é boa se unicamente os competentes a exercem, com a condição de que sejam imparciais. Hoje serve de pretexto para a incompetência. Renan passa por iniciador para os “espíritos livres” de ontem, como Anatole France para os de hoje.

“Somos inteligentes demais para acreditar”, declaram. Ser inteligente quer dizer aceitar só o que pode perceber a sua razão ou seus cinco sentidos. A inteligência, desta maneira, depende da agudeza dos sentidos ou da liberdade da razão; não se moverá, infelizmente, mais do que uns limites muito estreitos. Se declarassem que as coisas religiosas os superam, então se mostrariam inteligências livres de efeitos nocivos, mas, muito ao contrário, tratam e tratam de todos os assuntos tudo o que os superam. Esta atitude não tem nada de científico, para dizer o mínimo.

São incuráveis, porque não querem se curar. Digamos que são também meio cegos, seus olhos não são mais sensíveis que a luz física e sua consciência, mais que a luz mental. Apesar disso, são responsáveis pela sua cegueira, porque a Providência lhes informa sempre, de uma maneira ou de outra, da existência de outro sol distinto ao sol da inteligência, mas eles se recusam a examinar estas informações. Esquecem que só há progresso quando se supera os próprios limites. Uma inteligência independente e sã usa o discernimento e por este reconhecimento é capaz de uma renovação, graças à qual lhe será permitido ampliar as informações. Para renascer é preciso aceitar morrer.

Uma das mais mortais utopias do ser pensante é sua obstinação em fabricar sistemas. Para construir uma casa é preciso pedras e lajes, objetos precisos, medíveis e definidos; para construir um sistema, além das ideias é preciso de palavras: nada mais impreciso. O maravilhoso é que com materiais simples é possível conseguir um belo edifício. Mas, mesmo que o arquiteto seja Heráclito ou Aristóteles, São Tomás, Duns Escoto, Descartes, Spinoza, Kant ou Bergson, nunca ninguém conseguirá fazer entrar todo o universo em seu edifício.

Há uma incompetência análoga na sociologia. As mesmas palavras podem significar coisas totalmente contrárias. O materialismo marxista de Lenin e o espiritualismo jurídico do presidente Wilson – por citar apenas dois falecidos – não teria o mesmo objetivo? Não falam de justiça, felicidade universal e paz? Na literatura – por escolher a mais popular das formas artísticas e citando apenas as pessoas mortas – ao ler Maurice Barrès ou Marcel Proust, não constatamos que um desfigura as grandes entidades que celebra, considerando-as somente em sua superfície psicológica e não em seu centro divino, enquanto que o outro, atraído pelo anormal, nos oferece apenas suas surpreendentes análises da sensibilidade como as noções de um espectador extremamente inteligente, mas que não lhe interessa uma aplicação prática? Na Ciência, Einstein, pelo menos até onde os profanos possam entendê-lo, nos revela verdades conhecidas desde o dilúvio. Necessito de cálculo integral para compreender que uma quantidade infinita permanece sempre infinita qualquer que seja a quantidade que dela se extraia? Freud se dá um trabalho enorme para explicar o que muitas boas mulheres incultas sabem muito bem; Bergson chama toda a biologia para lhe ajudar a dizer que a intuição pode iluminar; Willian James confunde obstinadamente o maravilhoso e o divino.

Já me pergunto se cada ramo da atividade humana não daria lugar a este tipo de observação?

A ação, a sensação, a ideia são pontos de contato superficiais, não são centros. Este é o primeiro ponto que devemos admitir. Por outro lado, para um pensador instruído, a impotência de expressar uma verdade não seria o indício de uma lacuna em sua concepção? Todos estes grandes trabalhadores, todas estas inteligências de elite aplicam seu esforço a uma das facetas externas dos problemas que querem resolver: a faceta física – (fenomenismo, economia, administração, sensibilidade, matéria estética, ritos), a faceta intelectual ou a faceta emotiva. Nenhum quer aceitar a realidade do Deus vivo e, no entanto, todos sabem muito bem que a compreensão intelectual não é

a compreensão real.

Preparar-se a fim de receber a compreensão real requer:

Aceitar o mundo sensível como real;

Aceitar o mundo das entidades coletivas – raça, pátria, religião – como real;

Aceitar o mundo dos conceitos estéticos como real;

Aceitar o mundo abstrato das leis e metafísicas como real;

Aceitar o mundo dos sentimentos como real;

Aceitar o mundo da imaginação como real, observando as qualidades de organismo e de vida que possui, por exemplo, o animal humano. Pois tudo existe ao mesmo tempo dentro e fora de nós. Tudo é orgânico. Uma percepção, uma emoção, uma ideia, um desejo não são nem resultados físico-químicos de reações celulares, nem contatos de ondas; é encontro de seres individuais, de dramas, de combates, de uniões, de nascimento, de mortes. Poderão dizer: antropomorfismo. Se o antropomorfismo se encontra em todas as épocas e em todas as latitudes, não seria uma expressão terrestre de uma verdade cósmica?

Toda atividade psicológica tende a engendrar compreensões, noções, cuja solidez é apoiada pela inteligência, emotividade, sensibilidade, mas de forma auxiliar. A certeza exige um pai e uma mãe. Por que inventar-lhe pseudônimos se estes pais chamam-se Luz Eterna e Amor Perfeito? Os que não admitem que Jesus é Deus, seja porque O consideram como os panteístas, sejam porque desejam este título para uso da Igreja, seja por outros motivos que não creio conveniente repetir, Jesus os declara miseráveis, mais do que culpáveis. Miseráveis porque seguem um mau caminho e a sofrimentos incompreendidos e, também, um pouco culpáveis, porque poderiam ver com clareza se confessaram não serem infalíveis.

A aparição da Luz é sempre salvadora. Salva imediatamente a minoria que a aceita no momento em que aparece. Salva pouco a pouco a inumerável maioria que, a princípio, a recusa. Esta rejeição lança o incrédulo na noite escura, cujo seio se debate para emergir o dia em que ele, com menor violência, poderá aceitar. Assim, oscilando entre sombra e luzes, cada vez mais de perto, ao final de certo número de ciclos de seis ou múltiplos de seis, os cegos se rendem e a Luz será a sua cura.

O retorno destes filhos pródigos daria, sem dúvida, uma grande alegria ao Pai e a Seus anjos, mas não seriam felizes, pois devem esgotar o arrependimento e reparar as confusões que seus vagabundagem têm semeado no mundo. Só está na beatitude aquele que por um esforço sobre humano da humildade, recebe ao Cristo desde o momento que O percebe. Este é o grande mistério da amizade de Jesus Cristo, o indivíduo, disfrutando da plenitude de sua consciência psicológica, pode viver ao mesmo tempo na terra e no Céu.

As raízes da árvore se entristecem na obscuridade do solo, entre pedras e parasitas; as folhas da árvore trabalham na luz e no ar; os ramos e as raízes pertencem à mesma árvore. As partículas que sofreram nas trevas sobem pouco a pouco até o sol, enquanto que no outono as folhas caem, se desagregam, formando o humus nutriente, cujo suco, as raízes reabsorverão durante o inverno. Assim é o discípulo, mas ao inverso. É uma árvore cujas raízes se elevam ao infinito do Céu e que dá à terra suas flores maravilhosas e seus frutos milagrosos. Ele vive na alegria total, pois se nutre no alto – ou em seu centro – das beatitudes do Amor e, abaixo, ele oferece à matéria o que traz do Céu, pelos sacrifícios igualmente felizes deste mesmo Amor.

A PREGAÇÃO DO VERBO

Assim, depois de ter enviado a seu mestre os discípulos de João Batista, que foram perguntar sobre o príncipe do Arrependimento, Jesús, dirigindo-se à multidão, gritou justamente: “Felizes aqueles para quem eu não seja motivo de escândalo”.

Muitos sábios declararam reconhecer que a vida está por toda parte; isto não é reconhecer o Verbo mais que no círculo das percepções sensíveis. Muitos artistas e poetas cantam ou retratam as belezas da harmonia universal; isto não é reconhecer o Verbo mais do que na esfera das emoções anímicas; Muitos filósofos descobrem uma organização viva no jogo das leis abstratas, isto não é reconhecer o Verbo mais do que no céu gelado da metafísica. Reações físico-químicas, ondulações e vibrações de energias cósmicas, emanações e conceitos, subjetivismo e panteísmo, tudo isso nada mais é do que sombras projetadas sobre telas diversas pelo Ser divino que viaja através do mundo.

Os que reconhecem a Jesus Cristo como Filho Único de Deus, encarnado e ressuscitado saem da Sombra e penetram o Real.

No entanto, muitos cristãos confessam esta fé só da boca pra fora, por costume, por obediência; outros mais conscientes são levados a esta verdade por um sistema de provas morais ou demonstrações lógicas. Outros, enfim, sentindo que a verdade só é tal se se expressa com a vida, se preocupam por dar à vida esta verdade indispensável unindo-a a suas ideias, seus sentimentos, suas palavras e, sobretudo a suas ações. Estes são os discípulos, os servidores, os amigos de Jesus. Quando digo que aqueles que não aceitam esta ideia pertencem ao Anticristo, não lanço sobre eles uma condenação, simplesmente os classifico. Não se deve condenar, mas sim se compadecer; não é para se esquivar, mas sim para iluminar. A religião é algo vivo; no mundo é onde a vida é mais intensa. Nela o ato é mais importante que a ideia, o fervor mais importante que a regra. Santo Agostinho escreveu: “Ama e faça o que quiser”. Mas é preciso amar ativamente e não somente em intensão.

Os grandes líderes utilizam diversos métodos para conquistar as massas. Uns impõem um sistema de regras e disciplinas precisas; outros conduzem a opinião geral com hábil publicidade; outros, que são os verdadeiros apóstolos, praticam e convertem com a atração viva do exemplo. Sendo eruditos, oradores ou hábeis dialéticos, os incrédulos que convertereis o serão pela inteligência e em sua inteligência. Para os que se tornam verdadeiros discípulos, será necessário, mais cedo ou mais tarde, sair dos domínios intelectuais para entrar no reino do coração. Sendo autoritários, os resultados obtidos serão mais superficiais e precários.

Mas, leva em teu coração a convicção ardente de que nada são, nada possuem, nada podem; que Jesus é tudo e pode tudo. Vivam segundo o costume, em meio a pessoas de sua condição, mostrando-se serviçais com todos, indulgentes, suprimindo as necessidades dos pobres envergonhados, inclusive dando um pouco mais do que pedem. Sem dúvida vocês encontrarão aqueles que os exploram e que os evitam. Vocês poderão deixar de acolhê-los o dia em que o resultado de sua maldade seja completamente indiferente para eles; mas não podem deixar de acolher outros, sem que jamais tenham tentado dizer-lhes um sermão, estes perguntarão por que vocês atuam desta forma e vocês terão de dizer. Então, a tua resposta germinará em neles e vocês terão injetado uma nova árvore sobre a Raiz eterna. Terão instruído teus irmãos no conhecimento do Verbo.

Insistimos que o cumprimento do Evangelho cumpre tudo: saúde, sorte, dinheiro, conhecimento, eloquência, quando estas coisas terrestres são úteis a qualquer um de nossos irmãos ou inclusive, quando são necessárias a nós mesmos. Que se entenda bem, neste último caso, com a condição de que não se utilizem com a esperança de uma recompensa pessoal. A primeira condição para se fazer ouvir do Céu é o desinteresse.

Os incrédulos, geralmente os mais instruídos e hábeis, se confundem com uma pessoa sincera, ignorante, mas autêntico discípulo iluminado por seu Mestre. E mais, prevendo os inumeráveis ataques que a Verdade crística está chamada a sofrer no século XX, o Céu quis que esta confusão do Saber humano pela simplicidade mística se multiplique. Trata-se de uma aplicação da céebre parábola: “quando estiveres diante dos tribunais, não vos inquieteis sobre o que deves dizer”. Esta promessa é para nós. Para sermos capazes de receber a inspiração do Espírito Santo. Tudo nos é oferecido, basta que consagrar todas as nossas forças em preparar em nossos corações o menos indignamente possível o tabernáculo para estes dons espetaculares. É imprudente falar de Cristo, Filho de Deus, sem direção. Pode virar brincadeira; se pode fazer um mal, como se déssemos um alimento demasiadamente forte a um bebê; se pode escandalizar se não se oferece ao auditório o exemplo de uma conduta perfeitamente digna do Ideal que se afirma. Não tem problema se mostrar temeroso. A verdadeira é a nossa existência. Se nossos atos provocam, perguntas, respondemos, com calma, com medida, sem aspereza, sem altivez.

A alegria que Jesus concede àqueles que O reconhece não é unicamente futura, é atual também. Assim como as pequenas misérias da vida não turvam o entusiasmo do artista, a serenidade do filósofo, a força do realizador, focados em alguma grande obra. Igualmente nossa relação com Jesus coloca em seu verdadeiro lugar, que é pequeno, todos estes inconvenientes, estes choques, estas marcas que tantos de nossos contemporâneos situam fora deles mesmos. Esta paz profunda e viva não se assemelha à indiferença nem à impassibilidade do estóico.

O PERCURSOR

Buscar ao redor de si um apoio para as debilidades e um guia à nossa insegurança é humano. Antes de Cristo os homens sempre se agrupavam ao redor de super-homens; Depois de Cristo, a falta de fé os tem mantido na mesma temerosa dependência. O homem moderno não atua de melhor forma. Existem tantos especialistas afirmando a necessidade de guias visíveis que estamos desculpados por não ter intermediários. Além do mais, a vontade desordenada e incoerente, o entusiasmo anêmico e vacilante, a sugestibilidade tornam os homens, por desgraça, incapazes de seguir a via dos Evangelhos, demasiados simples para sua complexidade, demasiados retos para suas dúvidas. No estado que o homem se encontra, precisaria de um analista que grativamente esclarecesse sua inteligência analítica; guias fortes que inventem exercícios artificiais próprios para lhe aprimorar e exemplos imperfeitos, pois ele se imagina ao exemplo de Cristo, perfeito demais. Parece o aprendiz de nadador que só quer fazer os movimentos de natação no seco. Existe um passo para franquear a entrada do Reino e sob a imediata tutela de Jesus. Nunca ousamos pular o foço. Nada é mais fácil que isso, mas não nos atrevemos. Filhos da Natureza, só aceitamos escutar a outros filhos da Natureza, maiores sem dúvida, mas filhos da Natureza. Por compaixão por esta debilidade infantil Jesus promove antes Dele um precursor.

Que é ele? Não um iluminado, não um orador como tantos outros que atraem as massas, exaltando

seus rancores nos perigos de suas paixões, como o bambu que se curvam em todos os sentidos seguindo os ventos. Também não é um poderoso segundo a ordem temporal. Mas, um vidente segundo a ordem espiritual, um profeta, um homem dirigido pelo Espírito divino. É mais que um profeta, um enviado, em quem a missão accidental e local se torna missão perpétua e universal. Em resumo, “o maior entre os nascidos da mulher”. Já vimos esta figura sobrehumana cuja grandeza enche de admiração os mais belos gênios eclesiásticos.

João, não teve necessidade, segundo o Crisóstomo, de nenhum mestre humano. São Ambrósio e Orígenes afirmam que, desde a Visitação, tinha pleno uso de todas as suas faculdades. Nasceu profeta, segundo São Paulino e o abade Guéric d’Igny. O célebre Gerson ensina que recebeu o lugar de Lúcifer. Segundo a tradição, ocupa seu assento à esquerda de Cristo e à sua direita se senta Maria. Santo Agostinho diz que é tão grande que maior seria Deus. Ele é mais que um profeta, pois viu toda a Verdade; é o prenúncio de toda lei. Até ele, o orbe da Natureza estava fechado. Flor suprema do esforço das criaturas, que se abre à primeira vista de seu Mestre a caminho desta terra, tendo as premissas necessárias para a aceitação do Céu. É o indicador do caminho, aquele que banha nossos doloridos olhos, a fim de que o brilho do sol não os fechem. Para ele, o Verbo do mais além nos tem sido revelado. O Batista não é mais que um homem, ainda que único. Lendo o Evangelho à luz da Eternidade ele aparecerá como um homem que já viveu todas as experiências cumpriu todos os trabalhos, sofreu todas as provas, venceu todos os monstros, descifrou todos os enigmas, subiu todos os montes. Maior que Moisés e Salomão, maior que Fo-Hi e Lao-Tsé, que Krishna ou Buda, que Zoroastro, Odin ou Mahoma. Ou seja, tudo o que Jesus ordena a um cristão pensar. Esta opinião, reconhecimento, é contrária à crítica, contrária aos testemunhos da história, contrária à razão comum. De acordo. Mas é a verdade. Interroguemos a mesma ciência histórica que invoca o racionalismo, não vemos que todas as celebridades, todos os líderes, todos os reformadores tiveram ao seu lado, atrás deles, inspiadores secretos, conselheiros anônimos que os dirigiam dando os principais meios de seu esplendo? Tudo segue pelo mundo aos pares. O próprio Cristo não se refere sem cessar ao Pai celestial? João Batista não proclama aquele que vem atrás dele, de quem não é digno de amarrar o cordão de Suas sandálias?

No entanto, quanto mais real é a grandeza, menos conhecida é. João Batista, o maior dos homens, é um dos mais desconhecidos. E os pequenos no Reino dos Céus, que Cristo declara maior que o Percursor, são totalmente desconhecidos. Poderão me contestar: Cristo, que dizes tão grande, o maior, é céebre desde ha muitos séculos e conhecido por todos, pois centenas de pensadores e sábios têm estudado Sua doutrina e Sua história. Estou de acordo, Cristo parece muito conhecido e ter maior celebridade, mas é uma celebridade humana, um conhecimento externo. Na realidade, assim como sua personalidade física permace totalmente obscura, Sua personalidade espiritual fica, até o fim dos mundos, também obscura e mal compreendida, é incompreensível ao homem, apesar do gênio dos doutores e o amor dos santos. Entre os veneráveis discípulos e o Mestre subsiste o mesmo abismo que separa o relativo do absoluto; por mais belos e puros que sejam, não passam de criaturas diante do Criador. Só compreendemos uma imagem infinitesimal do Verbo, de Cristo, de Jesus. Meditemos estas ideias extraordinárias. Quem sabe não nos sugerem numerosas aplicações práticas e nos habituem ao Espírito do Evangelho, que está sempre no lado oposto do espírito de humanismo.

O Reino dos Céus, universo das grandezas infinitas, se chama Realidade. A Natureza, pequeno espelho onde se percebe a imagem das inumeráveis núvens e do imenso firmamento, lugar das grandezas finitas, reflete o Céu invertendo as formas na ordem dos conceitos, na ordem moral e na ordem das substâncias. Assim, os grandes, os poderosos, os sábios, segundo a Natureza são

pequenos, débeis e ignorantes segundo Deus. O Evangelho abunda em ilustrações desta verdade. E nosso Percursor será grande ante Deus em proporção a sua insignificância ante os homens. Ele diminuirá à medida em que seu mestre Se afirmar; cumprirá em todos os aspectos de sua atividade o trabalho de retorno aos princípios de integração espiritual que, em moral, se chama arrependimento e penitência.

Compreendamos bem. Deus nos deu o grem da liberdade. Ele proibe a Si próprio de fazer algo por nós sem que primeiro expressemos nosso livre consentimento, nosso livre desejo de ser socorrido por Ele. Esta expressão é o arrependimento, os remorsos, a penitência, as renúncias, os sacrifícios, as resignações, todo ascetismo, em fim. No entanto, todas as criaturas pecaram, todas tem que se arrepender e a todas as criaturas, pois tudo vive, o Percursor dá exemplo e lição disto.

Eis aqui o que torna singular sua dignidade; a todas partes onde seu Mestre quer descender, acode primeiro e Lhe abre o caminho. Mas, não se trata somente de discursos, são trabalhos reais, fadigas espirituais mais esgotadoras que as fadigas do corpo. Atuam sobre os estados da alma: a inquietude, a compaixão, a exortação, o arrependimento, a oração. São atos, obras formais de nosso espírito. Este é o trabalho de João Batista em todos os lugares, tanto nos reinos inferiores, como no coração do homem, tanto nos mundos invisíveis, como na terra. É preciso que ele seja o maior dos filhos dos homens para fazer um esforço tão extraordinário.

A PENITÊNCIA

O Percursor, anjo do arrependimento e da penitência, é o herói destas tragédias secretas, destes cataclismos íntimos que, no ser dos convertidos, devastam tudo, arrastam tudo, deixando nua a pedra do egoísmo, do orgulho, do amor próprio, rocha que é demolida pelas explosões de remorso e da contrição total. Existem dois regimes de penitência nos quais podemos mergulhar: a penitência que impomos a nós mesmos de acordo com os remorsos que um raio sutil da piedade divina ilumina em nosso coração; e a penitência mais dura que o Céu nos impõe para purificar as mais secretas retrações de nossa pessoa moral. Assim, João prega o arrependimento à multidão, reservando-se a prática da austeridade impiedosa para si.

Dar-se conta do mal cometido parece muito difícil para a natureza humana e causa mal estar; a insensibilidade se combina com a cegueira, o orgulho com a fraqueza. Existe uma aclimação da consciência ao mal; existe no mal uma força de corrupção que faz, na medida em que ocorre a prevaricação, com que o retorno à saúde espiritual seja cada vez mais difícil. É muito raro que se queira ser mau deliberadamente, mas é muito frequente que não se queira ser melhor. O homem não compreende o que é a redenção, o que foi a descida do Verbo, nem a universalidade, nem a individualidade de seus efeitos. É repugnante para ele se privar do menor conforto, de modo que podemos imaginar o que foram as infinitas austeridades e as inumeráveis diminuições que o Verbo Se impôs ao longo de sua enorme Viagem até aqui. Que gênio tão grande poderia conceber tal série de sacrifícios? Vindo à Terra, não trabalha e sofre unicamente para o confuso conjunto de Seus contemporâneos ou para a multitude de gerações futuras? Sofre por cada indivíduo, por um, por outro, por mim pessoalmente; cada um de nós é afetado por uma das dores crísticas; Jesus vê cada uma de nossas maldades e faz algo para o bem. Cada sentimento, ato, pensamento e vontade pode ser uma nova ferida para Ele ou uma colaboração em Sua obra universal, dependendo da decisão de cada homem. Praticar o arrependimento das próprias faltas é necessário, não só pelas consequências penosas que podem trazer, mas porque fazem mal aos outros e fazem sofrer nosso Salvador e

Amigo em Seu corpo espiritual, em Seu coração que nos ama infinitamente. É preciso se arrepender com a cabeça e com o coração, por motivos da razão e do sentimento. Para a razão, toda falta é uma desobediência. Desobedecer significa ou se acreditar mais sábio que Deus ou não saber governar a si mesmo. Isto quer dizer que os propósitos de Deus são perturbados voluntariamente pelo homem, que os torna restritos e fora de sua influência. Além disso, o homem se diminui e se debilita ao espalhar seus germens de corrupção; sua luz sobre os outros se obscurece.

Depois do arrependimento vem a expiação, seja aquela imposta a si mesmo, a fim de reparar o mal feito a outros ou submentendo-se a uma disciplina rigorosa para vencer os defeitos; seja a expiação que Deus impõe pelas penas e provas materiais, doenças, reveses, perseguições ou provas interiores: tristezas, aridez, noites e tentações. Eis aqui o que se pode conhecer teoricamente do regime interior da penitência. Esta segunda expiação é mais sutil que a primeira, necessita o fervor. O discípulo deve ser devorado pelo desejo de Deus; é preciso queimar-se para que o ardor de seu amor faça dele um verdadeiro discípulo, tornando-o capaz, pelo número e intensidade de seus sofrimentos, de percorrer em alguns anos o caminho que os mornos demoram séculos. Digo séculos porque aceitando a teoria do renascimento, seja aceitando a teoria do purgatório e ainda que o tempo não seja o mesmo em outros mundos fora desta terra, a purificação do coração é um trabalho infinitamente complexo.

Para que as provas materiais gerem fruto, basta sofre-las, mas com resignação, calma e se possível com alegria. Os “soldados de Cristo” são discípulos de elite que, não contentes em suportar o que vem, pedem um pouco mais de suas forças para superar o possível. São aqueles que, não contentes com sofrer por si mesmos, pedem sofrer no lugar de seus irmãos e assim aliviar o Cristo. O coração destes seres é uma chama brilhante e incandescente. Que todo nosso desejo seja nos parecer a eles! As provas interiores chegam independentemente da nossa vontade; é Deus quem as envia, consiste em diversos entédios e impedimentos para unir-se à Deus pela oração ou pelo trabalho moral. Assim, temos as distrações involuntárias, os escrúpulos, a aparente impotência de amar a Deus, em fazer bem aos demais, a tristeza, o desânimo ante a constatação do mal que existe em nós; o resentimento de se sentir isolado; a dúvida, seja pelos fenomenos de nossa vida interior, seja por nossa salvação, seja ainda pelo tema das verdades primeiras, como a existência de Deus ou Sua bondade; a certeza de estar perdido; o desejo doloroso de Deus; uma antipatia involuntaria para com Deus. Também as diferentes tentações que Deus permite que o Adversário nos apresente.

Estas penas constituem o glorioso privilégio dos violentos. Seguir em meu pequeno trem, dizendo a mim mesmo que tenho todo o futuro pela frente, que a paciência divina ordenará as coisas, que o que não faço agora farei mais tarde e que outro, quem sabe, faça por mim, que meus gestos têm pouca importância, que estou cansado, que outros tabalham ainda menos do que eu: tudo isso é ser tépido, morno, indolente. A violência é compreender que só o minuto presente nos pertence, que dele depende todo o nosso futuro; que o tempo perdido não volta jamais; que é covarde deixar o nosso trabalho para outros; que para nossos menores gestos, sim temos a preocupação de Deus, que lhes dá o mais alto valor; que unicamente a natureza e a carne são preguiçosas, mas a vontade, o impulso do amor puro, jamais sente a fadiga; ninguém pode cumprir exatamente o trabalho que cabe a mim; nenhuma consideração existe diante da mais leve possibilidade de diminuir a dor do mundo e a fagida de Jesus. A violência é realizar em atos todas estas noções.

A tentação afastada não mancha o coração; a sujeira só começa com a aceitação. Deus, por outra parte, não permite ao Diabo nos atormentar mais que quando somos bastante forte para defender-nos. Vejamos os terríveis estados da alma desde o ponto de vista do Céu. Então veremos claramente

as características do verdadeiro discípulo. Assim como as grandes inteligências são modestas, também parece que os heróis da caridade só fazem pequenas coisas pelo próximo. O amor de Cristo e as outras virtudes estão tão profundamente incorporadas à persona moral do verdadeiro discípulo, que lhe parece estar quase que desprovido delas. Aqui os extremos se tocam e o santo ignora sua beleza assim como o criminoso instintivo ignora sua feiura. Quando as trevas geladas da noite mística descendam sobre vós, saibam que se ama a Deus pelo simples fato de querer amá-lo, sempre que se afirme este querer mediante obras; a angústia de não sentir que Ele vos ama, é o amor mais verdadeiro.

Estejamos felizes se a visão de nossos defeitos nos causar tanto mal-estar, como os defeitos do próximo. Estejamos felizes quando as alegrias da amizade nos sejam proibidas, quando obstáculos insuperáveis façam fracassar nossos projetos, quando nos vemos estancados, quando toda a vida terrestre, toda ciência e a arte que tanto amamos nos pareçam insípidos. Concentremos toda a nossa calma quando chegarem a dúvida, o desânimo, a desesperança, quando nosso espírito se torne incapaz de atenção ou continuidade. É porque Deus nos quer completamente humildes Nele, não esperando mais do que Dele a alegria profunda e tranquila, a ciência, a força e a confiança. Se forem tomados pela insegurança tornem-se pequenos e compreendam que Deus é bom, mais do que justo e que, se tens boa intensão Ele não levará em conta vosso erro. Se tudo perder seu sabor, inclusive o benéfico, a oração ou vossos sacrifícios, tornem-se pequenos e continuem, apesar de tudo, a fazer o bem, privando, rezando, estando absolutamente convencidos de que a insegurança não serve para nada. A obsessão e a possessão diabólicas não são provas mais graves que outras, ao contrário, parecem mais graves, mas não são nada e são sempre entrecortadas pelos socorros mais raros e mais fortes. Resumindo, se queres estas observações sobre as quais já se escreveu centenas de volumes, dou só o essencial e ainda assim talvez tenha sido prolixo.

Suponhamos um discípulo que busca a caridade prática, a oração e luta contra seus defeitos, situando-se no que os teólogos chamam de via purgativa. Deus lhe envia, de vez em quando, algum auxílio atendendo suas necessidades. Ele está no nível cristão médio. Se este discípulo intensifica seu esforço, pode ser que o desejo habitual que o leva até Deus se converta em um desejo ansioso da presença divina, entre uma sensação de aridez, resentimento e distrações passageiras. Ao mesmo tempo, sente que os gostos que o levavam a certos trabalhos de corpo ou espírito, as atrações que as metas humanas da existência tinham para ele, se desmoronam e caem. São João da Cruz chama a este período de “primeira noite”. É preciso ter calma e esperar o dever, sem negligência. Cumprido o dever, terá o claro sentimento da presença divina, mas com variações de dureza e intensidade. Seguindo a forma interior do sujeito, a união se detém aí, o bem se aprofunda. Neste último caso, o discípulo passa pelas purificações interiores que são a “segunda noite” de São João da Cruz; a união divina se desenvolve e pode chegar até ao êxtase; as comunicações com o mundo sensível se tornam mais ou menos intermitentes. Com o êxtase, no entanto, se produzem outros fenômenos conhecidos na terminologia católica sob os nomes de ligação das potências, feridas, estigmas, raptos, encantamentos, visões, revelações, taumaturgia, etc... Qualquer que seja a forma do fenômeno trata-se sempre de uma tomada de posse da persona do místico por um raio divino. Esta tomada afeta a motricidade de um ou vários sentidos, de uma ou várias faculdades mentais ou psíquicas, não importa, suas características são as mesmas:

A impossibilidade do discípulo de colocar a si mesmo neste estado, a maior ou menor incompreensibilidade do fenômeno, a eliminação da imaginação e das faculdades intelectuais e pouco trabalho voluntário; o coração se limita a ficar unido à Deus. Os resultados são sempre um crescimento do amor de Deus e do próximo e do desejo de perfeição. Depois dos êxtases pode

ocorrer a “terceira noite”, chamada de união transformadora, sétima morada ou união espiritual. É a última etapa; se se alcança, é por mil transições insensíveis e confere privilégios surpreendentes. A união consciente com Deus persiste inclusive em meio aos trabalhos profanos, como se o discípulo estivesse desdobrado; resulta uma espécie de deificação de seu ser mental e psíquico, proveniente desta conversação, ou melhor, desta companhia permanente com Deus. Não se vê a Deus, mas se sabe, se sente, se tem a certeza de Sua presença e se compreende aquilo que é dito sem nenhuma escuta. O discípulo não está perdido em Deus, como a gota de água retornando ao oceano, como pretende os yoguis. Está enxertado na Seiva Eterna; a árvore jovem vive da vida da Seiva, mas não é a Seiva. Eu paro por aqui. Na realidade, as etapas da união mística não são plataformas acessadas os saltos, tudo transcorre por graus cuja continuidade e natureza variam com cada discípulo, pois cada discípulo é um mundo à parte. Esta via é extremamente difícil e delicada, cheia de riscos e obstáculos; se faz necessário a solidão conventual. O Pai atua também junto aos laicos – que não são livres nem mesmo para seguir um regime alimentar – por outras vias que levam à mesma meta, e, quem sabe, mais alto ainda.

Compreendamos isso: Deus tem querido para uma parte da humanidade um conjunto de conhecimentos e de práticas religiosas que constituem o admirável organismo da Igreja: teologia, liturgia, ascetismo, mística, desenvolvendo funções, unidas em conjunto e dependentes entre si. Mas, o mesmo que pode existir uma teologia tão verdadeira como o tomismo, ainda que diferente, pode existir uma liturgia, uma ascética ou uma mística distinta às do catolicismo e tão boas quanto. Os Evangelhos contem umas e outras.

A EVOLUÇÃO DA MÍSTICA

Para limitarmos a Mística, que possui tantas variedades como: teologias, artes e ciências, especifiquemos expressamente que o misticismo cristão se reconhece nesta única representação, necessária e suficiente: que o discípulo, conhecendo a divindade real de Jesus, encontra Nele e somente Nele a Verdade, o Caminho e a Vida. Das três grandes confissões cristãs – as três partes das vestes do Crucificado deixados à sorte pelos soldados de César - nem a ortodoxa, nem a protestante estudaram com detalhe a mística, porque os fieis da primeira são, por assim dizer, como crianças piedosas e as tendencias do livre exame conduzem os fieis da segunda a um moralismo seco, ou ao racionalismo mais crítico. No entanto, citaremos, nos países germânicos, a Gilles Gutman, H. Mathadanus, Jacob Boehme, Abraham de Frankenberg, J.G. Gichtel, mais tarde Oetinger; na Inglaterra, Jeanne Leade, Pordage; na Suécia, Swedenborg; todos são místicos porque acreditaram no Cristo, Filho Único de Deus e levaram a bom fim explorações muito curiosas de certas regiões do Reino de Deus. Seu método prático se parece bastante ao dos franciscanos.

O místico católico oferece ao buscador um grande número de sistemas que, ainda que todos tenham o mesmo objetivo e utilizem os mesmos auxílios, variam pelo método. Este corpo de doutrina e de trabalhos se desenvolveu pouco a pouco. Os apóstolos e os primeiros discípulos eram místicos, mas, tocando com a mão a Luz que lhes iluminavam, absorvidos totalmente em seu doce esplendor, banhados em seu calor revivificante, precionados pelas necessidades do presente, nunca pensaram em fazer análises.

Passaram dez ou doze séculos antes de dissertarem sobre as etapas do caminho da alma à Deus. Seriam necessários volumes e o trabalho de um instituto inteiro para traçar um quadro completo do corpo doutrinário do misticismo católico, desde os padres do deserto até São Tomás de Aquino e dele

até os doutores definitivos, como Santo Inácio, Santa Teresa, Rodriguez, São Francisco de Sales, Scaramelli, Surin e tantos outros. Ademais, como tendemos a ter contato direto com a Seiva eterna da Árvore da Cruz, temos necessidade de vistas de conjunto mais que de análises extremamente exaustivas. Não há tempo para seguir estas últimas.

Basta discernir no rico organismo do misticismo católico três correntes gerais:

- A Escola Domênica que segue a São Tomás, busca a união divina pela oração e as boas obras, mas utilizando os recursos do pensamento, santificando o estudo, chegando ao absoluto pela metafísica.
- A Escola Franciscana é devota, se faz materialmente pobre e ama a Jesus tão fortemente que se acaba por receber Dele a pobreza espiritual.
- A Escola Ináciana é voluntarista, o praticante dos Exercícios possui o *querer*; suas penitências corporais, seus estudos, sua disciplina moral tendem a exaltar sua vontade ao mais alto, para tornar dócil a ação da graça.

Encontramos aqui as três partes das vestes de Jesus. Mas há vestes sem costuras, tecidos pela própria Virgem Mãe e cujos filhos são os discípulos mais simples, mais ingênuos, mais próximos à persona sagrada do Mestre. Não importa qual seja a Igreja exterior que os viram nascer, eles pertencem à Igreja interior. Em toda escola se encontra discípulos que operam a conexão com a escola central. Assim, o domênico Vicente Ferrer, com formidável eloquência e uma doutrina íntegra, surpreende a todos com seus milagres e nos lega, em seu *Tratado da Vida Espiritual*, uma regra perfeita da mística. No seio dos filhos de São Francisco encontramos doutores eminentes, como o Padre Yves e o Padre Joseph. Entre os Jesuítas estão oradores como Bourdaloue, místicos como os PP. Surin, L. Lallemant, de Caussade. De maneira mais geral e para o conjunto de seus filhos, cada período da história da Igreja oferece um grande doutor, um grande predicador, um grande contemplativo, um grande taumaturgo, de forma que entre todos os órgãos deste vasto corpo, o equilíbrio se estabeleça tão perto da saúde perfeita quanto a atmosfera turbia deste mundo pode permitir. Porém, entre estas diversas vias, nossa via parece mais própria de nossa condição. A teoria e as formas exteriores da piedade reduzidas ao essencial nos deixam mais forças disponíveis para a obra prática e a atividade interior. No entanto, a todas as vias imagináveis se aplica a parábola reveladora: “A violência força o Céu”, pois podemos violentar cada uma das formas do *eu*. A carmelita violentará a delicadeza de seu corpo; a visitadora, de sua vontade; o jesuíta, a de seus próprios gostos; mas, se o discípulo da quarta Escola – a escola das vestes sem costuras – quiser tomar de assalto a Fortaleza Eterna, será inexorável consigo mesmo, deverá sofrer todas as tiranias em suas necessidades tanto como em suas paixões ou em suas opiniões; ele se observará e tudo aquilo que surgir nele sem cessar desde a raiz tenebrosa do egoísmo, da personalidade, será cortado imediatamente. Se mostrará tanto mais autocrata contra si mesmo, quanto mais lhe consuma o ardor de unir-se ao Verbo. Tal é a escola do precursor e Jesus a recomendada a nós em outra circunstância, com a exclamação: “Se tua mão te faz pecar, corte-a”. O Evangelho não se dirige nem aos fracos, nem aos inertes.

A verdade é que muitos cristãos preferem tratar seus defeitos com mais diplomacia. Milhares de pequenos auxílios psicológicos são oferecidos à sua vacilante vontade, mil pequenos tônicos ao seu fraco zêlo e a Igreja mostra a esta multidão de almas medíocres, agitadas pelas preocupações mais mesquinhas, a paciência, a previsão, a sagacidade da mãe mais admirável. Ademais, é Deus quem lhe inspira o espírito desta educação prevaricada, engendrada pela ternura: “Não quebrem o galho

quebrado”. No entanto, aquele que sente em seu coração uma chama mais forte, deve impor-se a escolha do caminho do Percursor: Não está escrito: “Os mornos, os vomitarei de minha boca”? Este caminho, o da ação total, da ação incessante, é o mais seguro, o mais curto, mas também o mais duro. É preciso de energia e flexibilidade para o realista, e para o contemplativo faltam o reconhecimento, a serenidade e a indiferença. Mas o nosso Rei nos observa, Ele nos envia auxílio e poderemos nos encontrar face à face com Ele – depois de alguns séculos, quem sabe, uma vez que o tempo muda para cada mundo – muito mais rápido do que havíamos ousado esperar. E, como recompensa, Ele nos oferece a gloriosa missão de voltar a descer entre as pessoas atrasadas, para insufragar-lhes coragem e ajudar a vencerem passos em falso.

Eis aqui o aspecto individual da missão do Percursor; seu aspecto coletivo é uma reprodução multiplicada. Os profetas oferecem o alimento espiritual a um povo, a uma raça; no indivíduo, os profetas são as instituições. Nos falta o tempo para seguir, ao longo da história, a atividade multiforme da Providência, mas, do mesmo modo que ha indivíduos indiferentes, outros entusiastas e outros bastante cheios de ardor, existem nações que se paralisam e outras que tomam atalho. Entre estas existe um caso céebre na epopéia europeia e a outra a vemos sofrer sem compreender nada de suas convulsões. O Céu envia profeta para nos guiar, sempre e em toda parte, e, uma vez na vida de uma raça, envia um Percursor para o último assalto. No entanto, assim como o Batista, era Elias, o Percursor é sempre o Percursor, seja qual for sua aparência momentânea. Também seu Rei, nosso Salvador, é sempre o Cristo, nosso Jesus.

A VIGILÂNCIA

Pessoas que esperam a aparição de Cristo, em qualquer lugar, devem viver sob o regime do Percursor, em vigilância e oração. Velar é estar desperto; é também conduzir os sentidos e as potências como o pastor conduz o rebanho, levando os animais caprichosos a um único pasto, sem descanso; é fazer o ofício do domador que repete a ordem ao cão destreinado, mil vezes se for preciso, sem impaciência, com calma, mas com firmeza.

O próprio homem é duplo, ou seja, por um lado é um e por outro é um grupo, um rebanho, uma multidão. Segundo a sabedoria pagã ou mundana “a vontade por aqui e o resto por ali”:

O corpo, com seus sentidos e instintos;

O caráter, com suas paixões, costumes, vícios e virtudes;

O intelecto, com seus pensamentos, conceitos e arquiteturas mentais;

O psiquismo, com tudo que aporta o mundo visível, luzes, sombras, na zona fronteira que une em nós o inconsciente ao consciente. Mas, a sabedoria cristã, além destes quatro grupos, aponta outro ainda mais rebelde para ser dirigido, o das vontades. Pois o centro de nosso ser se encontra dentro do querer, dentro da vontade, no centro de nosso coração espiritual. Assim, nos acostumamos a ser meros espectadores. Que diante de alguma questão interna ou externa, teu observatório seja o ponto de vista de Deus. Inclusive o ímpeto que parece admirável, a compaixão ao próximo, ou seja, ganhando em pureza, valor espiritual ou frutos materiais, devemos submetê-los a pedra de toque de: “Que seja feita vossa vontade e não a minha”, o que sempre corresponde a um olhar do Verbo. Fazendo isso não temas se tornarem inertes ou indecisos; podem parecer inertes aos ruidosos e

indecisos aos impacientes, mas teu coração continuará ardendo durante a espera da resposta divina e tua energia será mais vigorosa e mais lúcida. Ademais, não está Deus sempre mais alto e mais longe? Seja como seja a embriagues de um êxtase, não é mais do que um véu de Seu esplendor desdobrado pelos anjos diante de nós. As palavras que Ele quer nos dizer, nos articula mais do que adaptando-as ao nosso pequeno entendimento. O verdadeiro rosto de Deus nos é invisível e Sua verdadeira voz inaudível, na medida em que não somos homens livres. Usemos, pois nossos olhos e nossos ouvidos, é preciso, devemos fazer, já que está escrito “Quem tiver ouvidos, que ouça”. Mas cuidado, por mais puras e boas que sejam nossas intenções, saibam que nossos ouvidos e nossos olhos, assim como nossa inteligência, nossa emotividade, vontade, consciência, são organismos imperfeitos, sendo impossível que recebam o perfeito. Saibam entrar no deserto e na noite mística, sem que nada altere vossa confiança; saibam, em tudo, tomar o difícil e o penoso, Não é assim? Quando nosso Amigo parece mais longe, se mantém ao nosso lado, mas sob uma forma não perceptível, mais elevada e mais pura.

O EVANGELHO E A INTELIGÊNCIA

Uma das maiores injúrias que o anticlericalismo dirige ao Evangelho é a suposta condenação deste contra a inteligência, a energia e o êxito material. Creio que agora estão convencidos de que, muito longe de ser uma doutrina de penosa abdicação, o Evangelho, pelo contrário, prega a energia mais perseverante e mais elevada, tanto para nossa vida moral, como para nossa vida de caridade. O Evangelho não condena as iniciativas do trabalhador, sejam quais forem; muito pelo contrário, pois o Mestre dirige suas reprovações aos empregados covardes que enterram seus talentos e elogia o empregado ativo que faz frutificar o seu talento. O Evangelho não condena o saber, nem as fecundas tarefas do filósofo ou do artista. O que condena é o uso que o homem faz do fruto de seu trabalho. Os tesouros que acumulam, ao invés de guardar só o necessário e desfazer-se do supérfluo. Isto é o que impede os ricos de entrarem no Reino dos Céus. O orgulho que engendra no artista a feliz realização de suas primeiras obras prima o hipnotiza, lhe oculta as possíveis renovações de seu gênio e lhe fecha o caminho da beleza eterna; se condena a si mesmo a um atolado ao qual o arrastra seu temperamento e do qual não pode sair, ainda que tenha qualidades. Se o artista é humilde, se tem consciência de que seus dons não lhe conferem nenhum mérito e que suas fadigas são simplesmente a valorização do “talento” que lhe foi confiado e só constitui seu dever normal, os muros que lhe impedem a chegada da inspiração divina caem e poderá retratar-nos não as belezas do sentido, da Natureza ou da paixão, mas também as belezas perfeitas e puras do Espírito. A mesma humilde abertura da alma e a mesma aspiração respeitosa frente aos mistérios do conhecimento total renovam também a inteligência dos homens de laboratório, dos pensadores e libera sua intuição.

Estudando a vida dos grandes realizadores, líderes de povos ou de industriais, é possível verificar que a causa de seus triunfos ou de seus fracassos se reduzem em suma à agudeza de sua visão ou à sua cegueira. Aquela foi mantida pelo sentimento justo da debilidade humana, enquanto que esta foi a consequência de um orgulho pouco inteligente. Quando o Evangelho glorifica o pobre, ignorantes, sofrendores e os que exercem profissões criticadas, não faz retórica revolucionária. É porque a debilidade e a dor, quaisquer que sejam suas formas e motivos, ainda que frequentemente nós mesmos sejamos os provocadores, comovem a ternura do Pai e a compaixão do Filho, chamando o Espírito. É porque o coração do pobre não está esmagado por uma caixa forte; o coração do ignorante não fica petrificado em um sistema qualquer, tido como definitivo, porém sempre provisório; porque o coração que sofre se desmaterializa e se desprende dos privilégios do mundo;

porque aqueles sobre os quais cai o desprezo dos “honoráveis”, crescem, desde o fundo de sua fúnebre miséria, os suspiros de uma esperança invencível.

O propósito de Deus para nossa raça é, na medida em que podemos compreender, dirigi-la mediante o conhecimento vivo a um poder de bem-aventurança mais amplo que aquele que gozava quando pertencia a uma das hierarquias angélicas, quando vivia no eterno, no infinito, no perfeito, no absoluto. Mas, me permito dizer que esta é uma época em que todos os paradoxos são aceitáveis – este absoluto não é um mundo uniforme. Os sábios orientais e nossos matemáticos se enganam quando consideram a Parabrahma ou grandezas infinitas como estados fixos ou quantidades imóveis. “Existem várias moradas na casa de meu Pai”. A casa do Pai não é a Natureza, esta forma o domínio ao redor do Palácio que habita o Senhor. Sim, na Eternidade se movem incessantes eternidades; no Infinito se enredam espaços sem medida; na Perfeição resplandescem inumeráveis perfeições, todas completas; na Beatitude sem limites do Amor cantam eternas beatitudes todas perfeitas e sempre crescentes. O Pai lança os grãos de Luz, que essencialmente somos, aos montes nos sulcos da Natureza. Todos estes grãos diferem, podem se parecer, mas nenhum é igual a outro. E nós caímos neste campo de tremenda imensidade, onde cisco de terra é um sistema de mundos e cada sulco, uma nebulosa. Depois vem o trabalho obscuro da germinação. No entanto, o Semeador começa por um extremo do campo e termina pelo outro. O ceifeiro entrará por um extremo e terminará pelo outro. Cada alma recebe um destino particular, mais ou menos longo, mais ou menos árduo, para cujo cumprimento recebe da Natureza, sob a ordem de Deus, as forças e as faculdades necessárias.

Desta forma, tudo o que há de útil e de benéfico em nós é um empréstimo e nosso único mérito consiste em fazê-lo frutificar. Tudo o que temos de prejudicial e de maléfico é um reativo e nosso desmerecimento não é conhecer nossas maldades, senão consentir ao mal sedutor. As almas que o Pai destina para conduzir uma parte do rebanho são providas de virtudes mais ativas: físicas, sociais, anímicas, intelectuais, volitivas, espirituais. Mas este tratamento favorável constitui para estas almas escolhidas sua temível prova, porque implica uma viagem mais longa e experiências mais numerosas e porque se tem a constante tentação de acreditar em sua força, em sua inteligência, em sua importância, em si próprio e de encher-se de si mesmos. No entanto, quando a criatura se torna cheia de si, o Criador não desce mais à ela. Já não tem lugar para mais. O Pai já não pode empregar mais esta criatura, congestionada pelo orgulho, no ofício para o qual Ele a havia preparado; O Pai abandona a criatura a si mesma, à fatalidade que se molda com suas próprias mãos, aos deuses implacáveis, aos agentes de talião, até que reconheçam sua falta e sejam humildes. Mas, no intervalo, Ele ortoga a função deste servo a outra alma, pobre e desnuda, substituindo as virtudes e as faculdades naturais, ausentes, por um dom de Sua graça sobrenatural.

Isto é o que se produz geralmente, mas existe exceções. Há um povo, desde Jesus, que nunca falhou ao mandato divino; Há alguns discípulos, ao menos um por século, que cumprem o seu mandato. No entanto, povo e discípulos fiéis são desconhecidos e devem permanecer desconhecidos. Vocês viram como Israel, por exemplo, escolhido primitivamente para se tornar porta voz universal do Redentor, foi destituído deste privilégio pelo seu endurecimento, enquanto que populações pagãs, mas humildes e arrependidas, foram as propagadoras do Cristianismo. Assim, o Senhor faz cair os fortes e eleva os débeis, coloca os primeiros no último lugar e os últimos na primeira linha. Eis porque oculta Seus segredos dos sábios e os revela aos ignorantes. Os Fariseus também e os doutores rejeitaram o propósito de Deus que lhes correspondia. No que concerne à sua vida pessoal interior, sabeis de sobra que somos pouca coisa e que, apesar do nosso nada, devemos nos dedicar por inteiro à nossa profissão, às nossas máquinas, campos, livros e aos

que tem necessidade de nós.

Contudo, mesmo que alcancem este belo equilíbrio de energia invencível e tranquila indiferença, a multitude à qual pertencemos está longe desta harmonia. A raça branca conheceu, sobretudo até agora, o ardor dos descumprimentos, das conquistas e iniciativas; tem penetrado em todo o mundo, tem sabido submeter: povos distantes, forças desconhecidas, segredos da matéria, arcanos do pensamento. Não se lembram da promessa de seu Cristo: “Busca primeiro o reino de Deus e todo o mais lhes será dado por acréscimo”. Se tivessem buscado só isso, haveria recebido a maestria das forças, o conhecimento dos segredos, a compaixão dos mistérios que hoje ignora totalmente.

O inimigo de Cristo percebeu bem este erro. E tem se agravado. Mobilizou a alma da Asia, engalanada de atrativos preciosos, cheia de perfumes, vestida de esplendores artificiais mais fascinantes que a sobriedade de suas ideologias. Os povos eslavos, germânicos e anglo-saxonicos se deixaram prender por estes encantos aureolados de doçura, de tolerância e serenidade. O Espírito tradicionalista e crítico dos Latinos os imuniza um pouco. Mas, vigiemos. O famoso perigo amarelo, dos quais muitos homens de estados riem, quem sabe virá da Asia em geral, ou somente através dos sentimentos, estética, filosofia ou psicologia, antes de nos afogarmos no sangue das mais sangrentas batalhas. Tenhamos nossos corações estreitamente unidos às máximas de Cristo.

NOSSOS CONTEMPORÂNEOS

Todo observador tem o direito de escolher seu ponto de vista; da nossa parte, tentamos ver as coisas sempre do ponto de vista da eternidade. É um observatório melhor que Sirio, escolhido por Renan. Sirio está muito longe sem dúvida, mas, localizado em nosso mesmo espaço; seu distanciamento se torna pequeno e faz parecer o que aqui ocorre bastante insignificante; então, tudo perde a importância e o observador renaniano chega rapidamente ao asceticismo. O ponto de vista da eternidade, ao contrário, situado a uma distância infinita, imensurável, se encontra igualmente próximo a todos os lugares do espaço infinito; nada se apequenha, cada fenômeno conserva sua importância exata e permite uma apreciação exata de qualquer coisa.

O ilustre irônico, sem dúvida, perguntaria: mas como fazer para ter o ponto de vista de Deus? Há uma receita misteriosa, é preciso ser sobre-humano ou é preciso unir a fé com a imaginação? O problema não é tão difícil como imaginam os racionalistas. Para resolvê-lo basta ater-se ao Evangelho, conceder-lhe um significado total, pleno, universal. Deste modo, o tema que proponho hoje para nossa reflexão: *nossos contemporâneos* nos parecem, à primeira vista, divididos: por um lado está a maior parte, a esmagadora maioria, aqueles que não acreditam que Jesus seja o Filho Único de Deus e Deus mesmo; por outro lado está um grupo muito pequeno que crê nesta incompreensível divindade. Por um lado, uma multidão inquieta que se dedica infinitamente ao mal por resultados fugazes; por outro lado, uma ínfima minoria silenciosa que só pensa em Cristo, que não trabalha senão para Cristo, que a tudo ama por Cristo. A qualidade das obras destes últimos demonstra a verdade de seu ponto de vista. Aqueles, em resumo, por mais brilhantes que sejam seus êxitos, pronto se desvanecerão no ouvido, se afundarão no barro, se respingarão com o sangue de suas vítimas e todas suas agitações só engendrarão mais amargas agitações.

Quando Jesus compara Seus contemporâneos com meninos que armam escândalo na rua e que se ofendem se não chamam a atenção dos maiores, traço do mesmo modo o retrato de nossa geração atual. O século XX se parece, surpreendentemente, com o primeiro: uma grande civilização política

e cesariana, cidadãos cuja única preocupação é enganar as leis, chefes cínicos e utopistas, um gosto mórbido pelo excessivo, o artificial, o desconhecido, uma incompreensão satisfeita de Deus, guerras terríveis, catástrofes e depois, aqui e ali, perdidas e ignoradas, ilhotas de Luz, sobre as quais descende o raio da certeza sobrenatural, invisível para a multidão.

Existem correspondências entre estes períodos cronológicos que alguns investigadores tem sinalizado: em filosofia, Barlet em sua *Evolução de Pesnamiento*; na história, os trabalhos do grande Bruck. Os sábios chineses pensam que o esquema da evolução seja uma espiral enrolada ao redor de um cone, cuja base é o cume que supera nossos meios de investigações; se se escolher qualquer uma das geratrizes do cone, os pontos onde corta a espiral oferecem uma série de semelhanças entre eles. A vida cósmica é um eterno recomeçar, mas com elevações de nível; o conhecimento do passado serve para guiar o presente e, quanto mais envelhece o indivíduo, mais difícil é o corpo social, mais sábio, portanto, deve se tornar. Ambos melhoram, sem dúvida; melhoram pelo menos por terem deixado de ser seduzidos indefinidamente pelos “jogos, danças e cantos”, como disse Jesus. É por causa desta dissipação, dispersão que a inteligência das coisas divinas se desenvolve tão pouco. Hoje, como há 20 séculos, quando um homem se arrepende e tenta, através de restituições e privações voluntárias, atenuar o mal cometido, dizem que está louco, que a religião é triste, que produz fanáticos, que não se deve seguir um Deus vingativo e duro. Hoje, como há 20 séculos, quando um homem penetrado pelo Espírito anuncia um Deus de misericórdia e amor, vive na paz da inocência e difunde ao seu redor os milagres do perdão e da salvação, as mesmas pessoas fingem que este homem seja um hipócrita que vive comodamente sob o manto da religião.

Estas maledicências, calúnias não devem mudar o discípulo sincero. Se este é inspirado pelo amor fraternal, muito longe de sensurar a seus críticos abertamente, ele proibirá inclusive que sejam julgados, a fim de não torná-los responsáveis pelo escândalo que suas críticas podem provocar e de não alimentar a discórdia. O discípulo sincero pensará: “As pessoas são o que podem ser e compreendem o que podem compreender; não tenho a missão de retificá-los, senão de acudir em sua ajuda quando tenham necessidade. Se atacam meu corpo, meu dever será defender a este servidor, sem atacar-me a mim mesmo. Mas se atacam minha pessoa moral, meu Eu, não tenho que defendê-lo. Vale mais que a maldade caia sobre mim do que sobre um de meus irmãos. Logo, se me consideram um fanático não é porque meu zêlo indiscreto os choca? Se consideram que levo uma vida fácil, estou bem certo de não ter tirado nenhum proveito das comodidades que me traz o Cristo, dos favores que me concede?”

O discípulo sincero considera que estando entregue completamente a Deus, tudo que lhe chega é bom, alegria e motivo para despojar-se do orgulho e dar graças. Este é o caminho da Paz; as circunstâncias que se anunciam são tais que devemos desde agora estar muito felizes de ter recebido a força para dar os primeiros passos. Mas permaneçamos bem pequenos por dentro e em paz. Observe o Percursor, sua vida de penitências escandalizava; olhem para Jesus, Sua vida simples e normal também escandalizava. Os dois tinham toda a razão, eram as críticas o que faziam dano, mas estes escândalos contraditórios engendraram, por reação, entusiasmos mais sólidos.

Não temos uma missão pública para viver e provar estes escândalos salutares. No entanto, o nosso mal estar, descontentamento e medos podem provocá-los; são pequenos escândalos que provocamos sem perceber nos pequenos círculos de nossas relações visíveis e invisíveis. Somos importantes demais, somos muito ligados a este mundo, estamos fora demais da vida espiritual. Em nossa vida exterior, família, profissão, relações mundanas, é preciso compreender que temos que cumprir com

os demais e observar as conveniências a fundo e fazer o que podemos. O importante não é viver todas estas coisas com o espírito? Busquemos nos adaptar. Em primeiro lugar, insisto, é fazer tudo para Cristo, para Lhe obedecer, para Lhe ajudar, para que Ele veja que O amas um pouco. Depois, salvo aqueles sobre os que têm certa responsabilidade: crianças, funcionários, subordinados, compreendam que o exemplo é melhor do que sermões. Sem dúvida, um toque cordial já é algo, mas ao tocar a moral de alguém, mesmo que de leve, nos coloca acima e Lhe julgamos, provocando reações incômodas e dívidas contraídas pela crítica.

Enfim, resumindo, sejam pequenos; se não conseguirem simplesmente pisar no orgulho, empurre-o, deixem que os outros o pisoteiem. Considerem que nada somos, assim como nada do que temos é nosso, como nada do que fazemos é meritório. Sejam pequenos internamente, privem o ego dos alimentos terrestres, faça-o jejuar, dê de comer o que não Lhe agrada, obriga-o a trabalhos penosos. Mas que ninguém perceba estas disciplinas rigorosas. Se um esforço qualquer se torna tão duro que se pode ver no rosto sua pegada, interrompa-o imediatamente, e que ninguém veja, trabalha em si mesmo, que teu Eu recupere a razão, pensa, reza, até que o sentimento de certeza e de paz preencha novamente teu coração serenado.

O REINO DE DEUS, O ESPAÇO E O TEMPO

Até agora se atribuía ao espaço e ao tempo um modo único ao qual se conformavam todas as distâncias e todas as durações. A astronomia clássica media as distâncias planetárias e seus períodos com a mesma medida que utilizava a geodésia e com os mesmos ciclos que serviam para a cronologia. Alguns pensadores se perguntam se as coisas transcorrem em outro planeta, assim como na terra. Uma observação atenta de certos fenômenos mecânicos, elétricos, magnéticos e inclusive psicopáticos parece indicar que o espaço e o tempo se desenvolvem em dependência recíproca e que podem se manifestar sob outros modos interiores àqueles que registram o nosso *eu*. Estas observações, por mais aventureiras que pareçam, confirmam as antigas teorias do esoterismo, que afirmavam e pretendiam provar que existem mundos em mais ou menos três dimensões, com durações onde o anterior, o atual e posterior se ordenam de outra forma, tanto em qualidade como em quantidade em relação à ordem habitual. Isto é exato, como é verdade que em mecânica a massa dos corpos e sua energia são idênticas; que todas as forças naturais são substâncias, matérias pesadas, que toda forma de matéria ponderável é força para a forma mais densa e matéria para a mais sutil. As teorias físicas vivem de modificar-se radicalmente; se modificarão ainda daqui a meio século. Mas, assim como dentro da ciência positiva do laboratório, está lá a ciência não menos positiva do esoterismo, dentro deste, ou fora, está a ciência mística que é, como a dos precedentes, experimental. Não há ciência sem experiência.

Outros homens mais raros que os pensadores e os adeptos têm voltado no que se refere ao espaço e ao tempo, como em muitas outras questões, à fórmula de opinião comum: não há mais que um espaço e um tempo. No entanto são precisos: no Reino de Deus. Nos outros lugares, cada universo possui seu próprio modo de extensão e duração. Estes homens sabem que é possível experimentar um estado do ser onde tudo seja atual e presente ou onde o passado milenar coincida o vidente com o indescifrável porvir; o mesmo que Paris e Pekín, Tebas e as cidades futuras da Austrália podem coincidir sob seus olhos. Este estado se chama vida eterna e, por um prodígio inexplicável para a razão, desde Jesus é possível se conectar a este estado todos aqueles que sabem querer absolutamente.

Este querer absoluto consiste na crucificação de tudo o que seja *ego*, por meio do amor-sacrifício. O *ego*, contruído com os egoísmos, atavismos, resíduos de análises e de experiências personalistas, utiliza suas forças para resistir à reativação do *não-eu*; ele vai, e não pode ir mais que o múltiplo; o sacrifício, ao contrário, nos conduz à unidade da vida eterna, porque esta não é outra senão a permanente, a contínua, a idêntica, de onde saem as épocas, os lugares, as criaturas. A salvação dada por Cristo nos permite, desde esta terra, viver ao mesmo tempo no Incrariado. Esta salvação é a única real; as salvações oferecidas por outros salvadores são somente paradas, soluções provisórias, resoluções instáveis da humanidade instável.

Este tipo de vontade que exige o esforço místico não reconhece limites para o seu desenvolvimento, se esforça incessantemente, tenta ir o mais além do possível, nega o absurdo, arrisca tudo pelo todo e, de cada excesso de tensão, renasce mais nova e mais fresca. Assim como ocorre no treinamento físico: o torax se alarga, os ossos e os músculos crescem célula à célula, ocorre com a vontade do discípulo, cujo gérmen é dado ou inato, ela se desenvolve por cada uma das pequenas energias liberadas do *ego* mediante cada pequeno sacrifício, Este crescimento é concreto. Toda nossa persona contribui para ele, as fibras de nossos músculos, os glóbulos de nosso sangue, as ondas de nosso magnetismo, as chispas imponderáveis de nossas faculdades mentais. Em sua raiz, a vontade é a fé. Uns nascem com a fé no dinheiro, outros com fé na arte, outros com fé em Deus; nosso mérito, nossa utilidade é colocar em marcha, mais ou menos paciente e valentemente, este gérmen espiritual. Quanto mais sublime é o ideal, mais graves são os riscos. O conquistador do divino terá o cuidado de considerar os objetos de sua fé como criações subjetivas de seus desejos idealistas. Sim, Deus e a vida eterna estão em nós, mas também e em primeiro lugar, fora de nós; não são nossos, desceram em nós e para subir a seu lugar próprio, querem a colaboração de nosso livre arbítrio, da chispa do Incrariado sem a qual não somos seres humanos, senão animais pensantes.

O místico planeja acima do universo tangível, assim como o filósofo planeja acima do universo sensível. A fé lhe prova tudo, a fé lhe torna tudo real, faz comparecer ante ele toda coisa e toda criatura. Sua existência terrestre recebe e se torna a própria vida de sua eternidade, porque ele torna sua vida um testemunho contínuo da veracidade das palavras eternas. Seu ser inteiro, inteligência, alma e corpo captam as palavras eternas e as incorporam aqui embaixo; em troca, as palavras eternas o tomam e o realizam no alto. Este homem vive em um mundo único, criado pela encarnação do Verbo, em equilíbrio entre o finito e o infinito, entre o Tempo e a Eternidade.

É possível que estas explicações não expliquem nada, pois a proeza espiritual que falo pertence ao domínio do Ser mais do que ao domínio do Saber e a teoria não dá, como a prática, um conhecimento completo. Um escritor não se contenta em ler obras primas, ele quer escrever. O místico, que primeiro é voluntarioso, se torna necessariamente um homem de ação. A vida lhe interessa mais do que o conhecimento, ainda que a emoção e o pensamento se mesclêm sempre.

Talvez as considerações seguintes pareçam mais exatas.

A ciência tem descoberto fatos que dão aos devaneios mais fantásticos dos poetas e dos videntes uma verossimilidade inesperada. Hoje se sabe que a luz, o magnetismo ou a eletricidade possuem um peso, que o tempo é uma magnitude relativa, que os corpos em movimento se deformam, que a imobilidade perfeita não existe, mas sim o movimento contínuo; que tudo vive, inclusive os corpos chamados inorgânicos; que a matéria mais inerte, um cristal, um trilho, oferece, nas modificações de sua estrutura interna, fenômenos que se assemelham ao esboço dos atos biológicos como a cicatrização de uma ferida ou de atos mentais como a memória. Volta-se ao grande símbolo

antediluviano de Caím, a força centrípeta, o tempo devorador e de Abel, a força centrífuga, o espaço assassinado sem tregua. Se começa a compreender, filosoficamente falando, que há um espaço e um tempo inteligíveis, abstratos, logo um espaço e um tempo corretos, medíveis, relativos à nossa faculdade de percepção; a psico-fisiologia experimenta, efetivamente, que a menor duração que o nosso psiquismo pode tomar consciência é igual a dois milésimos de segundo e o menor intervalo de espaço mensurável tem alguns milésimos de milímetro.

A física e a química, invadindo assim o domínio da psicologia, nos conduzem depois de Leibniz e Spinoza, à negação do livre arbítrio. Quando decidimos algo, dizem os cientistas, o fazemos por motivos conscientes que conhecemos, porém nosso ser consciente é um conjunto determinado, fatal, proveniente da educação, do meio, dos costumes, da instrução recebida. Decidimos também, acrescentam, por um impulso do inconsciente, o qual se produz pela herança geral combinada com as inumeráveis heranças desconhecidas de todas as energias que vêm de todos os pontos do universo construindo nossa personalidade. Seríamos como que um conjunto de forças latentes, sempre dispostas a se exteriorizar e de forças atuais, desencadeadas pelas primeiras e pelas reações exteriores. De fato, tal é a posição psicológica do homem natural.

Os mesmos pensadores enunciam que o ato justo, normal, verdadeiro, resulta de um conhecimento exato das realidades do meio no qual este ato se cumprirá. “Se atua convenientemente na medida que sabemos verdadeiramente” (Abel Rey: La filosofia Moderna). Isto é justo o contrário que ensinam Boutroux e Bergson. O difícil é obter este conhecimento exato das realidades exteriores ou interiores. Bergson se engana me atrevo a dizer, ao suprir o juízo, aconselhando a obediência ao impulso vital. Boutroux também se engana, aconselhando o uso da razão, chamando a razão de um sentimento intuitivo, ou seja, impreciso, da verdade. William James e os pragmáticos se enganam ao pretenderem que o critério do ato seja a utilidade de seus resultados práticos. Estas três escolas falam não somente desde o ponto do positivismo, mas também do ponto de vista místico. O critério do ato verdadeiro é seu altruísmo (sempre oposto ao instinto vital), é a pureza de suas intenções, sua bondade, mais do que sua utilidade.

Mas, se em mim se elevam ideias de obediência à Deus, de caridade, renúncia ou sacrifício, pouco importa que haja aí um jogo fortuíto de meu inconsciente ou uma consequência de minha educação, ou uma iluminação mística; se analisando minhas intensões, até às raízes de meu temperamento, meu caráter e minha mentalidade, tomo a decisão contrária daquela que me empurrariam estes elementos fatídigos, não me aproximarei de um estado de liberdade? Sem dúvida, meu ato não será totalmente livre, pois meu conhecimento não será completo, nem minha vontade toda-poderosa, mas terei dado um passo em direção ao novo, ao não experimentado, à liberação. Haverá arrancado algumas de minhas energias da terra do determinismo e terei começado a levá-las à terra da liberdade. Isto parecerá mais plausível se admitirmos, como nossos físicos, que o tempo, o espaço, a massa e a energia são inseparáveis e interdependentes, pois eu descido ir ao oposto do sentido onde me empurram minha herança, meu meio, minha inércia e minha energia.

Por outro lado, esta teoria mística, ou melhor, este impulso de minha potência afetiva não teria um poder tão grande se fosse irreal. Na ordem científica e racional não pode haver nem contingência, nem milagre, nem livre arbítrio, nem divindade. Mas, na ordem afetiva, mística ou metafísica, Deus, milagre e liberdade existem. São ilusões, segundo o positivismo. Não, o homem não pode sentir, nem viver coisas que não existem; o coração e o cérebro colaboram não se confundirão nunca um com o outro. Não renovemos as faltas lógicas de Vitor Cousin.

Imaginemos agora o extremo, um homem que, em qualquer ocasião, decide ao contrário de suas tendências inatas ou adquiridas; um homem no qual as potências afetivas, adestrando a potência volitiva e a realizadora, seria o bastante forte para atuar sempre em direção ao altruísmo, o sacrifício e à renúncia. Tal homem, discípulo perfeito de Cristo, não mereceria as censuras que os sábios fazem com razão aos artistas e aos metafísicos. Seria um cérebro lúcido e ajuizado. Não é o ideal do espírito científico uma independência íntegra e uma rigorosa imparcialidade? Seria uma vontade clara e reta, a gente que se diz enérgica não seria escrava de alguma paixão? Seria um coração entusiasta, pois nada sublime pode ser tentado sem entusiasmo. Um homem assim, capaz de dominar-se no tumulto das tormentas afetivas, capaz de atuar apesar dos venenos do fracasso, da fadiga e da melancolia, não rompe suas cadeias espirituais? Certamente, sim. Este homem desgastará as correntes uma a uma, elo por elo, todas, desde as mais frágeis e exteriores até as mais secretas e sólidas. Extenderá pouco-a-pouco seu domínio até o inconsciente, pois seus atos conterão uma parte cada vez mais ampla de livre arbítrio.

Mas o que disse o Cristo? “Busca a Verdade e a Verdade o tornará livre”. Efetivamente, o homem sozinho não pode se tornar livre; pode chegar à muralha de sua prisão e que alguém lhe abra a porta: o Espírito Santo. A cerimônia desta abertura vocês já conhecem, já vos falei inúmeras vezes. É o batismo do Espírito, onde preside o Verbo, nosso Cristo. Dirão que esta é uma teoria simplista e aventureira. Não, se nos referimos à tradição unânime dos experimentadores de Jesus Cristo. Não, inclusive, se aceitamos as conclusões de uma filosofia baseada na ciência. Esta última nos mostra que, no universo, não existem compartimentos fechados entre o verdadeiro e o falso, entre o exato e o incerto, entre o visível e o invisível, entre o contínuo e o descontínuo, entre o vazio e o cheio, entre o orgânico e o inorgânico, entre a matéria e a força, entre o corpo e a alma, entre o bem e o mal; mas, entre os termos binários antigamente separados, esta filosofia nos mostra algumas séries de degradações numerosas e delicadas. Esta filosofia está em marcha para o descobrimento da unidade da vida. Um dia se perceberá que o espaço e o tempo não são abstrações, senão meio substanciais, como a energia, a luz, os campos magnéticos. Já se reconhece suas propriedades até agora exclusivas da matéria: a inércia, o peso, a estrutura. Virá uma visão “evangélica” das coisas; se saberá que vivem uma vida orgânica, em diversos graus, inteligente; ao invés de constatar o determinismo por todas as partes, se perceberá a liberdade em toda parte; se compreenderá que, segundo a palavra de São João, toda forma e todo ser contém juntas uma vida, uma verdade e um caminho.

Os episódios onde Jesus escuta, vê e atua à distância e onde o efeito milagroso se produz no mesmo momento de Sua ação, se explicam pelos fatos; procuro explicar aqui o mecanismo. Os mundos não são mais do que sombras invertidas dos objetos eternos. Como poderia ser divina uma coisa que nossos sentidos e nossa lógica mediarão? O Reino de Deus penetra o universo e nós mesmo até o mais profundo; se trata somente de aceitar esta bendita invasão; se trata de instalar-se no irracional. Construir, como fazem os apologistas, um conjunto de hipóteses que conduzem aos conceitos místicos, não é a fé. A fé não busca provas, é sempre ingênua, total; as palavras de Deus lhe aparecem tão reais que não passa pelo pensamento nenhum obstáculo ou um atraso em seu cumprimento. Somente para que se digne descer e habitar em nós, é preciso primeiro ter aprendido a não ter nada de nós mesmos. Estes milagres que Jesus ordena no tempo e na distância são verbos de unidade, de absoluto e eternidade que temos de viver, incorporando-os à nossa persona perecível, à nossa encarnação.

Um dia, dirigindo-se à Galiléia, Jesus cura a distância o filho de um oficial de Cafarnaúm. A cidade pode representar a terra, o oficial, o *EU*; seu filho moribundo, o intelecto. Jesus é Jesus. A inteligência, de fato, está sempre prestes à desfalecer-se neste plano; o coração tem necessidade, muitas vezes, de uma reação de fora, de um milagre, para se sensibilizar para a Luz. Mas crer apenas depois de ter recebido uma prova do poder divino, não é fé. A fé é acreditar e estar convencido sem provas. Pela simples palavra de Deus. A partir do momento em que ocorre um raciocínio, mesmo que aproximado, não há fé. Frente a um milagre, sem dúvida, o cético discute, invocam coincidências, observações mal dirigidas, explicações científicas; mas aqueles testemunhos do milagre nos quais a Luz não está totalmente enterrada debaixo das cinzas, sentem estremecimento intuitivo pelo que se manifesta ao homem corporal as expressões do homem espiritual. Um favor deste calibre nos coloca ao lado da fé; mas o descobrimento da intervenção divina pela análise das causas de um fato maravilhoso não é fé.

Quando se encontrarem diante de uma dificuldade insolúvel, na véspera de um vencimento que não tem como pagar ou derrotado pela doença à beira do túmulo e sabeis que a prova é merecida, que atuastes mal anteriormente e que a ruína ou a morte sejam justas, se tens fé, meu exemplo não significa nada, já que o homem livre só possui a fé; a angústia, a desgraça e o sofrimento não tem poder sobre ele, na medida em que deseja aliviar o próximo levando seu fardo. Na falta da fé pode deixar a prova passar, lutar com toda tua inteligência e tua energia ou pedir socorro a não importa quem tanto no visível quanto no invisível. O Céu abandona os inertes; O Céu abandona os orgulhosos que acreditam em si mesmos; Aos temerosos, os Céus socorre o suficiente para que tenham, apesar de tudo, a oportunidade de colocar suas forças em ação. Mas os discípulos sabem que, mesmo sendo mornos, o Céu os vê, os vigia e não permitirá que se percam. Como consequência, esforça-te para ficar tranquilo, esforça-te para que teus familiares e amigos não leiam em teu rosto as angústias; mostrai-vos alegres e de bom humor, como de costume e para chorar, espera estar só em teu quarto. Diz ao Cristo: “Senhor, mereço estas provas e mais algumas; sou indigno que lances um olhar sobre mim, mas podes curar-me, salvar-me da ruína, consolar-me no desespero. Eu me submeto à Vossa decisão, salva-me se julgares que isso é bom. Prometo atuar melhor, com vossa ajuda”. Estas palavras são belas, este sentimento é belo, os santos se conduzem assim. Mas isso, ainda não é fé, é só o caminho para o qual se eleva até ela. Se pudéssemos compreender, definir ou simplesmente imaginar o que é a fé, não pertenceria ao sobrenatural. Façamos, pois o esforço necessário para receber seu dom. Vamos sempre até o limite do possível, até o limite de nossa resistência e de nossa coragem; esta oferenda de tudo o possível evoca irresistivelmente o impossível.

Pratiquemos gestos de fé, um número cada vez maior de nossos irmãos terão necessidade de que chamemos os anjos da fé e nossa pátria também. Estejamos à altura das circunstâncias.

*

A cura à distância pode ocorrer de diferentes maneiras. Se o operador é um homem comum, cujos poderes psíquicos estão em via de desenvolvimento, mas que não segue o caminho do Evangelho atuará pelo magnetismo, pelos invisíveis ou pela vontade.

O procedimento magnético se emprega fazendo passes como se o enfermo estivesse ali, no quarto; enviando a buscar o duplo do enfermo através de um sonâmbulo; levando o fluído sobre ele por um sonâmbulo; fazendo-lhe tomar uma bebida magnetizada; fazendo levar um objeto magnetizado; magnetizando uma prenda ou um objeto impregnado da vitalidade do enfermo. Existem outros procedimentos para soltar os fluídos contidos na água corrente, nas pedras, nas plantas e manipulá-los.

Na atuação pelos invisíveis temos o convite espiritista, a transferência, a evocação ou a conjuração mágica e a invocação aos auxiliares unidos a cada coletividade religiosa nas formas prescritas.

Atuar pelo pensamento consiste em construir uma imagem mental da cura e projetá-la sobre o paciente. Ou é possível também se argumentar, como fazem os cientistas cristãos, mas à distância.

Para atuar pela vontade, se exerce a sugestão, verbal ou mental, ou seja, ordenando à doença que se vá. Nenhum destes métodos é, em si mesmo, lícito; alguns constituem verdadeiro abuso de poder e outros são imprudências. Por outro lado, nada é lícito sem o recurso à Deus. Só se deve praticar uma terapêutica sã e sem riscos espirituais, em conformidade às doutrinas do Evangelho, que considere a vida, a inteligência e o livre arbítrio em toda criatura, que praticará a caridade universal, que só esperará da oração. Pode-se usar o magnetismo, já que é uma força normal, como a muscular, a nervosa e as faculdades cerebrais, mas deve ser empregada com toda humildade, conjuntamente com a oração. Devemos abster-nos de procedimentos mediúnicos, porque não sabemos a quem chamamos; de procedimentos mágicos, mentais ou voluntariosos, porque são coativos e nenhuma criatura tem o direito de tyrannizar a outra. Deste modo, deve ser a oração o único recurso do discípulo que tenta curar? Certamente sim, mas se estiver diante de casos onde a cura fosse inoportuna, então pode se empregar o simples magnetismo humano.

O discípulo avançado, o “soldado”, dispõe de um magnetismo desconhecido mais sutil e poderoso, que foi trazido à terra pelo Cristo e do qual só estão dotados aqueles que praticam perfeitamente o preceito da caridade. O magnetismo comum obedece a certas leis: lei da polaridade, de lugares, de dias, de horas; atua com mais ou menos força, segundo o estado fisiológico ou o treinamento do operador. O magnetismo místico é livre, nem o tempo, nem a distância, nem as circunstâncias, nem nada físico o trava. Qualquer que seja a idade, a saúde, as condições do meio onde se encontra o curador e o paciente, ele cumpre sua ação porque vem em linha reta das obras de Cristo. No entanto, não busque atrapalhá-lo por teus próprios meios. Executa a lei de Cristo, o mais profundo que puder e ore. Isto é tudo. Qualquer outra tentativa é inútil.

Tudo o que digo não vale mais do que uma introdução e habitualização ao estado de ser que será o nosso quando recebermos a faculdade de atuar sobre o Reino e sobre a Terra, simultaneamente e com plena consciência. Vivemos então no Plano Único.

O SOBRENATURAL

Cristo é o único dos fundadores de religiões que se atreveu a pedir a Seus fiéis o sacrifício de sua persona pela caridade, o otimismo sobrehumano pela esperança, a negação, ou melhor, a superação, de todos os conceitos intelectuais, a inversão de todas as impossibilidades práticas, pela fé. As outras religiões se apoiam na metafísica, como o taoísmo; na filosofia, como o budismo; nos dados experimentais de uma ciência secreta, como o brahmanismo ou o madeísmo; em uma afirmação voluntariosa e dogmática, como o mosaísmo ou o islamismo; no sentimento de comunidade com todas as demais criaturas, como algumas seitas contemplativas, filiais das religiões mãe. Cristo unicamente situa o homem diante de Deus, sem outro intermediário que não Ele mesmo, que é um com Deus; Ele revela o segredo formal da criação em nós, mostrando-a como a sombra limitada pelo espaço e pelo tempo do reino ilimitado, eterno, infinito, que Ele habita; faz com que compreendamos que todos os valores criados são inversos aos valores incriados; Ele propõe ao gênero humano, seduzido pelas frias claridades da abstração e ávido por compreender, um modo de conhecimento vivo produzido pelo vôo da alma até as realidades sobrenaturais e pela disciplina do *eu*, mais inflexível e estrita.

O Evangelho só obriga a uma vigilância, a uma atenção, a uma crítica de si mesmo tão lúcidas e tão imparciais como pode ser a observação do verdadeiro sábio que espreeita os segredos da matéria e,

ao mesmo tempo nos anima a nutrir uma sensibilidade tão rica e um entusiasmo tão lírico, iguais aos do artista e do poeta. O Evangelho tende a fazer de nós seres equilibrados e completos.

O verdadeiro místico é são. Se um vidente não mostra no curso normal da vida, ponderação, bom senso, realismo, pode-se acreditar que suas visões são falsas. Quando o êxtase é verdadeiro, não debilita as faculdades mentais, ao contrário, as reafirma. Estuda com detalhe a vida de São Bernardo, Santa Colette, Santa Teresa, Madame Acarie (Maria da Encarnação), São Vicente de Paula, Santo Cura D’Ars (João Maria Batista Vianney), citando alguns cérebres exemplos, verás nestes servidores de Deus, que uma crítica superficial tomaria por neuróticos os mestres na arte de resolver as situações mais difíceis em matéria de dinheiro, psicologia, acordos familiares, sociais ou políticos. Mas, se a piedade deles foi fervorosa, se o desejo do Céu os consumiu, se sua sensibilidade foi a mais especial, exerceram sobre si mesmos o governo mais autocrático: sobre sua constituição, seu caráter e seu intelecto.

Para compreender algo de Cristo não precisa estudá-Lo, como fizeram Renan, Ledrain, Loisy ou Alfred Charbonnel; de nada serve também explicá-Lo aos Taine, como faz o P.Dion. Jesus não é um personagem pertencente unicamente à história; Seu meio, Sua raça não influíram sobre Sua formação; as parábolas não são alegorias e é sacrilégio querer, como escreve este dominicano, dar às palavras de Jesus “mais relevo e mais brilho”. É preciso ver ao Filho de Deus tal com é, viajante incansável percorrendo os mundos, carregado de todas as dores, tomando para si as provas pesadas demais para as nossas costas orgulhosas, esgotado por sacrifícios e vigílias, mas tirando de Seu amor misericordioso, do fundo de Suas agonias, a força de ressuscitar sem cessar para novos martírios.

A loucura da empresa cristã e a fragilidade de seus meios de fundação provam a suprahumanidade de seu Fundador. Uma obra que subsiste há dezenove séculos, apesar das falhas de seus obreiros, é porque contém algo divino. Manter esta Luz imperecível, tirá-la das cinzas e obscuros humos terrestres é a tarefa do cristão. Esta tarefa se chama “a conquista da santidade”. Deus organiza toda a criação para nos levar à santidade. Deus nos persegue por todas as partes; o criminoso, o perverso, o superficial, o preguiçoso, todos somos como que Sua presa; Ele nos espreita, nos assedia a fundo, até o fim, cansados das vãs delícias do mundo, caímos derrubados sob o raio tão doce de Seu amor. Somos os bem-amados do Pai, somos a única preocupação do Filho, as benaventuradas vítimas do Espírito.

Mas, para ver a Verdade é preciso desimpedir o umbral que encerram os preciosos véus das aparências. Analisemos nossas certezas e dúvidas até o axioma que se encontra necessariamente na origem de ambos. Logo, tomemos o axioma oposto; poderemos deduzir, por continuidade lógica, certezas e dúvidas contrárias aos pontos de partida de nossas primeiras induções.

Destas antíteses a conclusão é comum: que tudo é plausível e possível, que tudo é incerto. Para entrar na falange mística é preciso encontrar um terceiro ponto de partida, uma terceira ordem de axiomas que reúna e concilie as irreconciliáveis teses precedentes. Assim, entramos intelectualmente na pobreza evangélica. Sabeis de que forma se entra moralmente. Desde então podemos dizer: não sou nada, não possuo nada. Neste duplo vazio surge a Plenitude; nesta dupla noite estala o Raio; a oração começa seus balbuceios, se empreende o Caminho, a Verdade aparece, a Vida descende e os horizontes temporais começam a se borrar, enquanto que, em nossa visão maravilhada, crescem as paisagens imemoráveis da Fé.

Eis aqui a escola a seguir para poder aceitar a encarnação do Verbo, para compreender os milagres de Jesus Cristo, para tornar possível a cercania do Espírito, através do qual nos será permitido reproduzir nosso Modelo mais tarde.

Falando detalhadamente das curas feitas por Jesus, não quero mais do que tornar para vós o

Universo místico mais acessível. Deste Reino da Glória, qualquer um pode entrever o esplendor que leva sempre em seu seio a nostalgia salvadora e este imortal tormento lhe prosternará algum dia ante ele árvore da Cruz, cujos frutos se chamam paz, felicidade, onisciência, onipresença e liberdade.

CAPÍTULO IV

O REINO DOS CÉUS

**Lucas 7,36-50/Lucas 8,1-3/Mateus 13,10-15; Marcos 4,10-13/Lucas 8,4-15
Mateus 13,3-9; 18-23; Marcos 4, 3-9; 14-20/ Lucas 8,16-18/Marcos 4, 21-23;
Mateus 10,26-27; Mateus 5,15-16/Marcos 4,24-25/Mateus 13,31-32
Marcos 4,30-32; Lucas 13,18-19/ Marcos 4, 26-29/Mateus 13, 34-35;
Marcos 4, 33-34/Mateus 13,33; Lucas 13,20-21/Mateus 13,24-30; 36-43/
Mateus 13,44/Mateus 13, 45-46/Mateus 13, 47-50/Mateus 13,51-52**

“E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa. E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-los com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-los com o unguento. Quando isto viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora.

“E respondendo, Jesus disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. E ele disse: Dize-a, Mestre. Um certo credor tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro cinquenta. E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois, qual deles o amará mais? E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos de sua cabeça. Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento. Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama. E disse-lhe a ela: Os teus pecados te são perdoados. E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados? E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz. (Lucas 7,36-50)

“E aconteceu, depois disto, que andava de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e os doze iam com ele, E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; E Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com seus bens”. (Lucas 8: 1-3)

“E, quando se achou só, os que estavam junto dele com os doze interrogaram-no acerca da parábola. E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas, Para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que não se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados. E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? Como, pois, entenderéis todas as parábolas? (Marcos 4:10-13)

E, ajuntando-se uma grande multidão, e vindo de todas as cidades ter com ele, disse por parábola: “Um semeador saiu a semear. E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros

vieram e a comeram; Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque a terra era pouco profunda. Logo, porém, que o sol nasceu, queimou-se, por falta de raízes. Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram e as sufocaram. Outras, enfim, caíram em terra boa: deram frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um. Aquele que tem ouvidos, ouça”.

Os discípulos aproximaram-se dele, então, para dizer-lhe: “Por que lhes fala em parábolas”? Respondeu Jesus: “Porque a vós é dado compreender os mistérios do reino dos céus, mas a eles, não. Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, será tirado até mesmo o que tem. Eis porque lhes falo em parábolas: Para que vendo, não vejam, e ouvindo, não ouçam, nem compreendam. Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: “Ouvireis com vossos ouvidos e não entendereis, olhareis com vossos olhos e não vereis, porque o coração deste povo se endureceu: taparam seus ouvidos, e fecharam os seus olhos para que seus olhos não vejam, e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare”. (Isaías 6,9).

“Ouvi, pois, o sentido da parábola do semeador: Quando um homem ouve a palavra do reino e não a entende, o Maligno vem e arranca o que foi semeado no seu coração. Este é aquele que recebeu a semente à beira do caminho. O solo pedregoso em que caiu é aquele que acolhe com alegria a palavra ouvida, mas não tem raízes; é inconstante: sobrevindo uma tribulação ou uma perseguição por causa da palavra, logo encontra uma ocasião de queda. O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouviu bem a palavra, mas nele os cuidados do mundo e a sedução das riquezas a sufocam e a torna infrutífera. A terra boa semeada é aquela que ouve a palavra e a compreende, e produz fruto: cem por um, sessenta por um, trinta por um”.

Ninguém ascende uma vela para cobri-la com uma vasilha e coloca-la debaixo da cama; ao contrário, é colocada em um candelabro para que os que entrem vejam a luz. Porque não há nada Oculto que não deva ser descoberto, nem nada secreto que não deva ser revelado e posto à luz do dia. Preste atenção ao que ouve, pois ao que tem se lhe dará e ao que não tem inclusive o que acredita ter, lhe será tirado. A que se parece o Reino dos Céus ou com o que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que o homem colhe e semeia em seu campo. É esta a menor de todas as sementes, mas quando cresce, torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos.

Sigo dizendo: Com o Reino dos Céus ocorre o mesmo que quando um homem lança a semente sobre a terra. Durma ou vele, noite e dia, o grão germina e a planta cresce, sem que saiba como. Da mesma maneira a terra extrai seu fruto: primeiro é uma erva, depois uma espiga e logo o trigo cheio de espigas. E quando a terra dá o seu fruto, colhe em seguida a foice, pois é a hora da roçada.

*

É com um grande número de parábolas deste gênero que se lhes anunciava a palavra, na medida em que podiam compreender. Só lhes falava por parábolas. Assim se cumpria o que disse o profeta:

“Abrirei a boca para ensinar em parábolas,
revelarei coisas ocultas desde a criação.”

(Slm 77,2)

Na intimidade, Ele explicava tudo a seus discípulos. Então disse: “O reino dos céus é comparado ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha e que faz fermentar toda a massa”.

“O reino dos céus é semelhante a um homem que tinha semeado boa semente em seu campo. Na

hora, em que repousavam, veio o seu inimigo; semeou joio no meio do trigo e partiu. O trigo cresceu e deu fruto, mas apareceu também o joio. Os serevidores do pai de família vieram e disseram-lhe: “Senhor, não semeastes bom trigo em teu campo? Donde vem, pois, o joio”? Disse-lhes ele: “Foi um inimigo que fez isto! Replicaram-lhe: “Queres que o arranquemos”? Ao que respondeu: “Não, arrancando o joio arriscas a arerancar também o trigo. Deixe-os crescer junto até a colheita. No tempo da colheita direi aos ceifadores: Arranque primeiro o joio em feixes para queimar. Recolhei depois o trigo no meu celeiro”.

Então despediu a multidão. Em seguida entrou de novo na casa e seus discípulos se agruparam ao redor dele para perguntar-lhe: “Explica-nos a parábola do joio no campo”. Jesus respondeu: “O que semeia a boa semente é o Filho do homem. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino. O joio são os filhos do Maligno. O inimigo que a semeia é o demônio. A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos. E assim como se colhe o joio para jogá-lo no fogo, assim será no fim do mundo. O filho do homem enviará seus anjos que retirarão de seu reino todos os escândalos e todos os que fazem o mal, e os lançará na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger dos dentes. Então, no reino de seu Pai, os justos resplandescerão como o sol. Aqule que tem ouvidos, ouça”.

“O reino dos céus é também semelhante a um tesouro escondido num campo. Um homem o encontra, mas o esconde de novo. E cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo”.

“O reino dos céus é ainda semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra.

“O reino dos céus é semelhante ainda a uma rede que, jogada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos o que é bom e jogam fora o que não presta. Assim será no fim do mundo: os anjos virão separar os maus do meio dos justos, e os arrojaram na fornalha, onde haverá choro e ranger dos dentes.

“Compreendestes tudo isso”? “Sim, Senhor”, responderam eles. “Por isso, todo o escriba instruído nas coisas do reino dos céus, é comparado a um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas”.

SOBRE A IMITAÇÃO DE JESÚS

É tão certo que nossas atividades são as evoluções de nosso espírito imortal ao longo dos caminhos do invisível, que o fato de passar de uma via larga para uma via estreita se chama conversão. Em alguns momentos, o homem, esgotado e ferido, volta sobre seus passos e quando este retorno se efetua pelos motivos mais elevados, ou, se preferirem, em nossas regiões psicológicas mais profundas, os estados de arrependimento, remorso, desolação e desagregação íntima que sofrem correspondem a esta marcha para trás, no curso do qual estamos obrigados a restituir às criaturas vítimas de nosso egoísmo as forças ou as substâncias que temos lhes subtraído indevidamente. Esta restituição é chamada de penitência.

Antes que o Verbo descendesse sobre a terra, os humanos estavam obrigados a pagar integralmente suas dívidas; esta lei foi chamada “Carma” pelos hindus, “pena de talion” por Moisés. E, como os pecadores demoram para pagar e neste interin adquirem mais dívidas, por conta de novos pecados, já que o mal uma vez semeado se desenvolve por si mesmo e se multiplica, os pagamentos se multiplicam também, indefinidamente, e o sofrimento humano ia se estendendo por um período indefinido. Em resumo, o homem não pode se salvar sozinho. Mas os sofrimentos voluntários e inocentes do Verbo encarnado em Jesus Cristo têm por efeito colocar à disposição do pecador

arrependido os socorros inesgotáveis da misericórdia divina, que a teologia chama de graça, porque são sempre gratuitas. Com efeito, elas procedem do Absoluto; por conseguinte, a menor de todas vale, por sua natureza, infinitamente mais que os méritos de uma criatura do Relativo, por maior que possamos imaginá-las. Entendido isso, podemos estudar o episódio da Cortesã na casa do Fariseu. Aqui se encontram numerosos ensinamentos.

Jesus não frequentava somente a casa de gente pobre e modesta; Aceitava também convites dos ricos; não se guiava por motivos de utilidade ou de respeitabilidade; não bajulava nem os conservadores, nem os revolucionários, pois tanto uns como outros às vezes têm razão e outras vezes se equivocam; Ele não estabeleceu o paraíso social baseado unicamente em reformas econômicas ou políticas. Jesus não escolheu seus discípulos, familiares, anfitriões ocasionais segundo considerações exteriores. Para Ele, os homens, as coisas, as circunstâncias não eram mais que pretextos para corrigir um erro, acender uma luz, semear uma semente. Este mundo no qual trabalhamos que muitos acreditam ser o único, não era em Suas mãos mais que um reverso; Ele tecia sobre o outro lado da trama, no lado direito, porque via o que nós não vemos. Por isso, muitos de seus gestos parecem incompreensíveis e muitas de Suas palavras irracionais.

Podemos adotar uma linha de conduta paralela à Sua ainda que num plano muito mais baixo; desconfiemos, portanto, das surdas tendências de nossa personalidade que desviam as intenções mais retas. Cada um é atraído por um meio social ou mundano em função de seus gostos, cultura, afinidade ou suas opções de toda ordem. Quem tem más companhias tem a desculpa de que não são totalmente responsáveis pelas baixarias de suas amizades; têm razão, devemos ser indulgentes, mas aquele cuja sensibilidade é delicada e seu espírito refinado não tem também um grande mérito em frequentar seres superiores; e aquele que ama suas comodidades não tem mais méritos por conviver com os ricos. Estes três indivíduos seguem simplesmente o gênero do egoísmo que lhe é próprio. Se vou jantar preferentemente com uma elegante companhia, devo ter a franqueza de confessar-me que é porque amo o luxo e o refinamento, e não para imitar à Jesus que também Se sentava à mesa dos ricos burgueses de Sua época. Se, ao contrário, gosto de ir sem camisa aos antros, que não caia na hipocrisia de dizer que é porque Jesus viva com os pobres. Perdoem que insisto em exemplos tão simples, mas é porque nos enganamos tão facilmente, mentimos para nós mesmos com uma duplicidade tão ingênua! Se, ao contrário, sem escutar nossas preferências, vamos onde nos chamam, sobretudo onde podemos suavizar um ressentimento, abrir uma janela para a esperança, favorecer uma resignação, acalmar o ódio, reduzir prejuízos, embelezar uma hora vulgar, alí, enfim, onde nos repugna acudir, então imitaremos a Jesus. Vocês acreditam que para a delicadeza sensível de Jesus não era doloroso estar entre a fealdade inevitável dos miseráveis oprimidos? Acreditam que para o generoso ardor de Sua alma transbordante de compaixão não era um martírio o duro egoísmo dos grandes, que não o compreenderam, mas cujos convites Ele acudia? Ele era encontrado aqui e ali, em qualquer lugar onde se elevava o menor suspiro em direção à Luz, escutando somente este suspiro, não vivendo mais os diversos desamparos dos miseráveis ou dos poderosos, des preocupado de Suas próprias aversões, atento à sinceridade dos gemidos.

Assim, lendo os Evangelhos, não nos atemos tanto ao encanto dos relatos, ao maravilhoso dos episódios, como ao espírito secreto que engendram uns e animam outros. É preciso tempo para comunicar com este sopro delicioso da bondade eterna; é preciso uma grande perseverança no esforço perpétuo de viver os preceitos; mas cada um destes esforços recebe imediatamente seu salário, um salário duplo: o desejo de avançar mais e a compaixão mais profunda da Grande Obra universal.

Temos Jesus à mesa do Fariseu. Que se represente a cena tão exatamente como nossos conhecimentos em arqueologia nos permitam, que nos ajudem os relatos dos orientais, dos romancistas, dos videntes ou dos simples viajantes, não importa. Tudo isso são artifícios, legítimos, sem dúvida, mas exteriores, para comover nossa devoção. Dois ou três escritores imaginaram inclusive a Cristo em nossa época, vivendo nossa vida e dando à nossa sociedade o exemplo ou o

ensinamento conveniente aos nossos costumes e vícios modernos.

Tentemos ver nosso Modelo com olhos mais espiritualizados. Mais além dos aspectos visíveis de Sua história, penetremos até Seu coração em seu esplendor imensurável, nos elevemos às alturas de Seu espírito onde repousam todos os mistérios, consideremos a sublime singularidade de Sua persona, a mais unida, coerente que possamos imaginar e, ao mesmo tempo, a mais diversa e a mais sutil.

Neste israelita temos a Deus mesmo e o Homem completo. Permanece para sempre idêntico a Si e, no entanto, Ele Se encontra, sem diminuição ou alteração, no centro do que sofre e o que aspira, na persona de Seu anfitrião, nas personas dos convidados, na persona da mulher. A todas as partes onde Ele vai, o Homem-Deus está com Ele, pois por toda parte cresce a queixa do sofrimento. É Jesus quem, no coração endurecido do rico, difunde a cinza da saciedade; é Jesus quem, no coração ferido do miserável, faz gemer o desespero; é Jesus quem, no coração fanático do criminoso, faz duvidar a cólera, com a finalidade de que de nossas aversões terrestres nasça o desejo dos bens do Céu; que nossos cançassos chamem a esperança; que nossas iras impotentes, levadas ao seu paradoxismo, se tornem os primeiros sopros da natureza toda poderosa. Assim é ao menos a marcha das coisas para a humanidade destronada; a obediência fiel ao Evangelho nos permitirá evitar estas penosas reações, sem dúvida, mas são raros aqueles que se tornam capazes de receber a Luz sem antes andar extraviados nas Trevas.

Neste Fariseu, pois, está o Verbo, mas ninguém O discerne, porque as almas medíocres do anfitrião e de seus convidados são incapazes de ir mais além. Só Maria Madalena via claro. Ela cometeu todos os excessos, bebeu do ressentimento, sua alma ardente não quis o lúgrube orgulho da desesperança e o Céu lhe enviou o arrependimento. Ela se lançou à ele como antes se lançou aos brilhos deste mundo, ela pecou muito e o Verbo muito a perdoou e porque recebeu Dele um perdão sobreabundante, O amou como ninguém antes O havia amado.

Para nós o amor de Deus e nosso futuro amor por Ele são coisas totalmente ignoradas. A indiferença de nossa alma, a debilidade de nosso cérebro não podem nem nutrir-se, nem mover-se no mundo vertiginoso do amor espiritual. Os mais puros dentre nós, quando tentaram dizer alguns ecos das harmonias não reveladas, foram reduzidos à pobre e duvidosa linguagem do amor humano. Dizer que o amor divino é todo sacrifício é anunciar que o sol ilumina; a eloquência banaliza até o lugar comum, quando tenta descrever a vida do amor; esta difere mais da vida do corpo e do intelecto, como a metafísica difere da ciência ou o cálculo integral da aritmética. Nossas potências afetivas, que nos parecem tão sublimes, tem a necessidade de distender-se, de recobrar seu impulso, de superar seu cansaço; sofrem com mais crueldade os fracassos quanto com mais candura são oferecidas à ingratidão e a incompreensão. Não vemos o mesmo Jesus desfalecer à vista de todas as obscuridades com as quais o gênero humano responderá às ternuras de Seu amor? Cada discípulo sofre também sua vigília no Horto das Oliveiras.

Mas quando o Céu desce sobre a Terra, o amor fraternal e o amor divino convertidos no mesmo amor, se avivarão até uma altura hoje inconcebível. O amor de cada um dos eleitos, renovando-se por si mesmo, tão jovem em cada uma de suas efusões, aumentando sem cessar pelo amor correspondente dos demais eleitos, não conhecerá mais a fadiga nem a inquietude. Estas almas, elevadas além de seu limite temporal próprio, se iluminarão de infinitos a infinitos em uma concorrência harmoniosa cujos equilíbrios sucessivos, longe de restringir seus impulsos, sempre exaltarão seu ardor e sua espontaneidade. Mas este é o final, nós estamos somente no ponto de partida.

MARIA MADALENA

O Céu está com os que sofrem; enquanto estivermos no caminho faz abstração de nossas faltas para

ver apenas o nosso desamparo. Seus soldados atuam em todo lugar, frequentemente, sobretudo com o Mestre, junto ao povo, que fazem viver a todos e do qual se ocupam tão pouco; eles vão com os marginalizados, que escandalizam os hipócritas, e que talvez só estejam caídos por falta de cuidados. Mas Jesus, na casa do Fariseu acolhe a cortesã. Que escândalo para um homem honesto, para este expoente da sociedade! E a mulher, que admirável certeza intuitiva de obter Seu perdão! Quem vai longe no mal é capaz de ir ainda mais longe no bem. A justiça de Deus não emprega os procedimentos da justiça humana; esta só conhece a lei do Talion, apenas desde alguns séculos para cá se admite circunstâncias atenuantes. O Céu, ao contrário de nossa lógica, cuida do teimoso que parece o menos digno. Quanto mais extraviado e atolado ou doente esteja o ser, mesmo que por sua falta, mais atento está o Céu ao seu primeiro arrependimento, à sua primeira necessidade.

Assim é o amor divino, assim deve ser o amor humano. Seu caráter é o sacrifício de si mesmo. Seu modo de ação é infinito. Seu poder não tem limites. Sua essência é o desejo ardente de servir ao ser amado, perder e perder-se para sempre por obedece-Lo.

O Amor é capaz de romper todas as cadeias, é o mais livre dos seres. Não conhece o impossível, o tempo, à distância; resiste à morte, brilha até no inferno; nem a mediocridade o obscurece.

O verdadeiro Amor não é inquieto, resplandece na serenidade, irradia na paz, se imola na beatitude; os obstáculos são um alimento a mais para sua chama. Possui a única verdade, a imutável certeza, o poder irresistível. Bendiz todas as coisas, pois tudo é uma ocasião para crescer. É por causa de sua capacidade de sofrimento que a mulher está mais próxima do Céu que o homem. E é uma razão para escutá-la mais. Mas não é preciso que saia de seu papel; não deveria ter que ganhar seu pão fora do lar; ela está aí para embelezar de ideal as vulgaridades da vida cotidiana com seus cuidados. Se quiser fazer seriamente suas tarefas, terá mais trabalho que seu marido. Não tem nada a ver com salas de conferências, comitês, listas de reivindicações, protestos e outras enganações. Estes disparates feministas incomodam? A mulher verdadeiramente boa não sente em seu coração que Deus está com os humildes, com os trabalhadores ocultos? Toda ação, inclusive aquela que parece indiferente e inútil tem resultados; sua intensão é o que a torna mais ou menos frutífera segundo sua sinceridade e grandeza. Vejam o que recebe a cortesã por ungir os pés do Mestre.

Por um lado está o homem pensante, rico, honorável, como deve ser um dos “pilares da sociedade”, por outro lado, uma mulher fora da lei, desprezível, que causa escândalo, um membro “descartável da sociedade”; ao meio um Ser mais que humano, cuja simples e única presença julga a um e a outro, revelando o espírito secreto de cada um. Está é a dupla oposição incompreendida que serve de pretexto para as tiranias dos fortes e as revoltas dos fracos. Aqui se reúnem o poder material e a grandeza espiritual. A multidão crê que a fortuna, os altos cargos, a superioridade cerebral implicam em grandes qualidades morais e a classe superior se inclina a desvalorizar o povo. Ambos se equivocam. “Não compreendem o sentido inverso dos poderes temporais e espirituais”. Os de baixo não se dão conta da força corruptora do ouro e da glória; os de cima fecham os ouvidos às queixas dos miseráveis. No entanto, a grande contradição humana não é a inteligência e a ignorância, é a dureza do coração humano ou sua bondade. Os ricos não são necessariamente refinados; os pobres não são necessariamente grosseiros. Assim, o Fariseu de boa posição, instruído, de conduta correta e opiniões razoáveis vegeta mais longe de Deus que a filha escandalosa, que desafia as boas maneiras e vive ao dia. Não devemos entender que o Céu prefere os irregulares ao invés de pessoas “adequadas”, pois há ricos unicamente preocupados em fazer o bem e pobres devorados por todas as paixões inferiores; significa que a posse de privilégios sociais normalmente secam o coração, enquanto que as misérias e as penas sofridas por um ser que se desencaminha, acabam sempre por despertar em seu interior a chispa do Verbo, por mais espessa que seja a camada de cinzas na qual as mais vergonhosas idolatrias a fizeram sucumbir.

O fariseu é um racionalista; a cortesã, uma mística em florescimento. Ao primeiro falta a noção do limite da inteligência, à segunda falta a noção da disciplina; mas o primeiro, visto que se sente

orgulhoso de todas as suas prerrogativas humanas, não perceberá à Deus junto de si, enquanto que a segunda, na qual a explosão do arrependimento rompe e consome tudo, à luz desse incêndio descobrirá diante de si seu Senhor e Salvador.

Isso não significa desprestigiar as vantagens sociais, os dons naturais, a instrução ou a educação, senão que não devemos atribuir a eles mais que um valor humano e relativo. Não significa que se deva perseguir o pretencioso sob o pretexto de obter experiências e de alcançar a sabedoria pela saciedade, mas não é necessário cobrir de opróbrio aos desequilibrados e a todos aqueles que se bamboleiam ao fluxo e refluxo de seus apetites; é possível que nessa multidão lamentável o desequilíbrio lhes faça voltar à Deus, que o desolamento lhes devolva a extensão da graça e que suas aversões lhes darão a sede das fontes eternas.

Cada um de nós também se encontra nesta cidade onde vivem os fariseus, em suas belas casas, bem ordenadas e cortesãs em casas de lúcho ou casebres. O Mestre passou em nós também alguma vez. Sentou-se naqueles lugares que havia preparado, desde o princípio com os mais ricos ornamentos, que havia mobiliado com a razão, com a lógica, com a memória, com a sabedoria realista que nos dão uma imagem superior com relação a outros seres. Estas belas faculdades, orgulhosas de si mesmas, não reconhecem seu criador; já os cantos menos nobres de nossa persona é ocupado pelas forças tumultuosas do instinto, ávido de todo o universo físico e unicamente ocupado em conquistá-lo e em saciar-se; mesmo assim, ao contemplar o alto vemos uma luz extraordinária, disfrutamos de uma doçura indizível, ouve-se uma voz inefável. É porque o mais material e grosseiro que existe em nós sente o mais sutil e o Espírito puro.

Isto vale também para a ordem social e étnica. Os povos e as raças que o Pai elegeu em princípio para abrir a outros povos o caminho da salvação, aos quais concedeu todos os dons úteis para este propósito, pouco a pouco passaram a considerar estas graças como suas, desenvolvendo um orgulho que os impossibilitou de cumprir seu ofício providencial. Então o Pai, não querendo que pela falta de um só povo, todos se percam, enviou Seu Filho. Sendo desconhecido para Seu próprio rebanho, o Cristo se dirigiu às ovelhas perdidas, aos Gentis e estes, causa do aumento das trevas na qual se debatiam, aceitaram a Luz. Assim, o menino que nasce em uma família rica e crê que possui esta fortuna e estas honras por si mesmo, acaba se enchendo de orgulho e seus olhos se tornam cegos para a Verdade; a Verdade busca então um pobre humilde e paciente, se entrega a ele e o torna seu prenúncio.

Em suma, todas as criaturas, das menores às maiores, que vem ao mundo com dons análogos, sofrem uma prova parecida, saindo quase sempre vencidas e retardando assim sua felicidade real e sua perfeição.

Desconfiemos do encanto que se desprende de nossas próprias qualidades; acostumemos a distinguir de nosso eu imortal os instrumentos que lhe foram emprestados para cumprir seu trabalho. Este corpo, com sua força, seu engenho, sua beleza; os órgãos sutis pelos quais disfrutamos as delicadezas e os esplendores da Natureza e da Arte; as faculdades mentais que nos fazem compreender, classificar e dirigir as energias da Matéria, que nos elevam até as serenas especulações do abstrato; esta energia volitiva cujo exercício nos proporciona alegrias intensas, porém perigosas, de conquistas e de domínio: nada disso nos pertence. Mas, infelizmente, ainda que reconheçamos nosso estado de devedores natos, de perpétuos mutuários, nos conduzimos praticamente como se fossemos os legítimos proprietários de nós mesmos. Somos como o fariseu que observando Jesus aceitar a homenagem da cortesã, fez com que não via quem era aquela mulher; só acreditamos nas aparências, só julgamos as aparências, nos apegamos às aparências.

Distinguir o transitório do permanente é uma busca tão importante que todos os iniciados da Ásia a escolheram como princípio de seus sistemas. Esta noção é a base do taoísmo, brahmanismo, budismo, lamaísmo e os Sufis do Islam a observam. Encontra-se também no Evangelho, ainda que

implicitamente, aparece mais como indução filosófica do que como uma regra prática. Jesus Cristo nos faz abraçar imediatamente o concreto. Ele prefere nos ensinar primeiro a viver, do que ensinar a pensar. Com efeito, nem todos os homens são aptos para a meditação, mas todos podem ver a pena de seu irmão, todos podem socorrê-lo; a Caridade é a iniciadora suprema.

No entanto, é preciso oferecer às inteligências inquietas alguns esclarecimentos. Tentemos primeiro compreender de que maneira Deus, a única Realidade, Se comunica com o homem e lhe infunde o sentido íntimo das aparências ilusórias.

É preciso, ainda que isso me pareça muito pretencioso, que lhes tente dizer algo sobre a essência divina e sobre a Trindade, a fim de que evitem recorrer às obras específicas dos padres da Igreja e dos teólogos.

Sem iniciar nenhuma demonstração, enunciarei simplesmente o que creio, o que tenho como Verdade, ou seja, o que me parece mais provável, aquilo que não dá lugar a pretextos para os erros do subjetivismo e do panteísmo, o que me parece, por fim, mais conforme com a ideia essencial de Cristo.

O Ser Supremo é o único ser completamente imaterial. Como disse Jesus à Samaritana: “Deus é Espírito”. Posto que Jesus se declara ser um com o Pai, concluo que a Trindade não é mais que uma imagem, a melhor das imagens, sem dúvida, mas uma imagem, tão clara quanto possível à nossa inteligência, da vida deste Ser Supremo.

Ele é simples em Sua essência, único, homogêneo, independente e livre; soma de todas as perfeições que pode conceber nossa sensibilidade, afetividade, intelecto e vontade; por outro lado, soma da infinidade de perfeições que a criatura humana nunca poderia conceber; soma de todo o possível e de todo o impossível, de tudo o que houve, de tudo o que há e de tudo que será, de todo o anterior e de todo o posterior, de toda a duração e de toda a eternidade, de todo o finito e de todo o infinito, de todo o relativo e de todo o absoluto. E este imenso conjunto só forma os órgãos e as faculdades deste Ser em si mesmo e essencialmente inacessível à nossas investigações.

Só podemos conceber uma imagem mais clara e próxima pelas atividades de Deus através das quais Ele mostra que quer estar mais perto de nós: pelo Verbo. O Verbo de Deus: eternamente imaterial, livre, onipotente; Homem: eternamente material, composto de todas as variedades de matéria, desde as mais densas como as do corpo, até as mais fluídicas, como as da psique, do mental e da vontade. A meu ver, tudo o que não é espírito puro, é matéria; o Espírito puro é a única substância eterna, livre, suficiente por si mesma, que se desenvolve unicamente através do jogo de sua atividade inata, enquanto que as demais substâncias, inclusive as mais sutis, como as forças mecânicas, o pensamento, a vontade, são submissas às leis, nascendo, se usam, se exercem e têm a necessidade de outras substâncias para continuar existindo ou para se renovar.

O Verbo é a pessoa de Deus que Se ocupa da criação, tanto para lhe dar existência, como para conservar esta existência, ou seja, para transfigurar a existência temporal, descontínua e provisória em vida eterna, contínua, definitiva e incessantemente nova. No curso desta função, é o Pai quem ordena, o Filho quem trabalha e o Espírito Santo quem tem a dupla virtude de ordenar e realizar. O Pai cria, o Filho repara e o Espírito Santo salva. Mas antes, o Pai criou, o Filho forneceu a substância viva da criatura e o Espírito Santo a organizou harmonicamente.

A melhor forma de fazer uma ideia das operações divinas é observar, ao longo dos quatro relatos evangélicos, as passagens relativas às próprias obras de cada uma das três Pessoas. O trabalho não é difícil, nem extenso. Por outro lado, é sempre melhor recorrer às fontes e obras originais do que aos comentários e aos manuais de crítica ou vulgarização.

No entanto, quanto ao tema de nossa conversa, acredito que seja mais difícil captar o movimento da vida divina no mundo ou em um homem do que nela mesma.

A tradição cristã anterior a São Tomás de Aquino reconhece um corpo, uma alma e um espírito no conjunto humano, mas não define exatamente o que é a alma e o que é o espírito. Alguns autores situam o espírito acima da alma, outros situam a alma acima do espírito. Parece que a opinião geral dos místicos atribui ao espírito a preeminência e o designa como o lugar do *EU*, sob o nome de Espírito próprio. Nesta hipótese, a regeneração e a salvação consistem na eliminação do espírito próprio e sua substituição pelo Espírito de Deus. O homem perfeito aqui embaixo seria um corpo e uma alma saturados pelo Espírito Santo, o que infundiria nos outros princípios todas as virtudes e as sabedorias que podem receber.

Os teólogos, estudando o texto do Apóstolo Paulo (1 Tessalonicenses 5,23) que enumera corpo (soma), alma (psiquê), espírito (pneuma), enxergam na psique a alma sensível, o sopro vital e no pneuma, a alma intelectual e superior. O trabalho da salvação consistiria então em governar a alma de maneira que nunca obedeça ao corpo e sim ao Espírito de Deus. Desta forma nosso corpo pode ser aclimatado pela salvação, pela ressurreição, no Reino de Deus. O homem que realiza os preceitos de Cristo é semelhante à árvore nova, enxertada num tronco bom, pouco a pouco deixará de tirar sua vida do mundo para tirá-la do Céu e se converterá em celeste e espiritual conservando corpo e alma regenerados. O Espírito lhe unirá ao Verbo.

Somos a imagem de Deus por nosso corpo e nossa alma; somos semelhantes à Deus quando Seu Espírito desce em nossa natureza humana e a transmuta. Quando obedecemos ao Evangelho, Deus nos possui, na medida em que cada um de nós possa receber esta possessão; o Espírito influi sobre nossa pessoa e, como o sol, por sua luz e calor, faz crescer as sementes enterradas no solo; Este Espírito, por Seus dons e Suas graças, fazem vegetar a semente eterna que o Pai, desde a origem, depositou em nosso centro. Assim cresce o Cristo interior.

Todo o mérito consiste em nos mostrarmos dóceis à graça. Esta docilidade, bem entendida, abraça os esforços mais heroicos na luta contra o egoísmo e no amor fraterno. E quanto às criaturas distintas do homem: os três reinos físicos, os invisíveis, as forças terrestres ou cósmicas, o Céu atua ali, sobre tudo, pela intermediação do homem. Cada um de nós é o centro de um pequeno universo que é arrastado em nossas ascensões ou em nossas quedas; cada discípulo distribui, ainda que quase sempre inconscientemente, sobre todas estas criaturas não-humanas, o sol, a vida divina peneirada, adaptada a suas diversas receptividades quando passa através do intelecto, a alma e até o corpo do discípulo. Eis aqui a importância de nossa conduta cotidiana e o peso de nossas responsabilidades. Por uma parte, na medida em que nos tornamos os templos do Espírito, as impurezas exteriores ficam cada vez mais incapazes de nos manchar e segundo o mesmo progresso, nosso olhar discerne cada vez melhor o verdadeiro fundo das criaturas. Leva ao limite estas duas consequências e compreenderás a atitude e a força de Jesus. Tentaremos, certo? Tentaremos modelar nosso ser íntimo à imagem do que progressivamente vamos descobrindo de Sua alma.

OS DESPOJOS

Em matéria de moral religiosa os fiéis tem uma forte tendência de se considerarem manchados pelos contatos externos; os livros de Moisés, Manú, Zoroastro tem fortalecido este erro pela multiplicidade de suas prescrições rituais. Sem dúvida, da mesma forma que o ar puro vicia o nosso sangue, estar perto de um criminoso, o uso de certos alimentos, frequentar certos lugares viciam nosso duplo e dispõe nosso psiquismo às faltas; as doenças psíquicas podem nascer de vizinhança psíquica, como um leproso ou um pântano podem causar enfermidades físicas. Mas este é o horizonte da Natureza. O instinto de odiar não é um pecado, segui-lo é o que constitui pecado; o câncer não é um pecado, mas a rebelião de um doente sim seria. Do ponto de vista de Deus, o

pecado é nosso consentimento a qualquer má solicitação, venha do nosso eu ou do não-eu. Ele nasce de nosso centro mais íntimo, de nosso livre arbítrio.

Os romancistas de hoje escutam os médicos e os psicólogos. Segundo estes sábios, toda infração à moral provém de uma só causa: um desequilíbrio fisiológico. Isto não é exato. Temos um ser humano cuja rota espiritual deve encontrar-se com o domínio da morte. O porquê deste encontro, não buscaremos saber, pois estamos convencidos da justiça do Pai e de sua bondade, nos basta saber que cada um deve sofrer, antes de entrar no Céu, as provas de todas as tentações. Se este ser humano, destinado a encontrar a morte, não leva em si a possibilidade de se converter em um assassino, a prova não vai lhe capturar, será inoperante. Este encontro se produzirá, o sentimento da justiça imanente nos indica, se existe nele uma tara moral, uma tara psíquica ou uma tara fisiológica, pelas quais o demônio da morte poderá agarrar-se à ele. O desequilíbrio mórbido do criminoso ou do viciado é um efeito, não uma causa. Não precisa mais do que estudar os autênticos retratos dos santos, ali normalmente se encontram os estigmas, onde nossos médicos legalistas enxergam a diminuição da responsabilidade de seus clientes; mas o criminoso se deixou vencer pelo seu instinto, enquanto que o santo triunfou, transformando um vício nativo em virtude.

Assim, como pensava o Fariseu, os seres comuns se deixam manchar efetivamente pelo exterior impuro, porque não lutam contra a atração interior que esta impureza exterior provoca. Mas, os seres extraordinários, os profetas, não estão manchados, pelo contrário, eles purificam, porque se tornaram sem pecado. Tornaram-se mestres de todos os seus organismo físicos, psíquicos e mentais. Os homens comuns se alimentam de pão, de carne, de ervas ou de sensações, sentimentos, ideias; tudo isso é externo. Os outros só se alimentam do interno, das únicas essências realmente internas: as do Espírito puro. O servidor perfeito do Pai pode, inclusive antes de ter recebido sua liberdade completa, ser nutrido em seu corpo físico pelo Espírito, como o é em seus órgãos invisíveis. A vida mística, com efeito, não se limita a nossas regiões superiores, tende a nos invadir por inteiro e o Céu não está somente mais além, está aqui mesmo, deste lado. A vontade de Deus deve cumprir-se sobre todas as terras, até naquela com a que foi feito nosso corpo; o reino de Deus deve estabelecer-se sobre os planetas, sobre os estados sociais, sobre nossas pessoas carnis.

Permita-me insistir na origem do pecado. Nosso ser não contém tudo. Não percebemos, não concebemos mais que as coisas que possuímos a contrapartida em nós mesmos. A criança em cujo cérebro o número de células onde se localizam as ideias matemáticas seja reduzido, não compreenderá nada de álgebra. O mesmo fato deixa um expectador muito tranquilo e a outro cheio de furor; este último leva em seu espírito o germe da cólera e o outro o tem adormecido. O mesmo ocorre para todos os estados da alma, os desejos, as ciências, as artes. O que constitui a bondade ou a maldade de um fato é o meu consentimento à solicitação que vem do exterior, ou provocada em mim por uma circunstância qualquer. Frequentar a um santo, não me faz um santo; isto me dispõe a escolher a santidade se o germen já se encontra elevado em mim. Para me tornar santo devo consentir, devo querer. Visitar um criminoso não me torna um criminoso; isto me inclina ao mal, mas para me tornar criminoso, é necessário que consentir que queira ou como frequentemente ocorre, por desgraça, basta me deixar levar, pois os germens malvados estão mais desenvolvidos em mim que os bons.

A cortesã não tinha como manchar o Mestre; O Mestre não podia fazer brotar a emoção do arrependimento.

Qual ensinamento desta acolhida? Examinemos as circunstâncias. O Cristo nos dá inúmeros exemplos em duas categorias; na primeira, tudo o que nos propõe reproduzir, segundo nossas forças e sob a condição de uma total sinceridade; na segunda, tudo o que unicamente Ele tem o poder e o direito de executar e que nós só podemos fazer quando tenhamos recebido o batismo do Espírito.

Mas, inclusive para atos da primeira categoria é preciso tomar certas precauções, por causa de nossa

fraqueza e pela facilidade com que nos enganamos. Assim, alguns homens de boa vontade querem imitar a Jesus e imprudentemente frequentam os baixos fundos do inferno social com o propósito de fazer brilhar uma esperança nos olhos apagados dos desesperados ou de reavivar a noção moral na consciência entumecida dos criminosos mais perversos. Certamente, o impulso destes homens é digno de elogio, mas quando fracassam nestas generosas tentativas, seja por subestimar suas próprias forças, seja porque acreditam fazer um gesto fraternal, na realidade obedecem a uma cobiça obscura da qual não souberam se desprender no fundo de si mesmos. Tanto em um caso como no outro, todos se enganam a respeito de si mesmos e a respeito dos miseráveis que querem ajudar, pois não se salva ninguém à força. O Destino não tem piedade com nossos erros, só o Céu concede Sua indulgência.

Ao filantropo de zelo imprudente que se deixa arrastar pelos meios corrompidos que quer curar, a rigorosa lei da causalidade lhe obriga a carregar mais tarde com as consequências pessoais de seu fracasso; ademais, devido a sua debilidade, fica responsável por quedas mais profundas dos desgraçados que só tirara do rio para deixa-los cair novamente.

Mas não nos deixemos levar pelo excesso de prudência. Se o discípulo avançado, o “soldado de Cristo”, deve correr ao encontro das lutas e riscos espirituais, todo cristão tem o dever de não se separar de nenhum dos marginalizados da sociedade que encontre em seu caminho. Se o bom burguês se separa do vagabundo faz mal e atrai sobre si o destino deste homem e, quem sabe, os mesmos vícios que levaram a este irmão ao estado de mendigo. Outros exemplos se apresentam naturalmente ao espírito, inútil enuncia-los não é?

O “soldado de Cristo” é um velho cristão sob a armadura mística; já trabalha, tem experiência e Jesus, tomando-o a Seu serviço, lhe dá armas. A batalha é sua tarefa, deve mostrar coragem e, para ele, a imprudência não existe. Um homem assim irá ao encontro das complicações; buscará por todas as partes os desesperados, renegados, viciados, ignorantes, rebeldes, inertes, para tirá-los de seus pântanos e, se falham nas tentativas temerárias pra onde arrasta seu zelo, os anjos o socorrem e Jesus voltará sobre a terra antes de deixar que ele se perca.

Não nos surpreendamos com a liberdade que o Céu nos fornece para o cumprimento de nossos serviços; Ele quer nossos serviços somente se Lhe oferecemos por um gesto livre. Sem dúvida há um mínimo que não é preciso fornecer sob pena de recuar no caminho místico; este seria, para o caso que nos ocupa agora, nunca recusar estender a mão aos rejeitados da sociedade quando nos solicitem. Com relação ao máximo, é sem medida, porque o amor fraterno e verdadeiro encontra sempre algo para dar, inclusive quando se acreditava que já se tinha oferecido tudo. Mas o Céu nos deixa ser os mestres de nossas devoções, o Cristo não considera a Seus servidores como assalariados, Ele os eleva à dignidade de amigos, porque ama seus serviços se são realizados livremente, ou seja, por amor. Também, este favor sem preço que ele nos faz, de nos admitirmos nesta incrível paridade de nos tornarmos Seus Amigos, nos obriga infinitamente. Se vocês veem em Cristo o Mestre, se O sentem indulgente e bom, sirvam-no como servos. Mas, se vocês veem em Cristo o nosso Deus, vosso Amigo pessoal e particular, não será preciso para responder a esta incompreensível intimidade de Sua imensa glória, um oferecimento íntegro cada vez mais amplo e profundo, uma série crescente de sacrifícios que jamais saciaram vosso amor, que jamais acalmaram os desejos sem repouso de vossa caridade?

Nosso dever místico é tender ao máximo. “Ao impossível ninguém está obrigado”, diz o senso comum. Se formos verdadeiramente os servidores que Jesus chama de Seus Amigos, é ao impossível que estamos obrigados. É a isso a que devemos tender e viveremos melhor esta vida paradoxal na medida em que chegemos a ser cada vez mais intimamente humildes e sejamos capazes cada vez mais de esquecer de nós mesmos.

O AMOR DIVINO

Tentemos, agora que podemos nos disciplinar um pouco, amar o Mestre: por uma parte, é preciso agarrar a besta bem forte; por outra parte, é preciso deixar que o anjo estenda suas asas. O amor que a criatura pode sentir por seu Criador difere radicalmente de todos os demais amores. As paixões dos homens e mulheres, por mais pura que um idealista possa imaginar, se misturam sempre, em seu nascimento, bem como no curso de sua plenitude, de alguns vapores da carne, de algumas harmonias das vibrações magnéticas, que pertencem ao terrestre. Se Beatrix ou Vitória Colonna tivessem sido heroínas, duvido que Dante ou Michelangelo pudessem se entender com elas, inclusive segundo os modos imateriais da Arte e da Espiritualidade.

O amor ao próximo, se não for vitalizado pelo amor de Deus, logo se torna filantropia, esta industrialização da caridade. Enquanto a amizade, o jeito que todo mundo fala dela me inclina a dizer que ninguém a conhece. Platão, tão elevado, me parece metafísico demais; Cícero, razoável demais; Montaigne, individualista demais. A amizade de dois não pode ser mais que uma correção enobrecedora do individualismo. Quando este belo sentimento une a mais de duas pessoas, entra na ordem cristã, porque a colaboração de Deus se torna necessária para que nossos egoísmos invencíveis não a matem.

Resumindo, não podemos engendrar nada no ideal se não chamamos à Deus em ajuda de nossas exaltações. Como amar a Deus e quando O amamos?

Um estado de plenitude interior e de alegria, de fácil oração e otimismo indica, sem dúvida, um amor pelo Mestre; mas, frequentemente, trata-se de um amor superficial ou externo, que nasce de conjecturas afortunadas em nossos corpos invisíveis e que os primeiros sopros da adversidade podem apagar.

Quando as obras caritativas, os trabalhos ascéticos e a oração perdem seus atrativos, mas há um esforço em praticá-los, apesar de tudo, ainda que se sinta aversão, ainda que se esteja certo de sua inutilidade, este é um amor de Deus mais sólido e até mais profundo. Os anticlericais acreditam que as orações longas, noturnas e diurnas, das ordens contemplativas tenham por efeito ascender nas almas dos monges e monjas os fogos da imaginação; vemos por isso que nunca experimentaram tal estado. Pelo contrário, longas salmodias, breviários e rosários fazem cair, pouco a pouco os vagos ardores do novício, despejando-o de seus piedosos preconceitos, fazendo-o enxergar o problema místico em sua simplicidade, em sua tremenda nudez, dissipando seu devoto romantismo, deixando-lhe o dia livre para a razão fria e o sentido crítico, indispensável para a vida interior e levando a final à morada do amor divino das regiões externas de sua pessoa até os centros mais internos.

O verdadeiro amor de Deus é engendrado pelo amor ao próximo. Há vários tipos de compaixão; a mais comum é uma simples sensibilidade física, que se deve transformar em uma simpatia mais íntima, mais profunda, mais serena.

É necessário chegar ao ponto de não ver mais as faltas nem os defeitos daqueles que ajudamos, ainda que sem se deixar enganar. Não se deve condenar os miseráveis, mas ver neles os membros de Cristo, socorrendo suas pessoas e seus destinos terrestres. Se for possível alcançar esta visão central, nossa caridade não dará para trás, nem provocará fadigas e contrariedades; atuemos, logicamente, com nossa fé, que sabe quanta Luz se oculta em toda treva, quanta Beleza em toda feiura, quanta Verdade no erro, quanto Poder na fraqueza. Amando a nosso próximo, amaremos a Deus e este amor divino reforçará ainda mais nosso amor humano e se purificará.

Maria Madalena adorando publicamente o Mestre reconheceu estas coisas ainda não reveladas; seu coração magnífico abraçou o próprio mistério das relações de Deus com Sua criatura, e é por isso

que seu amor foi o germe dos futuros êxtases de todos os contemplativos que, até agora, se uniram ao Senhor, cada um segundo sua força. As coisas mais amplas começam sempre com um pequeníssimo incidente.

A FÉ QUE SALVA

Caso uma criatura pudesse receber a plenitude de uma palavra de Jesus, seria transportada ao Céu no mesmo instante, disfrutando daqui da terra da paz perfeita, a fé total e a Salvação definitiva. Mas, ninguém pode ouvir mais do que alguns ecos do Verbo. Por causa de nossas incapacidades, Jesus pode nos oferecer e nós podemos colher somente uma paz intermitente e uma esperança de salvação, ainda que incerta, porque nossa fé é fraca, parcial e descontínua.

Jesus prega o amor ao próximo e o amor a Deus. Estes dois amores inseparáveis bastam para realizar todos os projetos da Providência, preenchem todos os desejos e necessidades das criaturas, levando-as todas juntas a seu supremo cumprimento. Nosso bom Pai ordena assim a marcha do universo, porque somos menos incapazes de amar do que de crer. As máximas de Jesus ressaltam a fé, mas só lhe nomeia em alguns casos relacionados à salvação: doenças, acidente, cegueira espiritual. Além do mais, para amar a Deus, primeiro é necessário acreditar Nele para fortalecer e definir esta crença à princípio nebulosa, é necessário submeter nosso *eu* a servir-Lhe por amor, mediante atos concretos, cada dia mais do que a véspera, cada hora mais que a precedente. Na ordem religiosa, fé e caridade não se separam nunca, porque ambas são o rosto duplo do Amor: amor a Deus, amor ao próximo: A doutrina do catecismo acrescenta aqui a esperança; me atrevo a acreditar que o verdadeiro discípulo, o soldado de Cristo, não tenha necessidade de esperar.

Esperar o que? Sua própria salvação? Não é certo que o Pai poderia preencher suas mais audazes aspirações instantaneamente? A salvação dos outros? Não está assegurada pela sua fé? Poderia ser privado da doçura das visões, do esplendor, dos êxtases, do bem estar simples da oração comum, daquela inteligência que consola pelas certezas de uma doutrina, poderia ser aprisionado na mais opaca das noites, que sua fé lhe afirmará a companhia constante do Mestre. E isso basta.

Um sábio que tenha observado numerosos casos de um mesmo fenômeno adquire a certeza. Mas a fé é a certeza do que não se vê, do que não se compreende, do que a lógica demonstra impossível. Enquanto esta certeza não invadir amplo território em nós, não nos pode dar a força para conduzir-nos segundo o absurdo da Sabedoria anti-secular, e esta é só a sombra da verdadeira fé. Podemos dizer, literalmente, que ninguém na terra sabe o que seja a fé, posto que se alguém a possuir “do tamanho de um pequeno grão de mostarda” se faria obedecer por toda a Natureza física.

No princípio da escola da fé – estamos todos no princípio – as ilusões nos enganam frequentemente. Os impulsos do coração, por mais sinceros e inflamados que sejam, não incendeiam com facilidade toda a nossa pessoa. É necessário tempo, muito tempo, para que este fogo abra-se todo o árido e podre que existe em nós. Vários romancistas e dramaturgos contemporâneos são célebres por terem descoberto que existe em nós não somente duas tendências contrárias, senão um grande número de personalidades incoerentes, cujas complexas discórdias explicam as raridades de nossa conduta, qualquer que seja a educação que tenhamos recebido, quando estamos presos em uma crise passional. Esta descoberta não é nova, os antigos psicólogos, hoje desprezados, já descreveram estas efervescências. Eis aqui um novo convertido, transfigurado pelas certezas em fim recebidas e que, do mais profundo de seu jovem entusiasmo, se entrega a Deus. Este cristão, todavia ignorante da complexidade da empresa, se imagina de boa fé que se entrega definitivamente e integralmente e que, desde então, por meio de uma vigilância atenta, marcha com tudo, a uma velocidade uniforme. Infelizmente, não! Sua pessoa é um campo de batalha onde não lutam dois adversários, senão milhares deles. Dizer que há em nós carne e espírito é simples demais; cada célula do corpo possui uma vontade própria, cada osso, cada fio de cabelo, cada músculo, cada nervo, cada grupo

fisiológico tem a sua vontade; cada sentido, cada sentimento, cada faculdade mental, cada potência intelectual especial em cada ramo da atividade especulativa ou prática, tem a sua vontade; ademais, o enorme inconsciente, cuja consciência psicológica só representa um mínimo setor, possui sua vontade geral e suas inúmeras vontades particulares que regem os órgãos imateriais, as funções secretas, os poderes desconhecidos cujo conjunto constitui o homem invisível. A consciência citada antes, só registra uma mínima fração destas múltiplas vontades, às quais pode ser sensível o sistema nervoso imperfeito.

O convertido está em relação com Deus em apenas alguns pontos de seu ser, mas isso bastará para assegurar mais tarde a grande obra mística. No entanto, faltam os outros milhões de pontos que, no momento, não sentem Deus. Alguns pontos não podem senti-Lo mais, outros ainda O sentem. Trata-se de educar estes e reeducar aqueles. Para isto servem as regras morais, as disciplinas ascéticas, os métodos de exames, de meditação e de oração. Compreendam o quão indispensável é para o discípulo conduzir seus impulsos piedosos para a ação, governa-los segundo o ideal, chegar a ser mestre de si mesmo, de seu corpo e de seus sentidos, de seu intelecto e, antes de tudo, mestre de suas paixões.

A maioria dos cristãos possui uma fé sentimental que lhes basta para se conduzirem, por intervalos, segundo o Céu; certo número deles, cuja inteligência é mais exigente, utiliza esta disposição de sua alma para reforçar sua convicção nos sólidos raciocínios da teologia; mas aqueles que sem descanso inclinam seus instintos, seus gostos, palavras, opiniões e atos à regra inflexível da fé plena que Cristo nos propõe, são raríssimos. Seria preciso que, vigiando com atenção sempre alerta todos seus movimentos internos e todos os aportes exteriores, o discípulo os confrontassem com o ideal da fé e que os adequassem a força, para as coisas menores e para as mais importantes. Uma disciplina tão contínua e tão implacável é impossível de realizar; primeiro porque a maestria perfeita de si mesmo que exigiria é justamente o problema a resolver; o cultivo da vontade pede seu tempo; ademais, para discernir o que, nos movimentos que nos impulsionam, nos dirige à fé ou nos afasta dela, seria preciso possuir o Conhecimento vivo, que é justamente um dos resultados da fé.

Tomemos um exemplo.

Estou caminhando na calçada. De repente sou tomado pelo pensamento de passar à outra calçada. Mas se não sou capaz de discernir o movimento secreto, como saberei que ficando onde estou ou atravessando, farei ou não farei um ato de fé?

Somos seres complexos. Só em geometria a linha reta é sempre o caminho mais curto de um ponto a outro; no mundo moral, na vida, o caminho mais curto é quase sempre bastante sinuoso. Também o Pai, que deseja nos fazer aptos a receber a fé completa algum dia, nos recomenda a caridade agora.

As sombras do Amor eterno saturam este universo perecível muito mais do que fazem as sombras da Fé. Retomemos nosso exemplo supondo que o discípulo se move não em direção a fé, senão em direção à caridade. As causas possíveis de seu desejo de mudar de caminho se reduzem então a dois: evitar um incômodo ou buscar um prazer; causar um incômodo a outro ou ajuda-lo. E se decidirá pelo itinerário que lhe será menos agradável ou pelo que lhe dará oportunidade de socorrer a seu próximo. A regra da caridade é muito mais clara para nós, tal como somos atualmente.

A consciência psicológica e a consciência moral funcionam como dois polos do *eu*. O *eu* do egoísmo e individualismo ou ego, como queiram chamar, é totalmente nós mesmos, o princípio de todos os obstáculos em nosso caminho espiritual. É oposto à caridade, como a dúvida é oposta à fé, como o desânimo se opõe à esperança. Mas a dúvida é exterior ao egoísmo, é um temor do *eu* ou uma vaidade do intelecto; persegui-la e vence-la exige uma experiência mais completa, enquanto que qualquer um distingue uma tendência egoísta de uma tendência altruísta. Para lutar contra o

ego, basta dizer-lhe: NÃO. Para acabar com a dúvida, se bem pensada, a reforçamos, pois simplesmente negá-la pode tornar as vontades mais fortes.

Nesta dissociação da misteriosa unidade divina que, para melhor compreendê-la, nos indicam o dogma da Trindade, a Fé pertence ao Pai, a Paz ao Filho e a Salvação ao Espírito Santo. A prática da caridade espiritualiza o *EU*, tornando-o capaz de ver o Não-Revelado quando este se apresenta diante de si, sob uma das formas do Verbo e, com a Luz do consolador, recebe a pacificação. Todo mundo vive por uma fé. Alguns acreditam no comércio, outros na arte, amizade ou teoria. Até o céptico crê em seu asceticismo. No entanto, todas estas crenças, desde as mais comuns até as menos frequentes, desde as mais materiais até as mais impessoais, tem seu limite algum dia. E esse dia, que os que já passaram por isso qualificam como uma morte, na realidade é a aurora feliz de uma libertação e de um renascimento. Os humanos são ingratos, quando a fé que durante muitos dias lhe deu forças para viver se desmorona, eles a insultam e amaldiçoam. Deveriam bendizê-la. Rechaçar o Imutável não equivale a se condenar? Amar os fantasmas não equivale a negar o Vivente?

Sem dúvida, a grande confiança que sustenta o artista no curso de suas dolorosas ascensões, que comunica ao pensador a paciência serena de sua atitude desinteressada, decepciona muito menos que os ínfimos triunfos da fortuna ou da celebridade. Os tipos puros de poeta, pintor, sábio, filósofo nos levam ao respeito, mas qual deles se não for cristão, poderá atestar em seu último dia, que morre certo de ter compreendido seu ideal? Certamente, esta vontade que nenhum fracasso vence é uma das nobrezas mais elevadas do homem, mas lhe proporciona uma felicidade tão sóbria, tão seca, às vezes tão áspera que é preciso algumas pedras para satisfazê-la. No entanto, se nosso ideal é Deus, a alegria que Sua cercania nos proporciona é viva, harmoniosa, rica, humana, acessível a todos e nos torna capazes de fraternizar com todas as formas da vida.

Sem a fé mística o mais formidável realizador não reúne mais do que nuvens, o artista mais sublime não chega mais do que a ser uma sombra da Beleza eterna, o pensador mais profundo só concebe um reflexo da Verdade Suprema. Com ela os mais humildes trabalhos, as tarefas mais grosseiras se transfiguram e seus frutos amadurecem ao sol do Espírito puro.

Antes de se tornarem convicções os diversos tipos de fé dos homens se elevam como vocações. Cada um de nós, desde antes do nascimento, é chamado ao mesmo tempo pelos deuses e por Deus. Mas escutamos melhor as vozes dos deuses porque estes habitam as envolturas do mundo e nosso coração também habita uma destas envolturas, enquanto que o Verbo se mantém no Centro do mundo, fora de nós, e no Centro de nosso ser, dentro de nós, por isso O escutamos mal.

Quando o artista ouve o chamado de Deus, só se fará sensível à chamada do Belo. Não perderam a importância suas angústias? Não encontrará uma ajuda sem media nos enriquecimentos que os Anjos aportariam a sua sensibilidade pouco completa, a seu pensamento unilateral, a sua técnica ligada ao seu temperamento? Se o inventor, o filósofo, o sábio escutarem o chamado de Deus e retornarem às suas buscas e meditações, sem descanso no eixo da Eternidade, por uma vida conforme a ordem do Céu, não perceberam possibilidades até então não concebidas, ideias novas para seus espíritos, experiências decisivas e cruciais? Certamente, pois qualquer um que trabalhe para Jesus terá êxito por Ele.

A salvação não é somente para mais tarde e para além dos mundos, pois Deus não está somente acima e abaixo: Desde Jesus Cristo, Deus está aqui e agora. Há uma presença divina para as criaturas que terminaram seus imensos trabalhos cósmicos; há também uma presença divina para as criaturas que trabalham. Nos campos, nas oficinas, há uma presença divina; há uma para o camponês e para o obreiro, para o pai, para a mãe e o filho; para o matemático, para o químico e o astrônomo, para o industrial, o negociante e o administrador; há uma para o príncipe e para o cidadão, para o monge, para o soldado, para o marinheiro. Cada homem sobre esta terra e sobre as outras terras cujas centelhas povoam as noites; cada homem e cada mulher nascem capazes de

perceber esta presença, de compreender, amar e imitar uma das formas do Verbo eterno, um dos rostos de nosso Jesus Cristo.

Mas nenhum destes seres perceberá o Rosto augusto se não escutar o chamado, se não se esforçar na direção da fé, pois a fé vem através do entendimento. Aquele que escuta doando-se por inteiro, o que se esforça por escutar. Desta tirania, a história só nos mostra alguns dos gênios que iluminaram suas avenidas e que tiveram a força de exercê-la totalmente. Alguns, pois até mesmo os de caráter ilustre podem se revelar como falsos, mostrando as manchas destas magníficas chamas, não quero desviar vossa admiração. É preciso amar todos estes homens e tomar de cada um a lição que sejamos capazes de receber.

Tanto São Paulo como Da Vinci, Santo Agostinho como Goethe, Homero como Rabelais, Montaigne como Corneille, Shakespeare como Michelangelo, Loyola como Baudelaire, São Vicente de Paulo como Napoleão, São Tomé como São Francisco, todos podem ser considerados como tochas no caminho do Ideal Supremo, modelo total, fonte e fim dos ideais particulares: no caminho de Jesus Cristo.

Acima de tudo é preciso querer atuar melhor que estes gigantes. Isto não é um paradoxo. Por mais débil que sejamos se pode, aos olhos do Pai, tornar-se maior que o maior dos homens, se cada um aproveitar melhor as possibilidades recebidas de Suas mãos. Esta é a obra da fé.

Continuamos tomando as palavras de Jesus em seu sentido total e também em seu sentido mais pessoal, aplicando-as ao passado, ao futuro e, sobretudo ao momento presente. Todo ato, todo estado da alma vivido de acordo com a verdadeira fé traz a Paz de Cristo e Sua salvação a parte de nós mesmos que atua segundo Sua palavra. A fé que Ele nos propõe compreende todas as demais fés naturais ou humanas, ou melhor, estas não são mais do que sombras da verdadeira fé. A multidão vive nesta sombra. Nós também, sem dúvida, mas temos o poder de viver no seio destes fantasmas com uma luz secreta, na paz e segundo o Amor. Virá o dia em que a Realidade invadirá tudo como um imenso cataclismo que será a salvação do mundo e das criaturas.

A FUNÇÃO DA FÉ

Com as palavras *Pistis* ou *Fides* a antiguidade clássica designava a crença. Muitas passagens do Novo Testamento onde figuram estas condições significam tanto a adesão intelectual como a adesão sentimental ao conceito crístico. O uso secular da cristandade tem enriquecido o sentido destes belos vocábulos.

Para o católico a fé é um consentimento intelectual ordenado pela vontade (São Tomé). Para o protestante a fé é um fato moral, certo estado da alma precedido do consentimento e seguido da obediência (Hastings). O ato de fé católica: confio na ciência e na veracidade de Deus e admito Sua palavra. Para que haja fé, o protestante quer que como continuação desta crença nasça em mim um sentimento de abandono a Deus, da certeza de Seu apoio, de humildade, de confiança em Sua misericórdia.

Católico e protestantes estão de acordo quanto a necessidade da confiança em Deus e nos méritos de Jesus Cristo para obter o perdão e na impossibilidade de reparar o mal que se há cometido, sem este perdão. Mas o protestantes acreditam também que o perdão e a salvação são certos e seguros uma vez que houver esta fé-confiança. Pensam que, sem ela, ninguém pode ser salvo. O Concílio de Trento não admite nenhuma destas duas proposições. O apóstolo dos Gentes da uma definição de fé (Hebreus 11,1) da qual ha várias traduções. Parece-me instrutivo reproduzi-las aqui:

Três traduções católicas:

“A fé é a substância (ou realidade, ou uma firme espera, segundo outros eclesiásticos) das coisas que se esperam, uma convicção (ou uma demonstração) das que não se vêem” (A. Crampon).

“Est autem fides sperandum substantia rerum, argumentum non apparentium” (Vulgata)

“A fé é o sustento das coisas que esperamos, a evidência daquelas que não vemos” (P. Amelote)

Várias traduções protestantes:

“A fé é confiança segura no que se espera e o não duvidar do que não se vê” (Lutero)

“A fé é um pilar das coisas que se esperam e uma certificação das coisas que não vemos” (Bíblia de Gabriel Brun, 1586)

“A fé é um seguro certo das coisas que se esperam e uma certificação das coisas que não vemos” (Ménegoz)

“A fé é uma viva representação das coisas que se esperam, uma demonstração daquelas que não se veem” (Osterwald)

“A fé é uma segurança firme das coisas que se esperam, uma demonstração daquelas que não vemos” (Versão sinodal)

“A fé é uma firme espera das coisas que esperamos, uma demonstração das que não vemos” (Segond)

“A fé é uma firme persuasão nas coisas que se esperam, uma demonstração das que não vemos” (Oltramare)

“A fé é uma convicção relativa ao que se espera, uma certeza com relação aos fatos que não vemos” (Reuss)

“A fé é a firme convicção nas coisas que esperamos, a certeza absoluta nos fatos que não vemos” (Stapfer)

Para compreender bem o pensamento de São Paulo é preciso que se junte a fé, para que se viva a caridade das obras (Gálatas 5,6; I Cor 13,13). Se não vamos ao mesmo tempo às palavras de Cristo que fazem a salvação depender da fé (João 3,16), da obediência à lei de Deus (Mateus 19,16), do socorro da graça (João 6,44; 15,5), da penitência (Mat. 4,17; Marcos 1,15), do batismo (João 3,5; Marcos 16,16), da perseverança (Mateus 10,22), concluiremos logicamente que a salvação exige os recursos combinados da misericórdia divina, de nossas potências intuitivas, de nossas faculdades intelectuais, de nossa força sentimental e de nossa energia, ou seja: Deus e o homem, íntegros.

Consultemos os comentaristas de Cristo, os teólogos.

São Basílio (Homelia de Fide) define a fé como uma disposição pela qual acreditamos nas verdades reveladas de Deus. São João Crisóstomo enuncia: “A fé consiste em crer naquilo que não vemos e em confiar na autoridade de quem nos fez a promessa” (In Genesim, cap. 6, homília 36). A mesma concepção de uma fé dogmática domina o símbolo anunciado por São Atanásio, composto na Galia ou na Espanha no século IV ou V, e a doutrina de São Agostinho (de utilitate credendi; de fide rerum quae non videntur; de videndo Deo) e de seu discípulo São Fulgêncio (de fide ad Petrum).

São Tomé (Somme, 2ª parte, cuestión I a XVI) considera a fé desta forma:

“Seu objetivo formal ou motivo de credibilidade é a verdade primeira, ou seja, Deus; seu objeto material, o que creem os fiéis. As verdades que trata a fé têm sido divididas em vários artigos e dispostas em um Símbolo. Crer é dar uma firme adesão à palavra reveladora. O ato de fé é meritório. O hábito da fé, por relação com a mesma fé está definido na Epístola aos Hebreus (11,1): “A substância das coisas que se esperam, a demonstração (ou a convicção) daquelas que não se veem”; é a primeira das virtudes, tem o intelecto por sujeito e é a mais certa das virtudes intelectuais. O hábito da fé esteve com os anjos antes de sua glorificação, está com os demônios que são obrigados a crer na palavra revelada e transmitida pela Igreja, mas não está nos homens mais do

que com a condição de que admitam todos os artigos do Símbolo. Uma ajuda de essência sobrenatural nos é oferecida para permitirmos abraçar a verdade divina. É a graça. A fé tem como efeito produzir em nós o temor de estar separados de Deus. Os dons correspondentes a fé são: o dom do intelecto e o dom da ciência, o qual, mais especulativo do que prático, ajuda a discernir o que devemos e o que não devemos acreditar. Os vícios opostos à fé são: a infidelidade, a blasfêmia, a ignorância e defeitos na inteligência. A antiga lei não continha nenhum preceito que observava a fé: foi preciso estabelecer na nova.

Desta forma, a fé no sentido católico não é um ato puramente intelectual, senão um ato onde a vontade influi sobre a inteligência; o ato pelo qual acreditamos em um dogma pressupõe um movimento da alma para Deus e pode ter um valor moral e religioso e uma virtude salvadora inicial. É por isso que São Tomé disse: “A primeira união da alma com Deus se faz pela fé” e “o primeiro princípio da purificação do coração é a fé, que limpa a impureza do erro; se em ato contínuo a fé for aperfeiçoada pela caridade, produzirá a purificação perfeita”. A fé-crença, ainda que inferior à caridade, por exemplo, tem um direito de prioridade; na ordem do desenvolvimento psicológico, se vai do imperfeito ao perfeito; a fé-crença é a porta que nos introduz no cristianismo; fundamenta e sustenta os demais atos virtuosos. A fé começa a justificação e termina com a esperança e a caridade.

O Concílio de Trento definiu: “Fé é acreditar que uma coisa é verdade”. “A fé, se não vai unida à esperança e à caridade, nunca nos unirá perfeitamente a Cristo e nunca nos tornará membro vivo de seu corpo” (c. 8, n. 800). No entanto, “é uma verdadeira fé, ainda que não seja uma fé viva e quem tem fé sem caridade é cristão” (can. 28, n8-38). “A fé é o começo da salvação do homem” (c. 8, n 801) e “anátema a quem pretenda que o ímpio é justificado só pela fé, entendendo que nada mais é requerido, sem cooperar para obter a graça da justificação” (can. 9, n 819).

O Concílio do Vaticano definiu: “Por fé, que é o começo da salvação do homem, a Igreja Católica entende uma virtude sobrenatural pela qual cremos que o conteúdo da revelação divina é verdade” (sess.3, canon 3). E ainda: “A fé é uma virtude sobrenatural pela qual, prevenidos e ajudados pela graça de Deus, temos por verdadeiro o que foi revelado” (Concilio Vaticano: Const. Dei Filius, cap.3).

Em resumo, a Escritura e os órgãos da tradição supõem ou ensinam que a fé é uma adesão do espírito aos dogmas revelados.

Vejamos o que disse a Reforma.

Calvino guarda o conceito de uma fé intelectual, mas, em certas passagens (Institución Cristiana, 1,4, cap. 1), introduz um elemento místico: “Obtemos a salvação...conquanto que conheçamos à Deus, nosso Pai benevolente, pela reconciliação que foi feita em Cristo e porque recebemos a Cristo como nos é dado em justiça, santificação e vida”. Entre a tendência intelectualista e a tendência mística oscilará a teologia protestante nos séculos XVII e XVIII. No começo do século XIX os teólogos ingleses acordaram a preeminência do pensamento sobre o sentir, levando o movimento à ortodoxia. Schleiermacher (+1834) ensina que a religião consiste essencialmente na vida do coração ou no sentimento. Samuel Vincent, pastor de Nîmes, declara: “Os dons da fé são simples e não discursivos; nunca provem do jogo de nossas faculdades intelectuais” (Del protestantismo em Francia, 1829, p. 335). Para ele, o cristianismo é muito menos uma doutrina que uma vivência e separa o Evangelho dos símbolos escolásticos.

Luego Alexander Vinet (+1847) afirma que a fé é “propriamente uma visão interior das verdades da salvação, uma comunhão do coração com a verdade, uma vivência mais que uma opinião” (Estudio sobre Blas Pascal, p. 199). Igualmente, para Schérer e para Coloni, a fé é um ato moral que consiste na união com Jesus Cristo (Schérer: Revista teológica, 1850, t.I,p.65 e ss.; 1851, t.III,p.98 e ss.;

Coloni: 1851, t. III, p 1 e ss). Para Auguste Bouvier, a fé é “o dom do pensamento e do coração ao Deus do Evangelho e a união da alma com Jesus Cristo”, e a teologia é “a maneira de traduzir este sentimento engendrado pelo Evangelho em ideias, em concepções sistemáticas” (J. E. Roberty: Auguste Bouvier, teólogo protestante, Paris, Alcan, p. 89).

É assim como o protestantismo liberal tem distinguido a fé das crenças. Eugéne Ménégoz (Publicaciones diversas sobre el fideísmo y su aplicación a la enseñanza Cristiana tradicional, 3 vol. París, Fischbacher 1909; Reflexiones sobre el Evangelio de la salvación, idem 1879) admite inclusive a salvação de um homem que negara a existência de Cristo, sempre que “seu coração fosse ardente o bastante para entregar-se eternamente à Deus”. (t.1,p 274). Mas reconhece que a fé contém um elemento intelectual: a crença, que joga um papel de elemento ativo na formação da fé mística. Em todo caso, o homem é salvo pela fé, pelo arrependimento e o dom do coração a Deus, quaisquer que sejam suas crenças, erros ou heresias; o crente é salvo unicamente pela fé, pela consagração da alma a Deus, independentemente de suas teorias ou opiniões.

Neste sistema, a fé cristã não difere substancialmente do maometano ou do budista; diante às especulações do pensamento, ambos se sentem elevados acima do mundo sensível e se unem a Deus com um verdadeiro abraço. Aqui, a fé é o dom do coração, a comunhão com Deus; a crença, o dogma, só é o envoltório; a fé é imutável, o dogma diverso. As doutrinas escritas são consideradas uma expressão momentânea de uma experiência; todas elas se declaram espiritualmente de acordo com os escritores sagrados, ainda que estejam expressas de outra maneira ou negadas.

Auguste Sabatier, fundador do “Simbolismo”, se situa no mesmo ponto de vista que o criador do “Fideísmo”. A fé é o sentimento religioso e, como tende a se expressar em fórmulas, busca a ajuda do antropomorfismo ou dos símbolos, sem imprimir-lhes nenhum caráter fixo. Existe na fé um elemento permanente e um elemento transitório. O fideísmo se une ao elemento permanente, o simbolismo insiste no elemento transitorio (Ver Boceto de una filosofía de la religion según la psicología y la historia, París, Fischbacher, 1897; A doctrina de la expiación y su evolución histórica, idem 1903; Las religiones de autoridade y la religión del espíritu, idem 1905).

“Para ser religioso, não há necessidade de acreditar em Deus no sentido tradicional da palavra. Todo homem que se consagra interiormente e se entrega à sua lei, à lei ideal da humanidade faz um ato de fé religiosa, queira ou não, na medida exata da energia e da sinceridade desta consagração” (Religiones de autoridade, p. 493).

Desta forma, o fideísmo abriu o caminho ao agnosticismo religioso. Théodore Flournoy escreveu: “Fé e autossugestão são necessariamente sinônimos” (Observaciones de Psicología religiosa, em Archivos de Psicología, t. II, p. 133, Genève octubre 1903). Todos os objetos de crença são classificados em misterioso domínio do incognoscível e a razão deve abdicar de suas pretensões de compreendê-los.

Em resumo, a doutrina católica proclama que a fé é uma confirmação do espírito às verdades imutáveis reveladas; o espírito as abraça não porque as vê, mas porque Deus as ensina. A fé é essencialmente voluntária. Implica, certamente, um elemento intelectual, mas se este se torna individual e rejeita a tradição, introduz na fé a variedade de suas vicissitudes. Surge o antagonismo, onde o ato de fé se apresenta desprovido do caráter de obrigação. Um ato que resulta de um “elemento infinitamente variável”, como o chama Flournoy, é tão enganoso como verdadeiro; pois o que é atualmente verdadeiro se torna falso em um instante! Daí o racionalismo em matéria religiosa que aumenta hoje o número dos espiritualistas não católicos, incrédulos da divindade absoluta de Jesus Cristo. Daí o modernismo, que classifica a fé como um simples sentimento do coração, sem disciplina intelectual e, pronto, sem disciplina moral. Condenando o modernismo, a Santa Sé coloca a salvo a preciosa e insubstituível noção de Jesus Cristo, Filho único, Deus encarnado e ressuscitado.

*

Qual é a função da fé na tarefa de nossa salvação?

A controversa entre católicos e protestantes se demonstra entre estes dois textos:

- “O homem não está justificado pelas obras da lei, senão pela fé” (São Paulo: Gálatas 2,16).
- “O Homem está justificado por suas obras e não somente pela sua fé” (São Tiago 2,24)

No entanto, São Paulo também disse: “Ainda que tenhas fé para mover montanhas, se não tenho caridade, não sou nada” (Corintios 1: 13,3) e “Três coisas permanecerão: fé, esperança e caridade, mas a maior entre elas é a caridade” (Idem 13) e “Em Cristo Jesus não tem valor, nem circuncisão, nem não-circuncisão, senão a fé que atua com a caridade” (Gálatas 5,6). Em outra parte o mesmo apóstolo escreve “A fé é imputada em justiça” (Rom 4,5). A fé não tem por si mesma a totalidade das condições necessárias à salvação, mas Deus nos dá a Graça, por Cristo de tê-la como suficiente. Se creio que o Cristo é Deus e que Ele só pode me conduzir ao Reino de Deus, esta convicção, que minha vontade impõe à minha razão, serve como freio aos meus egoísmos, como excitante para minha preguiça, abrindo em mim as janelas aos raios da Graça e tornando possível a minha regeneração.

Segundo São Paulo, a inteligência do cristianismo diz: “Não compreendo, mas aceito”. O coração daquele que crê abraça a pessoa divina do Salvador e O ama; o corpo do crente se dobra às obras que lhe ordena a inteligência, levada além do espaço e do tempo, e o coração, levado ao amor perfeito.

As obras que São Paulo chama obras da Lei são as cumpridas por temor, por interesse; as obras de fé são aquelas cujo motivo é sobrenatural; nas obras de caridade, do amor, São Tiago e São Paulo estão perfeitamente de acordo. O primeiro não se esquece de registrar que a paciência, a faculdade de sofrer longo tempo e sem queixas, é a prova de fé, seu exame e sua demonstração, mas que a paciência deve ser acompanhada de obras perfeitas (1,3-4). Não deixa de reconhecer um elemento de crença intelectual na fé, mas quando a fé se reduz a este elemento, como ocorre com os demônios, é incompleta e estéril. Lendo as Epístolas, é preciso recordar que São Paulo se dirige aos Gentes, aos não crentes, que pensam em se salvar através das observações formais e lhes ensina a virtude da fé, a purificação, a espiritualização dos motivos. São Tiago se dirige aos judeus formalistas e ritualistas mostrando-lhes a necessidade de realizar seus preceitos inertes, de fazê-los reviver. Ambos querem fazer penetrar na alma de seus ouvintes a possibilidade, a certeza da salvação eterna. Mas o primeiro assegura esta salvação por um ato perfeito e total do homem interior, no que esta mesma perfeição leva em si a atividade das boas obras materiais; para ele, as obras perfeitas são o fruto normal e espontâneo desta união mística na fé e no amor. O segundo assegura esta mesma salvação para a perfeição das obras, o que implica a perfeição da fé. Aconselha atuar para Deus e a fé virá em continuação.

Não devemos esquecer que São Paulo era intelectual, filósofo, iniciado no esoterismo judaico. São Tiago, muito mais realista, preferia o ascetismo e o esforço prático. Ele se ocupa mais do homem. Paulo se ocupa primeiro de Deus. Em suma, é possível que o Pai não julgue capaz o convertido mais que de ver a Buda, Bab ou Mahoma ou a um Cristo apequenado pelas imaginações humanas. Mas se o Pai o julga capaz de entrever o verdadeiro Cristo, a iluminação que se produz poderia dar luz ao seu intelecto, sua vontade ou seu coração. O convertido compreenderá imediatamente a São Paulo, São Tiago ou ao Jesus mesmo. Não há desacordo possível nos textos sacros; só há incompreensões do leitor devido ou a sua falta de inteligência ou ao seu orgulho.

Quem poderia provar que os Apóstolos ignoravam a diferença entre os paraísos temporais e a felicidade eterna?

Entre tantos mistérios que Jesus lhes comunicou e que não chegaram até nós, não pedi para que compreendessem que a obra de salvação é uma empresa quase sempre secular? Consagrando-nos a Deus agora, aqui embaixo, poderemos realizar esta consagração em toda a extensão da personalidade, dos conceitos, sentimentos e atos? Admitindo o Purgatório, a insegurança sobre o modo da duração que rege este lugar, não situa a imaginação com relação aos sistemas de pluralidade de existências? O professo pode começar o trabalho de sua salvação com as obras, cuja irradiação lhe abrirá os compartimentos interiores à Luz um atrás de outro; pode começar pela construção de um sistema de pensamento, como por exemplo, o tomismo, depois do qual se verá logicamente inclinado ao amor de Deus e aos trabalhos caritativos; pode começar, enfim, por abraçar seu coração, que exaltará sua inteligência até o umbral do Não-Revelado e que infundirá a seu corpo a coragem para todas as fadigas, para o serviço ao próximo; não vemos que esta empresa da salvação, como todas as viagens, tem um começo, um meio e um fim? Um primeiro passo pode ser dado pela esperança, ou melhor, pelo desejo de esperança, pela necessidade da fé, pela piedade carnal, começo da caridade; mas os passos intermediários e o último passo, é a fé, a esperança e a caridade unidas na prática, que dão ao peregrino a força para realiza-las. De resto, os maiores servidores de Deus não são mais que uma etapa mais ou menos distante do ponto de partida.

Assim, as meditações dos mais sábios e os mais piedosos dos homens chegam sempre às conclusões do simples bom sentido comum, quando este sentido comum funciona sobre a base da humildade e do hábito do cumprimento dos preceitos crísticos. Quando se começa por compreender, por amar, por atuar, o exercício de uma destas três funções arrasta e melhora as outras duas. O homem sincero nunca deveria conceber o menor temor sobre seu futuro espiritual. Todas as coisas são simples e certas se enxergadas à sombra de Cristo.

CLARIVIDÊNCIA DIVINA

No episódio da cortesã arrependida é possível encontrar o fruto atual de vossa experiência: o duro pagamento das faltas que pareciam deslizes; a forte felicidade que segue aos períodos pessimistas; a própria espiritualização que afina os sentidos e o juízo; a intimidade mais permanente com Cristo, os fracassos materiais que nos colocam frente à nossa impotência à força; a lenta e secreta reativação de nosso ser que nos conduz à homogeneidade sólida e una do verdadeiro Amigo.

Quanto mais avanço, mais creio que as observações mais simples, mais diretas e mais evidentes são as mais ricas em substância. Assim, no breve relato que recordamos, o feito primordial é que só Jesus discerne os verdadeiros sentimentos da cortesã. Entre seus assistentes, uns se escandalizaram, outros lamentaram o desperdício ou não entenderam nada. O que consome esta mulher, só Jesus vê através de seu estranho gesto suscetível de tantas interpretações desfavoráveis. No entanto, uma acuidade semelhante fica destinada à nossa própria visão, ainda tão débil. É verdade que os olhos são o espelho da alma. Tudo o que fazemos e pensamos sai aos nossos olhos; Reparto minha bolsa, detenho minha cólera, perdoou uma falta, faço o que seja conforme o mandato divino: cada uma destas pequenas forças, humanas no momento de sua emissão para fora, o Espírito Santo em ajuda de minha boa vontade, as integra sublimadas em minha alma; desde este centro, irradiam sobre meus diversos organismos e os espiritualizam. Da mesma forma, mas em sentido contrário, as faltas me materializam e todo o longo trabalho secreto em direção à Luz ou em direção às Trevas, chega os olhos e lhes dá claridade ou obscuridade.

Os exercícios psíquicos dos iniciados não fazem mais do que voltar o sistema nervoso sensível a vibrações diferentes das do plano físico, mas de qualquer forma são sempre dependentes das leis gerais deste mundo. Os exercícios místicos: oração, caridade, humildade nos abrem à ação do

espírito, agente livre de toda lei. As forças criadas, inclusive as mais altas, se esgotam ao atuar, uma recuperação externa lhes é indispensável; o Espírito, pelo contrário, Se nutre de Si mesmo e, quanto mais Se dá, mais aumenta Sua força. Se me disponho a receber o Espírito com o único de meus órgãos capaz de assimilá-lo, meu coração de Luz, não terei que me preocupar de nenhum detalhe; sempre que minha conduta permaneça na retidão de Cristo, tanto exterior, como interiormente, o Espírito me aportará todo o Céu, posto que Ele é o veículo do Pai e do Filho; o Espírito me curará no moral e no físico, aumentará a vida em todo o meu eu, me tornará inteligíveis todas as formas da vida fora de mim, pois é o Amor, a essência da vida eterna. Tudo isso o fará respeitando minha pequena liberdade porque é a Liberdade perfeita. Respeitará não somente a liberdade central de meu coração que suspira pela Luz, mas também todas as pequenas liberdades individuais de meu juízo, de minha memória, de cada uma de minhas faculdades mentais, de minhas próprias faculdades em cada ciência, cada arte, cada realização material ou anímica, todas as pequenas liberdades de cada um dos órgãos corporais, de cada uma das partes destes órgãos, até os mais microscópios. Isso porque o ardor de nosso desejo não nos procura de imediato a vista de Deus. Só somos almas; somos várias almas, vários espíritos, vários corpos e centenas de partes em cada um de nossos três centros; somos um mundo e, quando o *eu* quer, para alcançar o objeto de seu desejo, é necessário que uma importante maioria de todas estas energias com as que operam, queiram na mesma direção que ele. Um rei que queira fazer uma conquista necessita que a maior parte de seu povo também a deseje.

Assim, o tempo é necessário para nossa espiritualização. A cortesã com um coração sedento de absoluto; seu intelecto também desejava a beleza perfeita, como sua alma e seu corpo desejavam a perfeita felicidade. Por acaso seu futuro Mestre a tomou desde a adolescência para leva-la diretamente ao Céu? Não, deixou que se esgotasse a taça da decepção. A inteligência desta mulher tinha a necessidade de provar o vazio dos sistemas, como sua alma de morrer nos jogos terrestres, e a profundidade de suas quedas engendraram o impulso necessário para a altura de suas exaltações futuras.

É possível encontrar um grande número de aplicações à passagem de Maria Madalena na casa do Fariseu. Eis aqui uma relativa à civilização intelectual.

A alma essencial de todo ser, indivíduo, raça, povo, planeta, ciência, arte, é um modo do Verbo. O espírito pessoal de cada uma dessas criaturas possui, neste modo do Verbo, seu esposo legítimo; mas ele é também constantemente tentado por uma cortesã, que é o fermento infernal do egoísmo ganancioso que arrasta a criatura ao culto do *eu* ou aos prazeres materiais. Assim, a cultura grega, tão delicadamente bela, rica e serena é a concubina da raça branca, de lá que a doutrina do evangelho é a esposa legítima.

No entanto, o instante do arrependimento sempre chega para a cortesã, que lança aos pés do Mestre o fruto de suas prostituições, tesouros que os racionalistas como Judas lamentam ver dilapidados. Mas esta perda é apenas aparente; toda esta preciosa beleza, extinta aos pés do Verbo, se transmuta a tempo em Luz pura, eterna e viva. E este é um dos mais poderosos milagres que faz o adorável Terapeuta.

A existência do discípulo consiste em uma série contínua de mortes e renascimentos; cada um de seus vigorosos esforços se converte em uma prostração ao pé do Amado que o leva até Seu coração e, através deste místico e estreito abraço, o discípulo percebe, no olhar do Amigo, em uma linha do Seu rosto, numa prega de Sua veste, a luz tão buscada que lhe revela o poder, a ciência, a arte, cuja possessão lhe apaixona desde há tanto tempo.

A transformação de um coração é outra coisa que se percebe desde fora. As lutas, as recaídas, as palavras persuasivas, não são mais do que o reflexo reduzido de um vasto drama interior onde participam centenas de figurantes. Ai o homem comum só serve de comparsa. O missionário, que

carrega a carga desta conversão dirige tudo, se encontra por toda parte, se ocupa de tudo, mas um homem assim precisa antes de tudo aceitar-se até o Espírito. Deste esse momento tudo nele é possível, pode regenerar uma alma, uma pedra ou um planeta. Digo isso para que saibam bem que nunca estamos sós e que a ajuda divina chega sempre, no momento em que nossa resistência sede.

Eu me detive mais tempo do que de costume sobre este episódio de Madalena para indica-los com o exemplo de como é preciso se dedicar à leitura do Evangelho com profunda atenção, com profundo amor se deve escutá-lo, com que abraço apertado devemos nos unir ao seu espírito para perceber, na simplicidade de seus versículos, os grandiosos universos que se movem livremente ali.

Contempla a repercussão múltipla, no espaço e no tempo, que possuem os atos de um mensageiro do Absoluto. Sem repetir as recriminações das atuais feministas a respeito da escravidão da mulher em épocas passadas, observa o oculto desta passagem.

Naquele dia, Jesus acolheu todos os arrependimentos das futuras pecadoras, cujos clichês erráticos foram evocados pelas vozes alternantes do arrependimento e do amor, aglomerando-se em massa, nesse momento, na segunda atmosfera da sala de festas do fariseu.

O obreiro só atua sobre a matéria com a força dos músculos; o engenheiro, mais instruído, emprega uma máquina que cumpre o mesmo trabalho à ordem de uma manivela sensível. Igualmente, no Invisível, o homem simples atua com a ajuda de ritos, práticas, fórmulas e mesmo assim os resultados são sempre precários e superficiais. Mas para aquele que o Pai comunicou um Arcano, esse pode fazer, instantaneamente, sem esforço, milagres maravilhosos incluindo a renovação de um coração.

POR QUE COM PARÁBOLAS?

Esta forma de ensinamento é a mais antiga, mais popular e a mais compreensível. Estas metáforas, analogias extraídas da vida cotidiana, contém uma parte de verdade que se amplia ou se reduz segundo a força do olhar que as contempla. Assim, podemos contar com tudo o que nos tem sido dado a compreender, ver e escutar.

Os próprios discípulos não captaram de imediato o sentido completo dos discursos de Jesus. Somente depois de ter recebido o dom das línguas, perceberam o que lhes era útil nas palavras de seu Mestre para o cumprimento de sua missão.

Desta forma, o Céu dá a alguns homens inteligência, bem porque trabalharam antes para isso ou porque precisam exercer uma ação. Outros devem dar provas de boa vontade buscando o melhor. Deveríamos escutar, de forma natural, as coisas do Céu; se não as compreendemos é porque fechamos os olhos e os ouvidos durante séculos, para não ser incomodados ao ver e ouvir.

Escutem e vejam. A luz pode vir sob as formas mais vulgares e mais inesperadas. Pode falar pela boca de um homem de talento ou um vagabundo. Tudo é digno de nosso interesse. Todo aquele que nesse momento ouve, mas não escuta, quem sabe se em um ano ou em um século, não buscará com angústia receber o que hoje não é capaz de perceber? É preciso lutar um pouco contra nossas inclinações momentâneas e colher o que a vida nos aporta. Isso é sempre melhor do que aquilo que invejamos.

Do ponto de vista do absoluto, as coisas, os seres, os acontecimentos, as ideias, as emoções, os coletivos, todas as formas da existência universal só aparecem segundo sua identidade real no plano central do mundo, em seu coração e em nosso coração. Sua verdadeira estatura se reflete em seguida de diferentes maneiras em todos os outros planos. Por exemplo, uma caminhada é um

prazer para o corpo; para o dono do lugar onde vamos comer é uma ganância, para o gramado por onde pisamos é uma praga. Uma prova é, no outro lado, é desbravar um campo de arbustos; uma epidemia aqui abaixo, não passa de uma roçada ali; nossas alegrias são feitas com a dor dos outros seres. A ciência verdadeira é aquela que nos faz ver, por trás dos reflexos, o espírito vivo das coisas. Isto depende da pureza de nosso olhar interior, de nossa afinação moral e do favor do Espírito.

A situação social e internacional atual é o resultado do mesmo impulso ao livre individualismo que engendrou a reforma, a Franco-Maçonaria, 1789, 1848, a Internacional, nossa República; mas este impulso, tão nobre, tão generoso, tem sido arrastado, por reação contra o catolicismo tradicionalista, ao admitir unicamente a razão e a substituir o culto a Deus pelo culto a Humanidade. Por outro lado, a história nos mostra, o princípio de autoridade, tanto na política como na religião, tende também ao excessivo. Estas lutas, estes equilíbrios de doutrinas hostis estão na própria natureza das coisas terrestres. Na Natureza não círculos, nem esferas e sim elipses e ovoides. Ademais, da Natureza cuida Deus. De fato há curvas e sólidos não fechados. Não existe mais do que parábolas, eu diria, paraboloides. Por isso o Verbo fala com parábolas.

Não se trata de um simples jogo de palavras. Seguramente o nome de Rambouillet não vem de Ram, assim como a palavra cristal não vem de Cristo, nem todos os vegetais nos quais dominam a cor roxa são igualmente bons para o sangue. Mas nas analogias, os homônimos, as homofonias as vezes contem uma luz. Há luzes por todos os lados, só que tudo é extremamente complicado aqui embaixo; as formas terrestres, consideradas desde cima, são resultados, são produtos de inúmeras forças. Se a folha de um carvalho é de um determinado verde e a folha de um salgueiro de outro, pode haver duas ou três mil causas para esta diferença; também suas virtudes diferem, ademais, o calor não é o único significativo, tem a forma, a textura, os nervos, o sabor, o odor, a densidade... No entanto o fato das duas espécies de folhas serem verdes indica que tiveram uma propriedade em comum, uma só.

Quando o Evangelho diz: “Jesus se expressava por parábolas” é preciso notar primeiramente que estas parábolas não devem ser exemplos, nem similitudes, nem comparações, nem simbolismo, nem alegorias, enfim, retórica. A continuação, o dito entre Jesus e o leitor tem uma grande distância, um espaço muito amplo que não é um deserto, mas sim um mundo, vários mundos, povoados de luzes, substâncias, forças, habitantes e que tudo isso pode desviar o raio visual e deformar o som da palavra divina. É preciso saber também que, desde que o ouvinte faça o que deve, Jesus suprime a distância, a diminui inclusive na medida em que nos inclinamos sob Sua doce lei. As visões intuitivas não percebem muito longe. Temos que tornar nossas intuições tão puras, tão espirituais, tão vigorosas que vão até a verdade ali onde esta se encontra, ou seja, no Centro de nós mesmos, onde brilha a chispa do verbo. Se os românticos, os monistas, Bergson e Willian James e nossos jovens surrealistas tivessem compreendido que está o Criado e logo o Incriado, não teriam feito do homem um deus onisciente; não sustentariam que o ponto mais alto da arte e do pensamento é se colocar em estado receptivo, esperar e anotar as imagens que passam. Sem dúvida, o verdadeiro místico se situa diante de Deus em estado receptivo, mas, previamente, trabalha constantemente em tornar todos os seus órgãos físicos e psíquicos capazes de receber à Deus. O adepto oriental segue esta disciplina segundo um sistema de conhecimento tradicional, o que é um erro, pois todo sistema de conhecimento é provisório. O servidor de Cristo esquece de seu próprio aperfeiçoamento para pensar só em obedecer no trabalho e porque deixa o Mestre atuar em seu lugar, não erra e alcança a meta. Se as lições orais do Verbo encarnado eram em parábolas, as ações do Verbo eterno também são parábolas. Ele lança as criaturas aos campos do Universo e, com o grão semeado no inverno reconhece o grão do outono seguinte, reconhecemos o término do grão cósmico aos mesmos grãos que fomos ao princípio, ainda que multiplicados e crescidos. Com a diferença que se o grão da colheita é idêntico em sua natureza ao grão das sementes – e mesmo assim teria que dizer ai acima, pois a vida sempre quer ascender – se a elipse se encerra na matéria mais ou menos para nós, os humanos, o sacrifício do Verbo abre esta elipse, trasladando o segundo foco ao infinito e transformando-a em parábola. Se os homens, portadores, sem saber, de uma palavra do Verbo, estão

sempre tão tristes, preocupados e extraviados, sem vem mal ou não vem é porque não tem aceitado a palavra divina que o Verbo murmura a eles, não a querem. Agora têm medo, se rebelam contra a palavra, mais tarde a aceitarão, mas depois de quantas batalhas! Bem que poderiam ser totalmente felizes já, mas a matéria, o mundo, a razão lhes fascina. Somos uma elipse, o adepto busca se tornar um círculo, quer unir em um só os dois focos, mas nosso Cristo ensina que é preciso, ao contrário, abrir a elipse, projetando um de seus focos ao infinito. Curvas fechadas são o Destino; curvas abertas são a Liberdade. Todos os rostos que vemos cujas bocas são amargas e os olhares secos, não são assim por causa de uma luta colérica contra a Fatalidade? Os homens negam a Fatalidade e se proclamam livres, rechaçam toda herança, não querem mais leis, nem hierarquias. Mas só se sublevam contra seu tirano. É por isso que se sentem prisioneiros. Não querem admitir que cada uma de suas revoltas apertam um pouco mais os elos de suas travas.

Hoje temos um grande número de homens extremamente inteligentes; já leram tudo, analisaram tudo, compreenderam tudo, admiraram tudo o que pertence ao humano; adquiriram um excesso de cultura, seus cérebros sofrem uma indigestão e seus nervos estão ao limite. Os temperamentos mais ricos destes artistas e poetas tentam reencontrar algo fresco e apetitoso retornando às formas primitivas da arte, aos balbucios dos lirismos pré-históricos e só conseguem fazer o ingênuo e o artificial. O entusiasmo espontâneo não se simula, o homem só não pode voltar ao candor de criança; para isso, é necessário aceitar o socorro do grande Médico das almas, mas ele não quer. Esperemos, então, pois nenhuma rebelião cansa a paciência divina.

Toda palavra pode chegar mais longe que aquele que a pronuncia. Pode ocorrer que as ideias que a precedem se reencontrem um dia próximo, em alguma proclamação de uma nova escola. Nossos discursos seguem também suas pequenas parábolas. As histórias que Jesus contava a Seus discípulos não eram alegorias; quando Ele as explica, não as comenta como os antigos iniciadores. Jesus não é um narrador comum, quando diz algo, acredita. Quando nos fala de grãos semeados em solos diferentes ou de árvores, levedura, pérolas, não são imagens, fala de Si. Estas sementes são Ele. Em um lugar secreto vivem a pérola, a levedura, a semente; estas coisas já estão no Reino eterno. No momento que Jesus a nomeia, descendem à alma da Terra e começam a existir aqui. O que os homens não querem compreender é que a pérola inestimável repousa ao seu alcance, que basta colher a levedura milagrosa, que os grãos de Luz onde dormem a Verdade, a Beleza, a Bondade eternas só precisam ser recebidos e nutridos. Estes fatos, estes fenômenos, estes objetos situados no centro de nosso mundo, irradiam através da palavra toda poderosa do Verbo; quando seus raios caem sobre as pedras deste globo, ou sobre as plantas ou animais, produz um corpo, um vegetal ou um animal novo; quando cai sobre o espírito de um homem e se reflete sobre seu intelecto, sua sensibilidade ou seu corpo, isto engendra uma ideia mais verdadeira, uma arte mais bela, uma força melhor. Tudo isso, com muitas outras consequências colaterais, é a descida lenta do Reino de Deus, a realização progressiva da vontade de Deus.

PARÁBOLA DO SEMEADOR

Esta parábola pode parecer suscetível de numerosos comentários. Podemos imaginar facilmente que há outros semeadores como o Verbo; que os gênios, os deuses ou os anjos também semeiam a pessoa humana; que as formas vivas do mundo físico semeiam nossa sensibilidade ou como os conceitos germinam em nossa inteligência. Podemos imaginar que somos também hora semeadores, hora grãos e hora solos. Tais hipóteses não se correspondem com a verdade e só as reproduzo para colocar um exemplo da distância que separa o significado prático e realista das lições evangélicas com os simbolismos que lhes tiram o sabor. Estas tentativas vão, provavelmente, se multiplicar neste século, no qual floresce a segurança dos novatos muito orgulhosos de repetirem velhas coisas que ignoram.

O próprio de uma semente é levar em si a suma dinâmica da criatura da qual provém e o poder de

reproduzir um ou vários exemplares. A pedra possui sua virtude seminal, como a planta, como a besta, como o homem, como o aborigine do mundo invisível; mas esta virtude se detém na reprodução da forma física. Apesar do que dizem os fisiologistas, os pais não transmitem aos filhos o essencial de seu temperamento, nem de sua mentalidade, pelo contrário, o Eu para o qual transmitiu a hora de trabalhar aqui, mediante as forças morais ou intelectuais, é dirigido ao par de pais, cuja fisiologia e psicologia lhes submetem o meio mais favorável para as experiências que seu destino lhe impõe. Os seres, as coisas, os acontecimentos, os meios não acreditam em nós; imprimem as imagens, nos solicitam ou nos apartam, nos sugerem, às vezes nos tiranizam, mas não podem fazer sair de nós um ser novo, nós também não podemos criar verdadeiramente, podemos apenas copiar.

Não há mais do que um só semeador nos campos do Universo: é o Verbo Jesus Cristo. Só Ele semeia a vida, porque só Ele é a vida. Esta não é a vida que damos aos nossos filhos, é a existência e mesmo assim, não a damos, senão que a transmitimos. Se quiser nascer para a vida, é preciso compreender, sentir e ver que não vivemos, que nada em nós vive realmente, que nos movimentamos num mundo de sombras, que nos apaixonamos por fantasias, que pensamos com imagens. E, ao mesmo tempo, é preciso respeitar estas sombras, querer estes fantasmas, tomar estas imagens, porque nelas jazem, como o grão na poeira do caminho, as possibilidades maravilhosas de nosso nascimento em Deus.

Estas conclusões, repito, se aplicam tanto ao indivíduo quanto ao povo e, no indivíduo, a cada uma das formas de sua atividade, a cada um de seus postos sociais e, na nação, a cada um de seus organismos, de suas obras, a cada uma de suas atividades para com as outras nações.

O Verbo é o único semeador autêntico. Todos nós raças, povos, indivíduos, corpos, almas ou espíritos, somos as únicas terras, pois só o homem possui o privilégio de poder comunicar imediatamente com Deus; as outras criaturas, salvo os anjos, recebem Dele a Luz eterna. Por isso é extremamente importante saber receber as sementes da eternidade. Como não ser nem o duro solo do caminho, nem as pedras, nem os arbustos? Jesus disse: é preciso ter um coração bom e honesto e realizar o mandato divino com perseverança.

Tens bastante experiência para compreender a profundidade e sentir a riqueza destas palavras tão sinceras. Mas frequentemente precisam tratar com pessoas que gostam das complicações. Eis aqui algumas ideias que podereis utilizar em vossas conversas com o exterior.

Consideremos, por exemplo, o trabalho geral do espírito humano.

Este trabalho consiste em investigações sobre o mundo, os feitos, as ideias, sobre os métodos de nosso aperfeiçoamento individual e nossas construções morais, intelectuais e sociais. Há duas formas de conduzir estas investigações. A primeira é a dos sentimentais, intuitivos, apaixonados, livre pensadores, a dos seguidores do romantismo: Montaigne, Rousseau, Delacroix, Proudhon, Bergson. A segunda é a dos sistemáticos, tradicionalistas, partidários da autoridade, seguidores do classicismo, a teologia católica: Bossuet, Ingres, Auguste Comte, Maurras. A primeira é o gênio oriental, a segunda o gênio greco-latino. A perfeição reside em uma síntese dos dois procedimentos, mas isso é raro e impermanente. Flaubert assinala esta síntese em seu diálogo “Del Fenix y la Quimera”; Dante, da Vinci, Racine a alcançaram algumas vezes em suas vias particulares, mas, na via comum e universal, o Cristo é o modelo inigualável e o Evangelho o método perfeito.

Nossos contemporâneos se exasperam diante das regras, não querem obedecer nem mesmo uma regra criada por eles próprios. Esquecem que, em virtude da impotência na qual o homem se debate de culminar para sempre seus desejos, é na obediência onde encontra a felicidade mais sólida e a força mais duradoura. Diante de suas perpétuas desilusões, o orgulho se torna pessimista, como Chateaubriand, mas o humilde se volta ao Céu, se humilha ao extremo e recebe de imediato toda a

certeza e a paz compatíveis com a natureza humana. É a grande lição de Jesus que alcança a harmonia perfeita mostrando-se simples e natural. Mas o compreendem mal; segundo seu caráter, uns tomam só a parte disciplinaria outros a libertaria. Assim é como o excesso de autoridade engendra as revoluções, a negligência, as tiranias.

Não nos afastemos de nossa parábola. A semente divina, a Vida, a inteligência verdadeira, o santo sentir, a energia da vontade, podem cair pelo caminho, pedras, arbustos ou em terra boa.

A terra boa é a harmonia orgânica feita de uma combinação normal de todos os elementos: a areia do caminho, algumas pedras, mato, forma um abono onde o grão encontra um alimento completo. Os arbustos são a vegetação desordenada da tendência libertaria. As pedras são árida nudez da tendência autoritária que se esteriliza a si mesma em seu paradoxismo. O povo do caminho é o amorfo, o anárquico, o inconsciente, onde fatalmente acabam os excessos de um ou outro sistema.

Vimos do povo, retornamos ao povo e não somente o nosso corpo. Tanto o cidadão como o operário, o pensador, o artista ou o religioso começam por debater-se no povo; cada um deve fazer sua eleição. Mas a qualidade desta eleição é extremamente importante. Escolherei me submeter a uma ou outra regra? Escolherei pelo orgulho de me sentir livre? Desta resposta depende estar no exercito do Anticristo ou na Infantaria de Cristo. Mas não adianta enrolar, é necessário fazer o ofício de soldado, ser bom para tarefas incômodas e para a batalha. É preciso obedecer livremente. Sempre a síntese dos contrários; o Verbo, o “primeiro móvel” e o único perfeito, Ele mesmo se semeia sobre a terra, no inerte.

O catolicismo também é duplo; o cristianismo interior de cada um é o que acredita e é a Igreja exterior, monumento de pedra indestrutível, na ordem social e na ordem intelectual. Mira Israel, o povo atanhado mais fortemente organizado em sua religião e em sua política. Desde que foi disperso e perseguido, se tornou o mais ativo dos fermentos revolucionários, talvez, o micróbio vitorioso das sociedades europeias. Sem dúvida que falo em geral, desdenhando os matizes e as transições, exagerando os volumes; anoto aqui uns pontos em referência para organizar seus estudos, pois tudo é infinitamente complexo e qualquer que seja o campo explorado, os indicadores são úteis, ainda que não indiquem a distância. Em todo esforço que Deus tenham em objetivo para nós, nos guardemos dos extremos. Por outro lado, não confiemos de todo em nossa inteligência, nem em nossa vontade, fenômenos de nosso coração, na medida em que saneamos seus entusiasmos com uma disciplina inflexível sobre seus egoísmos e a nossa preguiça. O Concílio de Trento estabeleceu que o atrito, ou seja, um arrependimento provocado pelo temor ao inferno, não basta para assegurar nossa salvação, sendo necessário o arrependimento de ter ofendido à Deus, ou seja, a contrição. Isso é resultado do senso comum.

Levando esta observação ao plano coletivo das sociedades, compreendemos que todas as maneiras de ser são úteis na vida de uma raça. É preciso de uma disciplina como a de Roma, uma liberdade como a da Reforma e, inclusive, em certos momentos, individualismos excessivos como os dos Judeus hoje. Mas, acima de tudo, uma raça necessita de Amor, esse Amor silencioso que o povo, as pedras ou a preguiça afastam da vida, mas que a boa terra cultivável lhe oferece. Esta se entrega inteira à semente, as outras se guardam, só aceitam a si mesmas.

O voluntarioso, o libertário e o inerte fracassam da mesma forma; só triunfará aquele homem ou povo que sabe receber e logo organizar; aquele que sabe ser passivo e logo ativo; jônico e depois dórico; entusiasta e voluntarioso; tirano de seu egoísmo e fraternal ao próximo; duro consigo mesmo e terno para os demais.

*

Não esqueçamos que todo favor comporta uma responsabilidade. O monte de terra onde cai o grão

não fica inerte, trabalha e se esforça igual que o grão. Imitemos. O que o grande Semeador nos confia requer toda nossa solicitude; temos que colocar mãos a obra, em qualquer ocasião, simplesmente, humildemente, discretamente, mas constantemente.

O minúsculo grão que tem sido semeado em nós pede para crescer; suas numerosas demandas o levam ao alto, como o ar e o sol o extraem do talo para cima; suas disciplinas e tristezas alimentam o grão, como o húmus nutre o germe, por baixo.

Peço-lhes um cultivo paciente e cuidadoso do grão recebido; uma preparação livre, solta, confiante, alegre para receber outras sementes preciosas, pois o grande Semeador, a quem pretendemos servir, ninguém pode imaginar o quanto sofreu para descer até aqui, para deixar em nossos obscuros corações as brilhantes sementes de Luz; para reduzir até a miserável capacidade de nossa torpe coragem as formidáveis estrelas do Infinito; para debilitar os deslumbrantes esplendores dos Céus não revelados com a finalidade de que ao tocá-los, nós e este pobre globo que nos acolhe, não sejamos reduzidos a cinzas no mesmo instante. Nosso rigoroso dever é colocar toda a nossa força em reconhecer as imensas fadigas Daquela que, unicamente no mundo, nos ama de verdade.

*

O tempo em que vivemos é um dos mais deprimentes; a situação de nossa pátria é incerta, se parece pior do que aquelas situações de guerra que se apresentaram à nossa frente várias vezes; todo mundo está ansioso, não podemos deixar de sentir a inquietude geral, mas não podemos nos deixar cair nela. Esta inquietude parece mais profunda hoje do que foi em outras épocas igualmente críticas de nossa historia. Outrora os cimentos sociais não pareciam sólidos porque estavam em vias de construção, enquanto que hoje, quando se movem, tememos que não seja por sua antiguidade. Ademais, os caracteres são muito menos comprometidos. Muita gente que já não quer a tradição; muita gente já não quer a autoridade, nem a esperança divina, nem a simples razão. Não podemos fazer nada sobre isso. Nascemos nesta época, não devemos reclamar, só temos que olhar a situação de frente.

Quando estiverem cansados, olhem para a constância de nosso Pai, a perseverança incompreensível de Seu Filho. Não falo do que faz pelo universo desde o primeiro minuto do tempo, a perspectiva seria muito vasta. Mas, olhem o que faz por nossa terra, desde há 20 séculos e por nossa raça. Ele Se representa sob a figura do semeados, mas a semeadura que pratica não é tão tranquila como a dos camponeses, porque Ele é o semeador e também o grão. O camponês lança seus punhados sobre a terra boa e espera o sol e a chuva; mas o Verbo não lança as sementes de Luz do alto dos Céus, mas primeiro se dá ao trabalho de descer através do zodíaco. Esta viagem dura séculos, como sabem, e cada passo do eterno Peregrino é uma encarnação sobre o astro sobre o qual coloca Seu pé. Imaginem o que isso representa de sofrimento, inquietude, crucifixões, esperanças infinitas frustradas sem cessar. Pensa que desde Sua ascensão, nosso Cristo não deixou de olhar para este mundo, e que só vê pedras e mato onde nenhuma espiga cresce. Pensa que talvez, quem sabe, poderia ter voltado a tomar um corpo em segredo para impedir que este planeta caminhe para o nada. Pensa que, desde sua existência histórica, dos milhares e milhões de seres humanos que já viveram, Ele encontrou somente alguns centos de espigas que chegaram a amadurecer. Sem dúvida as gerações não se renovam constantemente, as mesmas voltam várias vezes; apesar disso, os resultados da paciência divina parecem bastante concisos para nossa impaciência.

Pensa que cada um de vocês está, como o Cristo, na cabeça do mundo; nós mesmos somos nosso campo e os semeadores, como nossa pessoa é minúscula, comparada com um astro, os grãos que devem fazer crescer são igualmente pequenos e frágeis de vitalidade. Não desanimemos. Jesus desanimou? Não nos deu um trabalho proporcional a nossas forças? O soldado não sente crescer seu ânimo na medida em que a luta se faz mais dura? Não sabemos que a vitória é nossa?

Perdoem se digo coisas que não lhes agradam, mas como às vezes me confessam seus cansaços, descontentamentos, êxitos também, sem nada me dizerem da alegria profunda onde vive o soldado do Céu, penso que não a tens. E, como sei que o Cristo a dá sem falta a quem Lhe serve sem duvidar, concluo que deves estar passando por maus momentos. Não é necessário, podem fazer com que a paz do Céu abunde em vós deliciosamente.

*

Devemos tudo ao Céu e nada fazemos por Ele. Se nos fosse possível ver os inumeráveis dons que o Pai distribui sem cessar e o imperceptíveis que, por outro lado, são nossas pobres virtudes, estaríamos aterrorizados e desesperados. Recebemos o Oceano e deixamos algumas gotas de água sobre o solo árido de nosso campo. Felizmente, não medimos a espantosa desproporção. Por todas as partes, na Natureza, existem caminhos arenosos, de pedras e mato e somente uma quarta parte de terra boa, mas depende do homem melhorar estas areias, pedras e solidez. O homem é o rei da criação, mas infelizmente só quer ser rei para explorar seus súditos e não para distribuir-lhes todas as suas riquezas. Nossa dignidade nos esmaga diante da Justiça e nem assim reconhecemos a inesgotável Misericórdia.

Teríamos que estar constantemente atentos à possibilidade de receber um grão do grande Semeador. Contrariamente ao que acreditam os sábios, a Criação não terminou, continua, e cada minuto terrestre, cada lugar, cada órgão pode ser o ponto inclinação de uma parcela da Vida divina.

Seria preciso, pois nosso coração é fraco demais para se encontrar em dois lugares simultaneamente, utilizar cada segundo livre para nos colocarmos diante de Deus, sem pensar, sem estar tensos, tranquilamente, docemente, sem exaltações, mas sem se derrubar nunca.

Seria necessário primeiro e antes de tudo não se deixar distrair-se ou afastar-se de Deus. Em seguida, que as provas não se separem Dele. Nosso coração é de pedra, coberto de um casão; para desagregar esta pedra, para pulverizá-la e transformá-la lentamente em terra de semear, é preciso contar com a neve, a chuva, o sol, o fogo da tormenta e o corte de alguns Agricultores; ou seja, os diversos sofrimentos que tão mal aceitamos, a pobreza, as calúnias, as decepções, os falecimentos. Seria preciso ainda, que não deixássemos crescer em nós os desejos pelos bens terrestres que vistos à Luz, não são mais do que ervas daninhas. Seria preciso, enfim, como Jesus disse expressamente, que nosso coração se torne completamente honesto; que não se faça dano a nenhuma criatura e seja completamente bom: que faça o bem a todas as criaturas.

Observa aqui que os estados psíquicos e mentais são, na realidade, seres vivos. Vícios, defeitos, virtudes, tendências, pré-existentes antes e depois de sua manifestação em nós, sob formas vegetais, animais e pseudo-humanas. As parábolas são alegorias para os moralistas e filósofos, mas descrições exatas para aqueles que tiveram os olhos abertos pelo Espírito.

Tomemos o máximo de cuidado em resistir às influências temporais. Aceitemos somente as eternas, olhemos primeiramente para o Cristo.

PARÁBOLAS DO GRÃO

O dever de quem recebeu é transmitir: pode ser uma luz intelectual, uma força compassiva, riqueza, poder terapêutico, é necessário compartilhar com todos, totalmente. Um dos efeitos da obra messiânica é situar no alto o que estava abaixo até então, colocar na luz os habitantes das cavernas, tornar os mistérios compreensíveis. Ter em segredo somente o que poder servir ao mal ou os defeitos do próximo.

Todo homem recebe com a existência, uma chispa da Luz divina. Mas quem não a aproveita e não a oferece como alimento, pode vê-la arrebatada e oferecida a algum de seus irmãos que dela terá cuidado. Quando ouvirmos ou virmos algo de Deus, aceitemos com reconhecimento, com humildade, coloquemos em prática. Ao orgulhoso lhe será tirado inclusive o que acredita ter.

Isso é somente para que nosso trabalho tenha como resultado direto o crescimento dos grãos espirituais que estão em nós, melhorando o terreno do cultivo e dispersando as nuvens que tapam os raios do sol místico. Uma vez semeado o trigo e pago o solo, a espiga cresce sem que o lavrador saiba como. Só temos que cumprir nosso dever o melhor possível, o Céu se ocupa do resto.

Este não é o único a semear de fato os campos de nosso espírito. O adversário também tem este poder. Na imensa maioria dos casos, a erva daninha afoga o trigo, mas também ocorre que este melhora um pouco o joio. Inclusive, no domínio do nosso livre arbítrio, as boas ou más ações são também grãos, por isso frequentemente colhemos desgostos, tristezas e apatias.

O bem e o mal estão lado a lado e os anjos do Senhor os deixam crescer juntos, por medo de destruir um pouco do bem seja arrancado quando a colheita ainda é nova. Só quando venha o grande Juiz os maus serão atirados ao fogo do sofrimento e os bons verão aumentar o tesouro divino ao constituir-se, no mesmo lugar do mundo onde evoluíram, uma colônia do Reino. O inferno é eterno no sentido que, desde o começo até o fim da criação, sempre se encontrarão lugares em que se sofre, ainda que ninguém permaneça para sempre sob a palmatória dos demônios. Os ceifeiros angélicos não permitem que nada se perca, mas não destroem nada. Nós mesmos estamos em um campo no qual o metre colocou o trigo e, a noite, o ceifeiro aparece, quando os guardas se voltam as costas, semeando as ervas daninhas. O solo tem o dever de nutrir perfeitamente o trigo. Se não o nutre, sabe que será removido de cima a baixo pelo mestre, antes de confiar-lhe novas sementes.

ÚLTIMAS PARÁBOLAS

“Não há para o homem mais frutos reais que os que crescem de sua própria profundidade”, disse Lodoik, conde de Divonne. O Céu nos dá o grão; para que este cresça é necessário tempo e esforços, porque, na natureza, tudo está submetido à lei do tempo, já que nela nada é independente. Uma faculdade psíquica precisa de uma base, um solo para lançar raízes. Se, por exemplo, a bondade cresce em nós, seu exercício implica prudência, tato, inteligência, qualidades mentais, força muscular, império sobre si mesmo, sem os quais nos faltaria a energia necessária para os atos caritativos, fazendo com que a virtude murchasse em nós.

Cumprindo nosso trabalho cotidiano, só temos que esperar com confiança os resultados do cultivo místico. Os primeiros podem parecer insignificantes à luz da razão; o Céu terá cuidado de Sua obra. Assim como um pouco de fermento faz subir a farinha, a Luz atua em nosso espírito, nossa vitalidade e nosso corpo, mas sua ação é tão sutil que apenas a sentimos. Também penetra em todos os planos do mundo, ainda que oculta. Isto é o que os teólogos compreenderam parcialmente quando explicam que a mulher do Evangelho é a Igreja, que oculta nas três grandes famílias humanas o fermento de sua doutrina (D. Guéranger).

Estes ensinamentos que parecem tão simples aos que possam ouvir, não eram conhecidos dos antigos sábios. Eles não tinham noção da presença divina, ativa e real; concebiam a presença como um rio de força fluídica, como um sopro descendendo desde o cume do mundo, cujos esplêndidos habitantes enviavam aos filhos da Terra, de vez em quando, um influxo vivificante. Mas o caminho que leva ao Absoluto não estava traçado naquela época; não podiam perceber, no drama cósmico, mas do que o jogo equilibrado dos intercâmbios naturais.

O lavrador encontra, sem busca-lo, no curso de seu trabalho cotidiano, o tesouro celeste. O

comerciante busca e só encontra uma pérola, ainda que tenha um alto preço. O Reino está mais ao alcance dos simples. E, com efeito, desde que Jesus fez com que sentíssemos Sua presença, todo o resto nos parece indiferente. Abandona-se tudo: amizades, amores, riquezas, ciências, celebridades e os lugares que estes hóspedes de passagem ocupavam nos apartamentos de nosso espírito, ficam livres; todas as forças se colocam agora a serviço do Mestre, todas as inquietudes desaparecem, todos os desejos se unificam, toda ignorância se ilumina na chama vitoriosa do Amor. A parábola da pesca é análoga à do joio.

Esta série de semelhanças traça todos os modos de solicitação divina: a distribuição da Luz, seu cultivo, seu crescimento, a luta da doçura contra o mal, a poderosa expansão do Espírito, Seu mistério, a beatitude que dispensa e a classificação dos discípulos. Os que têm levado suas pesadas correntes e ainda mais ajudado os outros a levarem as suas, são admitidos na liberdade total.

Quando os meninos se portam bem, o pai, à tarde, esvazia os cofres onde guarda os objetos preciosos que tem colecionado e lhes mostram pouco a pouco, instruindo-os enquanto os divertem; a curiosidade dos pequenos desperta suas afeições, aviva suas inteligências e às vezes lhes indicam sua vocação. Igualmente, Cristo veio para que admiremos alguns esplendores de Seu Reino, para que nos brote o desejo de ver todos estes esplendores algum dia, para que os esplendores nos sirvam, segundo o que nos prometeu em nome de Seu Pai.

Mas, há outras muitas maravilhas não descritas no Evangelho. Virá o tempo em que poderemos contemplá-las na casa de Deus. Para chegar ali, não é necessário buscar diretamente a recompensa; a compreensão que podemos adquirir por nós mesmos dos mistérios só pode ser parcial, carregando-nos de um fardo pesado demais; a cabeça engordaria enquanto o corpo ficaria raquítico. Devemos fazer nosso dever; quando tivermos dado o último toque, o Pai nos dará a herança. Nosso eu, tanto em sua parte consciente como em seu inconsciente, se compõe de forças vindas da Natureza, que só podem se alimentar de alimentos naturais, ou seja, relativos; as ciências e os poderes que delas resultam são como consequência, forçosamente incompletos, mesclados com erros. Só o Espírito puro comporta o verdadeiro absoluto, porque não leva nenhuma corrente, nem do tempo, nem do espaço.

Espera o batismo do Espírito e saberás de tudo e tudo lhe será dócil.

FIM